

**Organizadores**

NILTON SOUSA DA SILVA

RICARDO DE QUEIRÓS BATISTA RIBEIRO

# C.G.JUNG & PAUL NURSE



EPIGENÉTICA E ECOS CULTURAIS DE  
UMA HOMEOSTASE PSÍQUICA



LaPsiAfro

**Ricardo de Queirós Batista Ribeiro**  
**Nilton Sousa da Silva**  
Organizadores

# Carl Gustav Jung & Paul Nurse: epigenética e ecos culturais de uma homeostase psíquica

1ª Edição



## **LaPsiAfro**

Laboratório de Psicologia e Informações Afrodescendentes



Endereço: Instituto de Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). BR 465, Km 7, Seropédica, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Caixa Postal 74552 • CEP 23897-970

Tel. +55 (21) 2682-1841 ou 99611-9754

[lapsi\\_afro@ufrj.br](mailto:lapsi_afro@ufrj.br) • <https://r1.ufrj.br/lapsiafro/>



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA  
DE NORMAS  
TÉCNICAS

Av. Treze de Maio, 13, 28º andar  
Centro - Rio de Janeiro, RJ  
CEP: 20031-901  
+55 (21) 3974-2324



Rua Cristiano Viana, 91  
Pinheiros - São Paulo, SP  
CEP: 05411-000  
+55 (11) 3069-1300

---

## Comitê Editorial

**Edição Geral:** Ricardo de Queirós Batista Ribeiro

**Edição Científica:** Nilton Sousa da Silva e Ricardo de Queirós Batista Ribeiro

**Normalização:** Ricardo de Queirós Batista Ribeiro

**Diagramação e Projeto Gráfico:** Pamela Cristina Salles da Silva e Ricardo de Queirós Batista Ribeiro

**Arte da Capa:** Pamela Cristina Salles da Silva

### Revisores Linguístico:

Agatha da Fraga Silva  
Alexandra Chaves Brazão  
Hinndyiracemma Moura Saraiva  
Jesua da Silva Maia  
Lucas da Costa Fonseca  
Samara Ciscotto de Andrade  
Thaysa Matos Castro  
Vinícius Miguel Mota Gonçalves da Silva  
Vitória Zacarias Bochoschi

### Conselho Científico/Editorial:

Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira (UFRRJ)  
<http://lattes.cnpq.br/2005836026921987>

Prof. Dr. Cacio José Ferreira (UnB)  
<http://lattes.cnpq.br/1928500395861445>

Prof. Dr. Carlos Eduardo Coutinho da Costa (UFRRJ)  
<http://lattes.cnpq.br/6172194514076168>

Prof. Dr. Fernando Bonadia de Oliveira (UNICAMP)  
<http://lattes.cnpq.br/2160894883696321>

Prof. Dr. Jesús Domech Moré (IBMEC-Rio)  
<http://lattes.cnpq.br/5579828874690000>

Prof. Dr. Silvar Ferreira Ribeiro (UNEB)  
<http://lattes.cnpq.br/0130140163490918>

Profª. Drª. Vânia Lúcia Muniz de Pádua (UERJ-ZO)  
<http://lattes.cnpq.br/4292241117757990>

**Este livro foi submetido à revisão por pares, conforme exigem as regras do Qualis Livros da CAPES.**

**Comissão Científica:**

Profª. Drª. Celia Vettore - UFU  
<http://lattes.cnpq.br/1988703360699438>

Prof. Dr. Fabio José Cardias Gomes - UFMA  
<http://lattes.cnpq.br/0895767024534705>

Prof. Dr. Filipe de Menezes Jesuino - Unichristus - Fortaleza-CE  
<http://lattes.cnpq.br/4524846664941937>

Prof. Dr. Jefferson Olivatto da Silva - UEL  
<http://lattes.cnpq.br/0088578024264046>

Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias - AJB  
<http://lattes.cnpq.br/0927893406184591>

Profª. Drª. Sonia Maria Bufarah Tommasi - Unipaz - Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Profª. Drª. Soraya Cristina Dias Ferreira - PUC - Minas  
<http://lattes.cnpq.br/0574945245609185>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484c

Carl Gustav Jung & Paul Nurse: epigenética e ecos culturais de uma homeostase psíquica [recurso digital] / Organizadores Ricardo de Queirós Batista Ribeiro, Nilton Sousa da Silva – 1. ed. – Seropédica, RJ: LaPsiAfro, 2025.

Autores: Bruno Correia da Mota; Kelly Xavier Madaleny; Melissa Fernandes Manhães; Nilton Sousa da Silva; Pamela Cristina Salles da Silva; Ricardo de Queirós Batista Ribeiro; Tione Eckhardt Vieira de Carvalho; e Túlio Alcântara Valente

1427Kb. 182p.

ISBN 978-65-01-35374-6 (e-book)

1. Epigenética-social. 2. Homeostase psíquica. 3. Arquétipo. I. RIBEIRO, Ricardo de Queirós Batista (org.). II. SILVA, Nilton Sousa da (org.).

CDD 150.195 4

CDU 159.964



## LaPsiAfro

Laboratório de Psicologia e Informações Afrodescendentes



Endereço: Instituto de Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). BR 465, Km 7, Seropédica, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Caixa Postal 74552 • CEP 23897-970

Tel. +55 (21) 2682-1841 ou 99611-9754

[lapsi\\_afro@ufrj.br](mailto:lapsi_afro@ufrj.br) • <https://r1.ufrj.br/lapsiafro/>

**Declaração de Autoria e Originalidade:** Os autores dos capítulos declaram serem os únicos e exclusivos criadores da obra, garantindo que o conteúdo é original e que não infringe direitos autorais de terceiros. Além disso, os autores asseguram que a obra não contém material difamatório, calunioso, obsceno ou que viole quaisquer leis ou direitos de propriedade intelectual, privacidade ou publicidade de terceiros. Fica expressamente estabelecido que a responsabilidade civil (e, em casos extremos, penal) pelo conteúdo da obra é exclusiva dos autores dos capítulos. A editora atua apenas como meio de reprodução e divulgação do material, não endossando necessariamente as opiniões ou fatos apresentados.

## **APRESENTAÇÃO**

### **Carl Gustav Jung & Paul Nurse: epigenética e ecos culturais de uma homeostase psíquica**

A presente publicação consubstancia o resultado de pesquisas que visaram a intertextualidade do conteúdo do livro "O que é a vida? (compreendendo a biologia em cinco passos)", do autor biólogo celular e geneticista, Paul Nurse (1949-), com o campo epistemológico teórico e prático, da vida e obra do médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), para verificar ecos da visão de mundo do biólogo celular, Paul Nurse, reverberando sobre conceitos elaborados pelo psicólogo suíço, ainda no primeiro quarto do século XX.

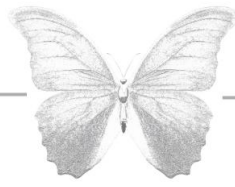
A seguir será apresentado, em capítulos, o resultado das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes da equipe do LaPsiAfro que participaram desse projeto de pesquisa.

**Seropédica RJ**  
**Novembro de 2025**

## SUMÁRIO

1	Incursões via C. G. Jung entrelaçadas com Paul Nurse .....	8
2	A vida precisa de uma alma?.....	38
3	Paul Nurse, cientista ocidental: apontamentos e sugestões .....	56
4	Impactos transgeracionais do racismo em mulheres negras: fatores biopsicossociais e epigenéticos .....	77
5	O significado do propósito biológico da vida .....	101
6	Resistir Sensivelmente: diálogos entre Muniz Sodré, Carl G. Jung, Antônio Damásio e Paul Nurse .....	121
7	Coletividades Negras e Memória Ancestral: entre a vida biológica, a psique coletiva e a narrativa pessoal.....	141
8	Alimento como elemento Mágico no Candomblé: Uma interação de energias psíquicas e fisiológicas.....	160





## 1 Incursões via C. G. Jung entrelaçadas com Paul Nurse

Nilton Sousa da Silva<sup>1</sup>

Giorgio Parisi, recentemente ganhador do Prêmio Nobel de Física em 2021, publicou, no mesmo ano, em colaboração com Anna Parisi, o livro intitulado: *In un volo di storni: Le meraviglie dei sistemi complessi* [A maravilha dos sistemas complexos: uma jornada pelas descobertas da física contemporânea]. Indiscutivelmente, a leitura do livro é uma jornada intelectual pela maravilhosa história da dignidade de alguns seres humanos. No livro 'O que é a Vida?', Paul Nurse, nascido em 1949, na cidade de Norfolk, Inglaterra, renomado biólogo celular, geneticista, e detentor de um Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 2001, explica que ainda não temos uma definição padrão para a vida e explica porque o título do seu livro "foi descaradamente roubado de um físico, Erwin Schrödinger, que publicou, em 1944, um volume importantíssimo com o mesmo nome." (Nurse, 2021, p. 12). Paul Nurse prossegue apresentando a sua obra, dizendo-nos que:

Neste livro, faço a mesma pergunta — o que é a vida? —, mas não acredito que *basta* decifrar a hereditariedade para obter uma resposta completa. Em vez disso, vou levar em consideração cinco grandes ideias da biologia, usando-as como passos que podemos dar, um de cada vez, para melhor percebermos o modo como a vida funciona. Essas ideias, em sua maioria, já existem há algum tempo e em geral são bem-aceitas para explicar o funcionamento dos organismos vivos. Entretanto, juntarei tais ideias de formas novas e as usarei para desenvolver um conjunto de princípios unificadores que definem a vida. Espero que elas o ajudem a ver o mundo vivo com novos olhos. (Nurse, 2021, p. 13)

<sup>1</sup> Nilton Sousa da Silva, tem Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF), com Mestrado em Filosofia (UERJ), Doutorado em Psicologia (UFRJ), e Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ), professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. É o coordenador do Projeto de Pesquisa Carl Gustav Jung & Paul Nurse: epigenética e ecos de uma homeostase psíquica.



Na última citação, encontramos a palavra ‘basta’ em itálico, o que expõe uma compreensão do autor, Paul Nurse, sobre a sua concepção do conceito de vida, bem como uma afirmação que vai além do reducionismo hereditário (Nurse, 2021, p. 13): “[...] mas não acredito que basta decifrar a hereditariedade para obter uma resposta completa.” Essa afirmação dá liberdade ao interlocutor para buscar novos modos de compreender a vida além da condição biologizante. Contudo, Paul Nurse também menciona a necessidade de um diálogo com outras ciências naturais (exatas) e humanas (sociais).

A questão atual da fronteira interdisciplinar do conhecimento é abordada em cada um dos cinco capítulos do livro ‘O que é a Vida?’: ‘A célula’, ‘O gene’, ‘Evolução por seleção natural’, ‘A vida enquanto química’ e ‘A vida enquanto informação’. Respectivamente, cada capítulo possui seu complemento, onde se encontram as fronteiras do conhecimento humano: ‘O átomo da biologia’, ‘O teste do tempo’, ‘Acaso e necessidade’, ‘Ordem no caos’ e ‘Trabalhando como um todo’. Um ponto sensível e, talvez, crucial está no capítulo ‘A vida enquanto química’, pois Paul Nurse faz uma afirmação notável: “Se existe algo que se pareça remotamente com uma ‘faísca vital’ que sustenta a vida, talvez seja esse minúsculo fluxo de cargas elétricas atravessando uma membrana.” (Nurse, 2021, p. 135)

Dizer um “minúsculo fluxo de cargas elétricas atravessando uma membrana” (Nurse, 2021, p.135-136) não é o mesmo que dizer que uma e, somente uma, minúscula carga elétrica “sozinha” faz algo por si mesma ou pelas demais. Embora, em determinados fenômenos na escala da microbiologia humana, também encontremos fluxos de cargas elétricas na menstruação, na ejaculação e na fecundação, contudo, geralmente somente um indivíduo da espécie aparece após nove meses de gestação. Observação: No livro “O que é a vida?”, Paul Nurse, aborda a questão por meio de uma escala da microbiologia que literalmente mergulha no mundo das células de

diversos tamanhos, tecendo comparações didáticas com laboratórios, fábricas, indústrias e cidades para facilitar a compreensão do leitor.

Ainda sobre a possibilidade de uma célula produzir energia, Paul Nurse nos diz: “A primeira pessoa a imaginar que as células talvez produzissem energia de um modo tão inesperado foi o bioquímico britânico Peter Mitchell, detentor de um prêmio Nobel”. (Nurse, 2021, p.133)

Convido o leitor deste texto a recuar ao cenário social da transição do terceiro para o último quarto do século XX. Ativemos a memória e lembremos que, na América do Norte, o renomado astrofísico Carl Sagan publicou em 1973 seu livro: *The Cosmic Connection* [A Civilização Cósmica: Uma perspectiva extraterrestre], lançado no Brasil em 1976 pela Editora Artenova. Logo no início do prefácio, Carl Sagan se faz várias perguntas e apresenta reflexões, cuja riqueza reside justamente no contraste entre o antes e o depois, no contexto histórico-social de 1973, em relação ao tempo cronológico da vida do próprio autor Carl Sagan. Ele nos diz:

Mesmo hoje, há momentos em que o que faço parece-me um sonho improvável, embora extraordinariamente agradável. Estar engajado na exploração de Vênus, Marte, Júpiter e Saturno; tentar reproduzir as etapas que conduziram à origem da vida, há quatro bilhões de anos, numa Terra muito diferente da que conhecemos; fazer pousar instrumentos em Marte para pesquisar a existência de vida; e talvez estar empenhado num esforço honesto de comunicação com outros seres inteligentes, se é que eles existem, lá longe, na escuridão do céu da noite. (Sagan, 1976, p.11)

Hoje, estamos a meio século de distância da primeira publicação da obra: ‘A Civilização Cósmica’, e neste exato momento, que marca o final do primeiro quarto do século XXI, há um experimento em andamento na Nasa (*National Aeronautics and Space Administration* / Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço) com humanos isolados dentro de um conjunto de contêineres, simulando o solo avermelhado e a atmosfera de Marte. O objetivo é tornar o ambiente do experimento o mais próximo possível dos dados acumulados sobre o planeta vermelho. Esses dados revelam um avanço

significativo no conhecimento humano sobre a astrofísica. E, já em 1973, Carl Sagan comentava:

Tivesse eu nascido cinquenta anos antes, não poderia me dedicar a nenhuma dessas atividades. Não passavam, então, de devaneios, de imaginações especulativas. Tivesse eu nascido cinquenta anos mais tarde, tampouco poderia participar desses esforços, exceto talvez do último, porque daqui a cinquenta anos o reconhecimento preliminar do Sistema Solar, a pesquisa de vida em Marte e o estudo da origem da vida estarão terminados. Considero-me extraordinariamente afortunado de estar vivo no momento exato da história da humanidade em que tais empreendimentos se realizam. (Sagan, 1976, p. 11)

Carl Sagan nasceu em Nova Iorque em 9 de novembro de 1934 e faleceu em 20 de dezembro de 1996, em Seattle, ambas cidades localizadas nos Estados Unidos da América (EUA). De acordo com a reflexão de Carl Sagan, considerar a cronologia cinquenta anos antes do seu nascimento nos leva à década de 1880, no final do século XIX. Da mesma forma, avançando cinquenta anos após seu nascimento, chegamos à década de 1980, no final do século XX. No entanto, seu lugar pioneiro como “humanista” e homem de ciência, divulgador do pensamento filosófico-científico da sua época, é precisamente o que ocorre na década 1980, na qual ele ganha destaque e notoriedade, com a minissérie lançada na televisão: ‘Cosmos: Uma Viagem Pessoal’. Na década seguinte, o filme ‘Contato’ (1997), baseado no romance de Carl Sagan, retrata o entrelaçamento da Ciência, Religião, Filosofia e Política em uma única obra de ficção. Contudo, essa obra pode ser considerada um advento da potencialidade da ‘informação’ no espaço sideral do século XXI. As pesquisas e experimentos espaciais atuais são as provas vivas da busca por vida extraterrestre!

Ainda em 1973, no Capítulo 1: Um Animal de Transição, do seu livro: ‘A Civilização Cósmica: uma perspectiva extraterrestre’, Carl Sagan faz a seguinte reflexão:

Eventualmente, há muitos bilhões de anos, formou-se uma molécula de propriedades notáveis. Era capaz de produzir, a partir dos blocos de construção moleculares da água que a cercava, uma cópia bastante exata de si mesma. Num tal sistema molecular há um conjunto de regras, um código molecular contendo a sequência dos blocos de construção, que permite a produção de uma molécula maior. Quando, por acidente, há uma mudança na sequência, a cópia também se altera. Esse sistema molecular — capaz de duplicação, mutação e reprodução de suas mutações — pode ser chamado de “vivo”. (Sagan, 1976, p. 17)

Não se pretende responder o que é a Vida, nem muito menos explicar como ocorreu a origem da espécie humana com sua miríade cultural de grupos humanos. No entanto, compreender as explicações de pesquisadores devidamente respaldados contribuirá para a construção e o propósito da intertextualidade deste e-book: Paul Nurse e Carl Gustav Jung.

Na expressão de Carl Sagan: “Esse sistema molecular — capaz de duplicação, mutação e reprodução de suas mutações — pode ser chamado de ‘vivo’”, além de poder ser chamado de vivo, ele revela paulatinamente uma estética nas fórmulas da química, uma simetria nas equações da física e uma deidade nas expressões da biologia, que dão sentido à ubiquidade da energia mundial, universal e sideral. Sim..., Carl Sagan estava além do seu tempo, e seus escritos comprovam a vanguarda de seu pensamento ‘ecossistêmico’.

A dimensão fílmica de uma cena do documentário: ‘Cosmos: Uma Viagem Pessoal’ não necessita de nenhuma palavra ou narrativa oral. Apenas uma imagem de um campo gramado, com um grupo de pessoas formando uma família, fazendo um piquenique, e a tomada dessa imagem de cima que, pouco a pouco, vai se afastando do gramado e do grupo; assim, uma imagem de ponto de partida permanece na Terra, enquanto a outra imagem, que é o ponto de chegada, vai ao encontro do infinito do espaço sideral: há um convite à imaginação de cada ser humano para alcançar o ponto final.

Na época, saindo de um campo gramado, Carl Sagan nos levou à contemplação do macrocosmo, e ainda nem existia a atual popularidade e utilidade dos drones. Hoje, a quantidade de artefatos tecnológicos voadores orbitando ao redor do planeta Terra ou sobre os países do planeta

proporciona um profundo sentimento de que uma obra de ficção científica já nasce como algo do passado. Todavia, isso apenas confirma a capacidade da espécie humana de imaginar e realizar escolhas diante das opções, pois um drone também pode matar...!

Ainda no campo da ficção científica e de volta à dimensão telúrica, a espécie humana também contemplou a obra cinematográfica: 'Viagem Fantástica', produzida em 1966 e dirigida por Richard Fleischer (1916-2006). O filme apresenta a miniaturização de um submarino sendo injetada no vaso sanguíneo de um paciente, com o objetivo de encontrar e dissolver um coágulo sanguíneo. O submarino, navegando pelos vasos sanguíneos, encontra glóbulos brancos e vermelhos, além de vírus e bactérias, amigos e inimigos, daquele imenso mundo microscópico do sistema orgânico humano. E..., sim..., era uma ficção científica produzida na segunda metade do século XX, e hoje, no primeiro quarto do século XXI, a nanotecnologia é uma realidade no combate a diversos tumores e outras possibilidades no ato do tratamento de células específicas dentro de um sistema orgânico para manter a homeostase de um organismo.

Uma célula (biologia), uma partícula (química), um fóton (física) são conceitos que, paulatinamente, envolvem o estado da arte (filosofia) de um determinado conhecimento, em diálogo com a estética, com a simetria, e com a ética, embora nem sempre. Todavia, na produção de um saber (ciência) com consciência, conforme a obra literária do sociólogo Edgar Morin (2003) 'Ciência com Consciência' e outros pensadores, após a Segunda Guerra Mundial, como em Hiroshima e Nagasaki.

A vanguarda do pensamento do astrônomo Carl Sagan também aparece no pensamento do médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung, na constante busca por aprimorar, compreender e descrever aspectos do comportamento humano ao longo das eras e das respectivas manifestações culturais. Neste ponto, o cuidado com a intertextualidade se evidencia no pensamento junguiano, ao mesmo tempo que ratifica e reforça uma simetria na orientação da energia psíquica contida em outros

pensamentos ao longo da própria história da humanidade. Sem sombra de dúvida, a expressão do óbvio oprime alguns intelectuais na contemporaneidade, pois a História sempre foi a principal testemunha das manifestações da Natureza e, dentro desta, habita a espécie humana, que já se lança ao espaço sideral. Portanto, há uma elaboração artística, religiosa, filosófica e/ou científica sobre um fato histórico material ou imaterial que se manifesta como fenômeno para a consciência humana. Após o advento da escrita, a criptomnésia aparece nas entrelinhas das leituras, sejam elas selecionadas ou não. Quando surge no contexto da última, o devido cuidado com o fenômeno da 'criptomnésia', apontado pelo psicólogo Carl Gustav Jung, até lembra a poesia da letra musical 'Certas Canções', do compositor e cantor Milton Nascimento:

Certas canções que ouço / Cabem tão dentro de mim / Que perguntar carece / Como não fui eu que fiz / Certa emoção me alcança / Corta-me a alma sem dor / Certas canções me chegam / Como se fosse o amor / Contos da água e do fogo / Cacos de vidas no chão / Cartas do sonho do povo / E o coração pro cantor / Vida e mais vida ou ferida / Chuva, outono ou mar / Carvão e giz, abrigo / Gesto molhado no olhar / Calor que invade, arde / Queima, encoraja / Amor que invade, arde / Carece de cantar.

Carl Gustav Jung, em 1902, descreve a experiência da criptomnésia da seguinte forma:

Este processo de âmbito geral se repete também no âmbito menor da linguagem há poucas combinações novas, tudo são praticamente fragmentos velhos e assumidos do passado. Reproduzimos as palavras e frases de nossos pais, professores e livros, e quem fala com esmero, devido a um dom natural, esse fala "como um livro", ou seja, como o livro que ele leu, ele repete maiores trechos do que outros conseguem fazer. Se for uma pessoa decente, provavelmente não falará assim ou dirá abertamente em que fonte se baseou. Mas se alguém reproduzir verbalmente, por oito linhas seguidas, o texto de outra pessoa, não podemos sem mais calar a boca daqueles que gritam a palavra "plágio" — pois realmente plágios acontecem — mas também não precisamos de imediato acusar de plagiador o autor a quem acontece esta desgraça. Na constituição da faculdade da memória, a natureza não se fixou exclusivamente na possibilidade da recordação direta ou indireta; deu

também ao prodígio em ideias súbitas a criptomnésia. (Jung, 1993, p. 107, OC I, § 179)

Há mais de um século, o conteúdo da citação sobre criptomnésia possibilita a uma pessoa reconhecer que, ao utilizarmos as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou de outras associações nacionais ou internacionais, estamos, direta ou indiretamente, reconhecendo a experiência do pensamento junguiano mencionado anteriormente. Por isso, alimentar a intertextualidade com o conteúdo do livro do biólogo Paul Nurse também ratifica um encontro de ideias de gigantes nas áreas da arte, religião, filosofia e ciência, além de incorporar normas acadêmicas sobre a arte de viver. Por exemplo, na ciência da química, ocorre uma estética outrora invisível, cuja visibilidade é atualmente revelada pelo microscópio eletrônico, que revela a estética dos elementos da Tabela Periódica. Além disso, há uma simetria que, pouco a pouco, é desvendada pela conjectura de pensamentos e ideias sobre determinados elementos químicos x, y ou z, que ainda não foram encontrados e, de certo modo, localizados/alojados na Tabela Periódica. As normas da ABNT, a Tabela Periódica e a certeza da ubiquidade da energia — como um tipo de vida além ou aquém da orgânica — em sua total dimensão universal, talvez infinita.

A professora historiadora Patrícia Fara, da Universidade de Cambridge, nos diz que:

Para os químicos, que valorizam a ordem, a tabela periódica representa o legado supremo da engenhosidade humana. Celebrada como a chave para a decodificação do cosmos, essa sequência lógica condensa as numerosas substâncias do universo em um padrão organizado, parecido com um gigante quebra-cabeças químico de sudoku. Os elementos seguem com regularidade pelas linhas, ordenadas numericamente, aumentando um próton entre um átomo e outro. Se a tabela for lida verticalmente, os elementos em cada coluna se ligam por terem o mesmo número de elétrons livres. Mas essa beleza taxonômica não era nem um pouco clara, e só se tornou evidente depois de décadas de investigação. Quando a tabela estava sendo estruturada, na segunda metade do século 19, os cientistas nada sabiam sobre a estrutura interna dos átomos, que eram considerados partículas indivisíveis, os componentes básicos da matéria. Tentativas anteriores de dispor os elementos matematicamente



foram prejudicadas por irregularidades, desajustes e disparidades. (Fara, 2014, p. 335)

Elementos da química (alquimia) interagem para possibilitar a manifestação/expressão da vida (biologia) na flora e fauna, humana ou não humana, e na integração e desintegração de partículas (acelerador de partículas). No entanto, há uma simetria presente que revela interações e dimensões sistêmicas, as quais a atual filosofia da mecânica quântica (microfísica) apresenta como paradoxos, reconhecendo a união de categorias opostas no mundo sensível da espécie humana: espaço-tempo, onda-partícula, fato-probabilidade. A velocidade do conhecimento corroborada pela linguagem tecnológica da internet, literalmente se expande mundo afora.

A história da técnica e da linguagem tecnológica está reaproximando saberes e possibilitando entrelaçamentos e imbricações, por exemplo, na construção de pontes e fundações de uma nova área do conhecimento humano chamada neurociência. Sobre essas pontes e apoiadas nas fundações, transitam sujeitos do conhecimento das seguintes áreas: química, física, biologia, antropologia, teologia, psicologia, arqueologia, entre outras, praticando a troca de saberes (conhecimentos) trans e interdisciplinares.

Carl Gustav Jung caminhou sobre essa ponte e deixou fundações, assim como Paul Nurse, em seu livro 'O que é a vida?', também caminha sobre a mesma ponte, fortalecendo estacas outrora invisíveis que atualmente aparecem como ombros de gigantes, sendo caminhos para explicar e unir os dois lados de fronteiras entre os mundos macro e micro. E, aqui, constantemente esquecemos que a espécie humana apresenta propriedades desses dois mundos: caminhos que levam ao interior do próprio corpo humano, assim como caminhos que levam literalmente ao exterior. O corpo humano sempre foi, mas não sabíamos até então, uma via de mão dupla!

Pensar o cérebro, com suas miríades de neurônios e sinapses, como um caleidoscópio ou com potencialidade holográfica é uma imaginação que coloca pontes e estacas da neurociência no contexto histórico-cultural do

passado, do presente, e se projeta ao futuro do Homo Sapiens, conforme esta Introdução também reconhece a potencialidade tecnológica do microscópio e do telescópio para ampliar o conhecimento humano sobre a vida e o mundo, de acordo com a reflexão do filósofo e educador Mario Sergio Cortella, no livro 'O Tempo e a Vida: um encontro entre Marcelo Gleiser e Mario Sergio Cortella':

A episteme grega clássica, o como entender o mundo, hoje é considerada uma espécie de tia velha que fica dentro do quarto, saindo e gritando de vez em quando. Gosto muito de uma definição de filosofia de Bertrand Russel, o matemático e filósofo inglês. Ele dizia que a filosofia é a ciência dos resíduos. Mal um conhecimento tem uma precisão, uma organização, uma nitidez, perde o nome de filosofia e ganha um nome específico: química, biologia, antropologia, e, aquilo que sobra, é a filosofia. Se a filosofia é a ciência dos resíduos, então pareceria para alguns — e sei que a conversa aqui não é sobre filosofia, mas não vou perder a chance — que a filosofia iria se esvaindo, esvaindo à medida que as áreas que estuda fossem sendo preenchidas por conhecimentos mais nítidos. Mas, ao contrário, à medida que cientistas avançam, a filosofia se alarga, não? Sua fronteira é o famoso paradoxo do telescópio e do microscópio: quanto mais avanço, mais fico sabendo que não sei muita coisa que antes eu nem estava sabendo. (Gleiser e Cortella, 2022, p. 32)

São dois movimentos possíveis com os equipamentos: telescópio e microscópio, a partir de uma linguagem tecnológica e científica sobre a compreensão, informação e configuração de fenômenos naturais ou elaborados em laboratórios, que ratificam o lugar e a propriedade de um único ser sobre o planeta Terra: o ser humano, a espécie humana, o corpo humano. É justamente por isso que a imaginação fortalece a tecnologia e, ao mesmo tempo, possibilita o avanço da ciência, estreitando, ainda mais, a fronteira entre a ficção científica e a ciência. A obra literária de Mary Shelley (1797-1851), 'Frankenstein: ou o Prometeu Moderno', realiza na imaginação o transplante de pedaços e órgãos de um ser humano para outro ser humano. Hoje, sabemos que realizar um transplante não é mais ficção científica, todavia, o mistério da vida e da morte permanece.

O mistério sobre a manipulação dos elementos da matéria, com ou sem ética, é evidenciado pelo uso trágico das bombas atômicas em Hiroshima

e Nagasaki durante a Segunda Guerra Mundial, resultando em uma histórica realidade de destruição em massa. Todavia, sobre a origem da vida (especialmente a vida humana), o mistério parece mergulhar na escuridão de um abismo encantado durante o sono, interagindo com vários elementos químicos e eletrofisiológicos do cérebro, por meio de imagens oníricas. Esse fato e essas imagens abrem inumeráveis portas para uma estética química e uma simetria física, ambas presentes na “gelatina” cerebral. No entanto, tudo indica que ocorre uma cocriação biopsicossocial tanto durante o sono quanto na vigília, que, de algum modo, ilumina a escuridão sobre o mistério da origem da vida no planeta Terra com suas cinco camadas: núcleo interno, núcleo externo, manto, crosta e atmosfera. Perceba: temos uma interação consciente ou inconsciente com cada uma dessas cinco camadas, e é bem mais fácil elucubrar sobre a vida ‘humana’ a partir da crosta terrestre, envolvida pela atmosfera e o espaço sideral...!

O mistério da vida na Terra permanece com a manipulação dos elementos da matéria, com ou sem ética, sendo evidenciado no campo da bioética pelo uso do genoma. Exemplos disso são o nascimento do primeiro bebê de proveta, Louise Joy Brown, em 25 de julho de 1978, e a criação da ovelha Dolly, em julho de 1996. Esses são dois marcos na capacidade humana de gerar vida que, de certo modo, ecoam a imaginação de Mary Shelley em seu clássico *Frankenstein*, publicado no primeiro quarto do século XIX.

No campo da origem da vida humana, existe uma estreita conexão entre química, física e encanto — religião, espiritualidade e fé — como saberes que atualmente a microbiologia e a neurociência avançam para explorar o interior do corpo humano e melhor compreender e explicar os processos biopsicossociais envolvidos em ações como pensar, falar, sentir, sonhar, imaginar, atuar etc. Nesse contexto entrelaçado, é possível verificar que todo verbo revela uma ação consciente ou inconsciente do sujeito do conhecimento humano. Por exemplo, na sístole e na diástole, na inspiração e na expiração, na digestão e na secreção, temos o envolvimento de inumeráveis processos neurofisiológicos do organismo humano. Aqui, ilustramos a

reflexão apenas com a condição da vida humana, mas também há vida na flora e na fauna, ambas manifestando a presença de elementos minerais — estética química, simetria física e o encanto da vida.

Com menos de dois anos para encerrar o primeiro quarto do século XXI, se o atual conhecimento humano bater à porta da interdisciplinaridade, o efeito criptomnésia abrirá a porta de um labirinto de conhecimentos e saberes. Contudo, a partir do campo epistemológico teórico e prático da obra de Carl Gustav Jung, cada capítulo deste livro busca dialogar com Paul Nurse e outros autores, para lidar com o efeito criptomnésia, conforme mencionado acima, e, assim, compreender e descrever caminhos frente ao labirinto de conhecimentos e saberes humanos.

Sobre a estética química, a simetria física e o encanto da vida, utilizo parte do Resumo e da Introdução do capítulo quatro, intitulado 'Como Funciona o Sistema Nervoso', do livro 'Neurociência da Mente e do Comportamento', organizado pelo renomado pesquisador e professor brasileiro Roberto Lent, do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para explicar e ilustrar o 'encanto da vida' humana:

Sendo um sistema integrativo por excelência, o sistema nervoso funciona como um todo, com a cooperação integrada de todos os seus elementos celulares — os neurônios e os gliócitos. Os primeiros formam uma extensa rede de circuitos capazes de receber do ambiente, processar, armazenar e enviar de volta ao ambiente um amplo espectro de informações. Os segundos participam da regulação dessa rede de comunicação, seja interferindo ativamente na transmissão de informações, seja propiciando condições homeostáticas para o seu funcionamento. Tanto neurônios como gliócitos formam extensas famílias de tipos morfológicos e funcionais diversos, de acordo com a região em que se localizam. Para que essas famílias constituam de fato uma rede, lidam com sinais de informações de alta eficiência, eletrofisiológicas e bioquímicas. (Lent, 2021, p. 62)

Com uma simples combinação e entrelaçamento de palavras, como sistema integrativo, elementos celulares, informação, meio ambiente, homeostase, eficiência eletrofisiológica e química, pode-se revelar o encanto

e o labirinto de conhecimentos e saberes sobre o corpo humano, bem como sobre seu comportamento individual, grupal e social, no desdobramento das culturas humanas ao redor do mundo. Na Introdução do capítulo quatro, o professor Lent ainda nos apresenta:

O sistema nervoso é um sistema integrativo. Isto significa que ele funciona globalmente, mediante a cooperação e a interação entre seus diferentes elementos, e que o resultado desse funcionamento integrado é mais complexo do que a simples soma de suas partes constituintes, os neurônios e os gliócitos. Esses dois tipos celulares — bem como seus numerosos subtipos — são as principais células presentes no sistema nervoso e se comunicam extensamente, formando uma rede morfológica e funcional de alta complexidade, capaz de gerar sinais, conduzi-los localmente e a distância, transmiti-los simultaneamente a milhares de outras células e modificá-los de inúmeras maneiras, em um complexo processo de integração de informações. (Lent, 2021, p. 62)

Na citação logo acima, está parte do conhecimento que faltava à Psicologia durante o século XIX e, principalmente, na virada para o século XX, para melhor compreender o comportamento individual e social, interativo, da espécie humana; não apenas valorizando a dimensão externa a partir de um determinismo ideológico ainda centrado na filosofia do Iluminismo/Positivismo. Por exemplo, sistema integrativo, interação dos diferentes elementos, complexidade, gerar sinais, simultaneidade e processo de integração são termos que apresentam analogia com o campo epistemológico teórico e prático da obra de Carl Gustav Jung. Nesse contexto, o livro do pesquisador e professor Paul Nurse convida a refletir sobre a vida a partir da microbiologia, com uma visão da estética química, simetria física e o encanto de uma vida individual, grupal, cultural e social.

A neurociência busca compreender os processos neurofisiológicos mais ínfimos (sinapses, interações químicas e redes orgânicas) do comportamento humano. Se, por um lado, o aspecto ínfimo pode parecer trivial, por outro, revela uma conjunção de sinais na qual o todo carrega a propriedade de ser maior do que a soma das partes conhecidas. Nesse contexto, a imaginação humana deve ser convidada a entrar em cena para

compor o cenário da história da espécie humana e possibilitar a observação do modo de ser de uma cultura na África, Europa, Ásia, América, Antártica e Oceania. Basta imaginar viver em um ambiente extremamente quente ou frio para avaliar as consequências dessa interação com o meio ambiente, como mencionado no texto do professor Robert Lent. A neurofisiologia da espécie humana é afetada e também afeta o meio ambiente!

O historiador Felipe Fernández-Armesto, professor da Universidade de Notre Dame, pode ser mencionado para conferir fidedignidade à complexa retroalimentação do conceito de arquétipo (protótipo) no âmago da obra psicológica de Carl Gustav Jung. No livro “Uma história da imaginação: como e por que pensamos o que pensamos”, o professor Fernández-Armesto nos diz que:

Os neurocientistas, que gostam de exibir tomografias cerebrais feito caudas de pavão e de atribuir todo tipo de pensamento a atividades neuronais, ainda não conseguiram capturar nenhuma criatura em um momento de ideação particularmente imaginativa: as alterações elétricas e químicas mostram que eventos mentais estão acontecendo, mas a probabilidade de que sejam efeitos é no mínimo igual à de que sejam causas. Não quero insinuar que evidências neurológicas sejam desprezáveis: elas nos ajudam a saber quando a memória está ativa, por exemplo, e monitoram os agentes constitutivos ou ingredientes da imaginação em ação. Contudo, até hoje nenhuma narrativa científica explicou satisfatoriamente como os seres humanos se tornaram superpotências imaginativas. (Fernández-Armesto, 2023, p. 21)

A constatação do professor Fernández-Armesto sobre a sinapse: “as alterações elétricas e químicas mostram que eventos mentais estão acontecendo, mas a probabilidade de que sejam efeitos é no mínimo igual à de que sejam causas”, possibilita uma analogia com a filosofia da mecânica quântica para pensar a propriedade de uma entidade chamada ‘fóton’, concomitantemente, como onda e partícula. Experimentalmente, sinais dessa entidade podem ser identificados em um detector não-humano (anteparo) ou humano (consciência) envolvidos no experimento.

A expectativa de captar e registrar para descrever sinais de um fóton durante um estudo científico foi devidamente reconhecida no clássico experimento da dupla fenda: o fóton é lançado na direção de duas aberturas em um plano mediano e, aleatoriamente, passa por essas aberturas para atingir um anteparo e manifestar um sinal. É interessante saber que a interferência que ocorre durante a interação onda-partícula sempre apresenta tarjas alinhadas em um modelo padrão no anteparo, cujo mistério, segundo o físico e pesquisador brasileiro Rafael Chaves, em seu livro 'Incerteza Quântica: os mistérios de uma teoria e a nova era da informação', no tópico 'Onda ou Partícula? Nem um, nem outro', é descrito assim:

Para tentarmos entender o significado da função de onda e a dualidade onda-partícula, nada melhor que o experimento da fenda dupla, proposto há mais de dois séculos por Thomas Young para provar a natureza ondulatória da luz. Como certa vez disse o famoso Richard Feynman, esse experimento "contém o único mistério da física quântica." (Chaves, 2022, p. 63)

Na interação onda-partícula, ocorre uma interferência que desvela um gradiente de sinais, revelando tarjas devidamente arranjadas. A imagem de tarjas no anteparo apresenta uma alternância entre espaços com sinais e sem sinais, que é a expressão da propriedade de um fóton a probabilidade de ele ser ou não ser detectado como algo — um sinal —, especialmente pela consciência humana. Aqui, há uma histórica circum-ambulação sobre a propriedade da espécie humana, pois técnica, aplicação tecnológica e ciência são reificações do espírito humano (conhecimento/fé) em diálogo com uma visão de mundo (filosofia/arte).

Visão de mundo: Se o advento da vida ocorreu a partir do planeta Terra para o espaço sideral ou se foi ao contrário, do espaço sideral para o planeta Terra, esta é uma questão que toca diretamente o conhecimento humano nos campos da religião, arte, filosofia e ciência. No entanto, o mistério e o encanto não desaparecem facilmente na mente de qualquer ser humano dotado de razão. Nessa via de mão única, ou quiçá dupla, sobre a vida, no livro

“Gênesis: A história do Universo em Sete Dias”, Guido Tonelli, professor e pesquisador visitante do CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear), em Genebra, na Suíça, pondera com reflexões sobre o advento e a origem da vida. Logo no prólogo o professor Guido Tonelli conta como ficou impactado com a pergunta do diretor-presidente, Sergio Marchionne, durante sua visita e palestra na fábrica Ferrari:

Subo até lá na certeza de que vou receber uma rápida saudação de cortesia, mas mal tenho tempo de me sentar e recebo à queima-roupa a menos óbvia das perguntas: “Professor, o senhor acredita em Deus?” (Tonelli, 2023, p.14)

Como pesquisador do CERN, Guido Tonelli está inserido no estado da arte de pesquisas sobre o mundo microcósmico utilizando microscópios eletrônicos e, ao mesmo tempo, sobre o mundo macrocósmico da atmosfera terrestre e do espaço sideral utilizando telescópios de última geração. Falar sobre a vida, e aqui ratifico mais uma vez, focalizando a vida da espécie humana, é tocar no entrelaçamento de conhecimentos em relação à química, física e biologia. O professor Guido Tonelli estimula a imaginação do leitor sobre o espaço sideral e a cosmologia dos nossos dias. E, é possível dizer que, em outro extremo dessa cosmologia, está o professor Paul Nurse, estimulando a imaginação do leitor para compreender a dinâmica da micrologia (estrutura) celular.

São dados sobre a cosmologia com Guido Tonelli e sobre a micrologia com Paul Nurse, e no meio do caminho estão dados sobre a psicologia com Carl Gustav Jung. Este, indiscutivelmente, apresenta um pensamento interdisciplinar e complexo, o que causa desconforto em alguns leitores da obra junguiana. Esse desconforto, historicamente documentado, está presente nas ‘Cartas Freud e Jung’, que abordam questões epistemológicas e mostram as contribuições de Carl Gustav Jung à psicanálise formulada pelo médico neurologista vienense Sigmund Freud (1854-1939). Neste contexto, Jung buscou aproximar e comparar o conceito de ‘libido’ — tão caro à



psicanálise sexualizada freudiana — ao conceito de ‘energia’ elaborado pela física newtoniana e, principalmente, ao advento e estado da arte da física quântica. Como mencionado acima pelo físico brasileiro Rafael Chaves, Richard Feynman apontou o âmago da física quântica: “Como certa vez disse o famoso Richard Feynman, esse experimento ‘contém o único mistério da física quântica’”.

O conceito de sincronicidade, elaborado por Carl Gustav Jung e pelo Prêmio Nobel de Física Wolfgang Pauli (1900-1958), aproxima-se da filosofia da mecânica quântica e carrega a mesma profundidade do mistério fenomenológico presente na interação onda-partícula, que se manifesta em dois mundos: um subjetivo, presente na mente de um indivíduo, e outro trivial, pertencente ao dia a dia do senso comum. No entanto, um fenômeno ‘trivial’ ganha sentido e estabelece uma conexão direta com a subjetividade daquele indivíduo ou com a intrassubjetividade de um grupo social.

Um assunto particular de uma família ou comunidade, por exemplo, só ganhará sentido e profundidade para os íntimos que têm familiaridade com o tema. É nesse ponto que ocorre a sincronicidade, e o fenômeno deixa de ser trivial e adquire ipseidade. Algo se manifesta para dar sentido e ‘causar’ perplexidade ao sujeito do conhecimento, apresentando uma conexão singular e inefável; ocorre um mistério sem causa e efeito linear estabelecido pela física newtoniana. Há um sentido somente para quem compartilha a peculiaridade atípica da situação.

A exposição da criptomnésia também adquire entrelaçamentos e sincronicidades na intertextualidade. Constantemente, ocorre uma conexão direta entre a autoria/publicação de livros e os leitores do presente e o vislumbre de uma autoria do futuro. Sim, é ou não é possível ler um livro publicado no futuro?

Todavia, é possível ler um texto publicado no passado e verificar a atualidade do seu conteúdo e, principalmente, constatar e compartilhar conhecimentos interdisciplinares para aprimorar o conhecimento humano. Os

capítulos do presente e-book são conexões de pessoas pesquisadoras com esse espírito em mente. Com a devida admiração à intuição do renomado pesquisador, autor e professor Oliver Sacks (1933-2015) na exposição de seu pensamento sobre a 'criação' e sua relação com a cultura e outros autores no livro 'O Rio da Consciência':

Todos nós, em algum grau, fazemos empréstimos de terceiros, da cultura à nossa volta. As ideias estão no ar, e nos apropriamos, muitas vezes sem perceber, de frases e da linguagem da época. A própria língua é emprestada: não a inventamos. Nós a descobrimos, crescemos nela, ainda que possamos usá-la, interpretá-la de modos muito individuais. O que está em questão não é "emprestar" ou "imitar", ser "derivado", ser "influenciado", e sim o que se faz com aquilo que é tomado de empréstimo ou derivado, a profundidade em que a pessoa assimila, absorve, combina com suas próprias experiências, pensamentos e sentimentos, situa em relação a si mesma e expressa de um novo modo, o seu modo particular. (Sacks, 2017, p. 107)

E é esse espírito de criação, apresentado por Oliver Sacks e em harmonia com a noção de criptomnésia apresentada por Jung, que estará presente em cada capítulo deste livro, em diálogo com a obra de Paul Nurse. Liberdade para mostrar coerência e estimular reflexões aos leitores, a partir da 'intertextualidade', indo ao encontro da 'complexidade' inerente ao mundo biopsicossocial de cada ser humano à luz da interdisciplinaridade. Na leveza da conjunção dos três conceitos: biologia, psicologia e sociologia, há algo para ser revelado, tornando a complexidade menos complexa, de acordo com Edgar Morin (2003 e 2007) nos livros 'Ciência com Consciência' e 'Introdução ao Pensamento Complexo'.

A necessidade interdisciplinar de outros saberes dentro da sociedade ocidental a partir da segunda metade do século XX — química, física, nutrição, fisiologia, neurologia, neurofisiologia, homeostase e outras interações e imbricações — naturalmente se manifestará na mente de pesquisadores e intelectuais a partir de uma incursão ética. Quando aumenta o conhecimento, também aumenta a complexidade, segundo a exposição do físico brasileiro Marcelo Gleiser (2014), no livro 'A ilha do Conhecimento: os limites da ciência

e a busca por sentido', visto que, ao se aproximar de uma fronteira, depara-se com um abismo ou mar aberto, que pode revelar uma beleza na reificação física e química com suas respectivas fórmulas e equações.

O mistério permanece, e se a física mergulhou no âmago da matéria e encontrou o vazio, parece que o mesmo ocorre com a interação química, conquistando um lugar de destaque no cenário da história da vida, especialmente no mistério da vida da espécie humana. Não há mais dúvida alguma de que o conhecimento acumulado dá poder. Francis Bacon estava certo! Todavia, parece que ainda não deu mais sabedoria à espécie humana! Com o efeito de todo conhecimento acumulado na área das ciências exatas, a partir das duas Guerras Mundiais até o final do século XX, aqui retomo o início deste texto: algo começa a retroagir no sujeito pesquisador e intelectual neste primeiro quarto do século XXI. Focalizando a Natureza, de acordo com a visão de mundo sobre o Novo Mundo, a histórica triangulação África, Europa e América já foi mencionada no corpo deste texto.

No entanto, seguindo os passos primevos da África presente no Novo Mundo, existe um 'banzo intelectual' cuja manifestação literalmente matou filhos e filhas da diáspora africana. Aqui existe um convite à mentalidade intelectual do leitor ou leitora: em um minuto, pense no seu conhecimento sobre a história da mentalidade humana que chegou ao Novo Mundo oriunda da semente de um Renascimento na Europa! Até parece ironia do destino, porque mundialmente ocorre quase um clamor para que a Europa mude sua interação com a Natureza: Revolução Verde versus Revolução Industrial. A história cinematográfica mostra, com os seus clássicos, o que a Europa fez e ainda faz com a América do Norte, descendo para a América Central até chegar à América do Sul: querer resgatar uma saudável interação com a Natureza por meio da 'educação ambiental' amplia o sentimento do "banzo intelectual" porque, na alma da espécie humana na América, existe a marca do tráfico negreiro e do genocídio autóctone que gera banzo. Segundo Antonio Mendes:

O banzo é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; à ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza com que os tratam; o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar. (Mendes, 1977, p. 61-62)

A primazia da visão de mundo que chegou ao Novo Mundo vinda da Europa — do Velho Mundo — já havia praticado uma subversão de valores no solo e no corpo humano da África negra. No Brasil, de acordo com as políticas públicas: Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008, é possível verificar a resistência da primazia do Velho Mundo que chegou à América, ao Novo Mundo, no embalo mental da Idade Média, do Renascimento e, posteriormente, do Iluminismo; que ainda hoje permanece em profundo conflito existencial e quase sem enxergar o que por ela foi feito, porque vive ofuscada pela própria luz da razão e do espírito do positivismo. No entanto, existe um outro caminho para a razão, que é a dimensão mítico-religiosa que escapa à explicação racionalista e reconhece a potencialidade do mistério, conforme mencionado acima no clássico experimento das duas fendas.

No capítulo: 'A vida enquanto química: ordem no caos', Paul Nurse permite ao leitor imaginar a chegada do Velho Mundo (Europa) ao Novo Mundo (América); porque, para ilustrar o funcionamento da célula, ele a compara com indústrias e laboratórios modernos. A história ocidental do Novo Mundo (América do Norte, América Central e América do Sul) revela, a cada século de sua ocupação, a mentalidade que veio da Europa. Colocar uma ordem cristã no caos social do mundo pagão, porque ao explicar e descrever um processo químico da vida dentro de uma célula, é possível comparar com o ápice da Revolução Industrial durante o século XIX, quando miríades de motores 'mitocôndrias' produziam energia para as indústrias: "O papel principal da mitocôndria é gerar a energia de que as células necessitam para produzir as reações químicas da vida." As grandes cidades do século XXI, com os seus museus revelando a arqueologia de corpos humanos e não humanos

dos séculos XV ao XX, nos permitem imaginar, metaforicamente, um processo 'celular' fisiológico e neurofisiológico no qual, segundo Paul Nurse:

Nos dias de hoje, organismos como os nossos, humanos, ainda lidam com cuidado com o oxigênio. Mas dependemos inteiramente dele por ser necessário para transformar em energia os açúcares, as gorduras e as proteínas que nossos corpos comem, produzem ou absorvem. Isso ocorre graças a um processo químico chamado de respiração celular. As últimas etapas desse conjunto de reações acontecem no interior da mitocôndria: outra organela compartimentada que tem importância crítica para todas as células eucariontes.

O papel principal da mitocôndria é gerar a energia de que as células necessitam para produzir as reações químicas da vida. É por isso que as células que precisam de um bocado de energia contêm muitas mitocôndrias: para manter os batimentos do seu coração, cada célula do músculo cardíaco deve empregar milhares de mitocôndrias. Juntas, elas ocupam cerca de 40% do espaço disponível nessas células cardíacas. Em termos estritamente químicos, a respiração celular inverte a reação no cerne da fotossíntese. O açúcar e o oxigênio reagem entre si para produzir água e dióxido de carbono, liberando muita energia que é capturada para ser utilizada mais tarde. As mitocôndrias garantem que essa reação com múltiplas etapas seja extremamente controlada e aconteça de modo organizado, passo a passo, sem que energia demais seja perdida, e sem que o oxigênio reativo e os elétrons escapem e danifiquem o resto da célula. (Nurse, 2021, p.131-132)

Sem dúvida alguma, vestígios do espírito da Idade Média e do Renascimento ainda estão aqui, conosco, seres humano do século XXI. Sobre a biologia, a fisiologia, a neurofisiologia, a neurociência etc., Carl Gustav Jung, há exatamente um século, em 1924, estabeleceu uma crítica à falta de conexões de importantes conhecimentos sobre o comportamento biopsicossocial da espécie humana. E, com Paul Nurse, temos que:

As mitocôndrias garantem que essa reação com múltiplas etapas seja extremamente controlada e aconteça de modo organizado, passo a passo, sem que energia demais seja perdida, e sem que o oxigênio reativo e os elétrons escapem e danifiquem o resto da célula. (Nurse, 2021, p. 131)

Neste contexto, existe uma 'ordem no caos', que é organizada passo a passo para possibilitar uma ordem no corpo da célula, no grupo social, na

cultural e na sociedade em geral. Há uma passagem do caótico micromundo celular ao diverso macromundo social, que oferece compreensões e explicações plausíveis para estabelecermos uma leitura sobre o fenômeno da globalização, geograficamente, à luz de interações presenciais locais, comunitárias, municipais, estaduais, regionais, nacionais e internacionais. O mundo do navegante explorador Cristóvão Colombo (1451-1506) hoje é uma realidade rumo ao espaço sideral...

No livro 'O desenvolvimento da personalidade', capítulo IV, 'Psicologia Analítica e Educação', Carl Gustav Jung, em conferências proferidas em Londres em 1924, afirma:

Desde que a discussão entra no campo dos instintos, as coisas se tornam terrivelmente confusas e complicadas. Como devemos distinguir os instintos entre si? Quantos instintos existem? Que são, enfim, os instintos? Acaba-se recaindo na biologia, e tudo se torna mais confuso do que antes. Eu aconselharia que nos limitássemos ao campo psicológico, sem tentar formular nenhuma hipótese sobre a natureza do fenômeno biológico subjacente. Talvez raie em futuro remoto aquele dia, no qual o biólogo, e não apenas ele mas também o fisiologista, estenderão a mão ao psicólogo no ponto em que se encontrem dentro do túnel aberto na montanha do desconhecido, que eles começaram a cavar, partindo de lados opostos. (Jung, OC. XVII, § 157)

O conteúdo dessa citação de Jung, hoje, no final do primeiro quarto do século XXI, é uma realidade da neurociência, que conjuga conhecimentos da biologia, química, física, psicologia, arqueologia, teologia, matemática, antropologia etc., caracterizando e valorizando o aspecto interdisciplinar do conhecimento humano, o que já era defendido por C. G. Jung: "Talvez raie em futuro remoto aquele dia", que já estava presente em total conexão com os dias de hoje, em suas primeiras publicações científicas. E, ainda com Oliver Sacks, é possível realizar uma ponte com o subtítulo deste e-book: 'Epigenética e ecos de uma homeostase psíquica', porque a necessidade da homeostase também foi vislumbrada por Jung para equacionar a desordem e o desequilíbrio de polaridades psíquicas individuais, grupais e sociais. Oliver Sacks nos diz:

Nada é mais crucial para a sobrevivência e a independência dos organismos — seja elefantes ou protozoários — do que manter um ambiente interno constante. O grande fisiologista francês Claude Bernard [1813-1878] escreveu a frase definitiva sobre essa questão nos anos 1850: *"La fixité du milieu intérieur est la condition de la vie libre"* [A constância do meio interno é a condição da vida livre]. A manutenção dessa constância é chamada de *homeostase*. Os princípios da homeostase são relativamente simples, mas milagrosamente eficientes, no nível celular, onde bombas de íons nas membranas celulares permitem que o interior químico das células permaneça constante, independentemente de quaisquer vicissitudes do ambiente externo. Já para assegurar a homeostase, em especial —, são necessários sistemas de monitoração mais complexos. (Sacks, 2017, p. 111, grifo do autor)

A homeostase parece fluir diariamente por todo o corpo humano e, hoje, amanhã e no futuro, poderá ratificar o pensamento de Carl Gustav Jung: "o biólogo, e não apenas ele mas também o fisiologista, estenderão a mão ao psicólogo no ponto em que se encontrem dentro do túnel aberto na montanha do desconhecido", para caminharem pelos vales do cérebro e todas as demais entranhas e cavernas do corpo humano. As potencialidades inerentes ao organismo, conforme disse Oliver Sacks sobre a homeostase, "são relativamente simples, mas milagrosamente eficientes". No estado da arte, a neurociência, com o avanço tecnológico, reconhece sinais (sinapses elétricas e/ou químicas) que estão na ubiquidade da vida da espécie humana. A psicologia analítica ou complexa, elaborada pelo psicólogo Carl Gustav Jung, busca compreender e descrever o comportamento da espécie humana e, neste ponto, também encontra apoio no desdobramento do conhecimento sobre a união/integração do seu 'objeto de estudo', que é o próprio ser humano — individual e/ou coletivo na interação: célula > órgão > organismo > corpo. Todavia, esse corpo está inserido na atmosfera terrestre que possibilita a vida da flora e da fauna, na interação com os demais elementos minerais: partículas, moléculas e células, e, especialmente, na sua espécie, existe a rede de neurônios com sinapses (elétricas ou químicas) por meio de uma retroalimentação cognitiva e epigenética.

Como o neurocientista, V.S. Ramachandran, diretor do *Center for Brain and Cognition* e professor emérito do Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia, em San Diego, nos diz em seu livro 'O que o cérebro tem para contar: desvendando os mistérios da natureza humana':

O cérebro humano é constituído por cerca de 100 milhões de células nervosas, ou neurônios. Os neurônios "conversam" uns com os outros por meio de fibras semelhantes a fios que parecem alternativamente moitas densas e cheias de ramos (dendritos) e longos e sinuosos cabos de transmissão (axônios). Cada neurônio faz de mil a 10 mil contatos com outros neurônios. É nesses pontos de contato, chamados sinapses, que a informação é compartilhada entre os neurônios. Cada sinapse pode ser excitatória ou inibitória, e em qualquer momento dado pode estar ligada ou desligada. Com todas essas permutações, o número de estados cerebrais possíveis é assombrosamente vasto; na verdade, ele excede com facilidade o número de partículas elementares conhecidas. (Ramachandran, 2014, p. 34)

Encerro o capítulo com o auxílio do pesquisador Paul Nurse, para conjecturar que há, na sinapse, algo além de uma simples interação química e/ou sutil descarga elétrica. Uma analogia com a importância e propriedade de um fóton, articulada à 'constante de Planck', de Max Planck (1858-1947), é possível para melhor compreender a filosofia da mecânica quântica existente no processo neurofisiológico de uma sinapse. Este processo físico-químico é indiscutivelmente realizado pelas partículas que estão inerentes ao brilho do fiat lux. No entanto, o brilho não é apenas um epifenômeno de partículas, pois requer uma interação direta com o meio ambiente para brilhar, e, de acordo com o meio ambiente, pode não existir brilho. É como tentar acender um palito de fósforo dentro d'água; embora já tenhamos a possibilidade de soldar metais debaixo d'água — soldagem subaquática! Neste contexto, Paul Nurse descreve como a energia é produzida numa célula:

O principal passo para captura de energias na respiração celular baseia-se no movimento dos prótons, que são átomos singulares de hidrogênio que perderam um elétron para ganhar carga elétrica. Esses prótons são expulsos do centro da mitocôndria para um vão entre as duas membranas que a envolvem. O resultado é a acumulação de muito mais prótons carregados do lado de fora da membrana mitocondrial interna do



que no lado de dentro. Embora baseado em química, esse é essencialmente um processo físico. Você pode pensar nele como o bombear de água morro acima para encher uma represa. Em uma usina hidroelétrica, a água da represa pode descer morro abaixo, pelas turbinas que transformam sua energia cinética em energia elétrica. No caso das mitocôndrias, os prótons bombeados para além da “represa” da membrana voltam correndo para o centro da organela, por meio de canais feitos de proteína, que capturam a força criada pela cascata de partículas carregadas e a armazenam sob a forma de ligações químicas de alta energia. (Nurse, 2021, p. 133)

Sobre o conteúdo desta última citação, é necessário que uma pessoa comum use a imaginação para compreender a dimensão e dinâmica de um mundo dentro de uma célula, observado diariamente por pesquisadores amantes da citologia ao redor do mundo. Paul Nurse lida com essa escala de valores, além de ser um apaixonado pesquisador do mundo celular. E, após a imaginação, ele também devolve a pessoa para o espaço mais comum do cotidiano, ao afirmar que:

A maior parte dos alimentos que você consome acaba sendo processada nas mitocôndrias de suas células, que usam a energia química que eles contêm para fazer uma quantidade prodigiosa de ATP [... substância denominada de adenosina trifosfato, ou ATP para abreviar.” p. 134]. Para abastecer todas as reações químicas necessárias para apoiar a vida nos trilhões de células do seu corpo, suas mitocôndrias juntas produzem, de forma espantosa, o equivalente a seu peso corporal em ATP todos os dias! Sinta seu pulso, o calor da sua pele, a subida e descida do seu peito ao respirar: tudo é abastecido pela ATP. A vida é movida a ATP. (Nurse, 2021, p. 135).

Para Carl Gustav Jung, a psique também deve ser compreendida como um órgão do corpo humano e inserida nesse processo neurofisiológico, mas não sendo um epifenômeno, um dado secundário ao reducionismo orgânico: físico, químico e/ou biológico. Até o momento, a dimensão psicóide — na espécie humana, estado abstrato de potência para reificar algo — se encontra no mesmo lugar além das limitações da química, da física e da biologia para compreender a experiência da vida — que também está além da anatomia —, diante da diversidade e expressão do histórico desenvolvimento da espécie humana. Carl Gustav Jung nos diz:

Mas para o psicólogo é justamente a totalidade destas experiências que constitui o objeto de sua investigação, e, por esta razão, deve abandonar uma terminologia tomada de empréstimo à anatomia. Se uso o termo “psicóide”, faço-o com três ressalvas: a primeira é que emprego esta palavra como adjetivo e não como substantivo; a segunda é que ela não denota uma qualidade anímica ou psíquica em sentido próprio, mas uma qualidade quase psíquica, como a dos processos reflexos; e a terceira é que esse termo tem por função distinguir uma determinada categoria de fatos dos meros fenômenos vitais, por uma parte, e dos processos psíquicos em sentido próprio, por outra. Esta última distinção nos obriga também a definir com mais precisão a natureza e a extensão do psíquico, e de modo todo particular do psíquico inconsciente. (Jung, 1984, OC. VIII, § 368)

A longa experiência da espécie humana valorizando aspectos materiais da natureza, ao alcançar o século XX, deixa após a realidade do Projeto Manhattan o ser humano à luz da filosofia da mecânica quântica que conseguiu atravessar a densidade da própria matéria para a desorganizar, reorganizar ou organizar novas estruturas químicas, de acordo com a interação das leis da física, desde o micromundo celular até o macromundo do espaço sideral (Nurse, 2021 e Gleiser, 2024). Desorganizar, reorganizar e organizar a vida mental de um ser humano também é possível verificar na história universal, que apresenta ícones como São Francisco de Assis, Martin Luther King Jr., Nelson Mandela, Mahatma Gandhi, todavia, não devemos esquecer a legião de Adolf Hitler. Porque todos são membros da espécie humana, e, por isso, encontramos conexão histórica do Projeto Manhattan com Adolf Hitler, assim como não devemos esquecer a importância da palavra “Junior” no sobrenome Martin Luther King!

Com toda a interação de elementos químicos e ações da física na embriologia do desenvolvimento humano, a vida se revela no contexto da biologia. E, com a afirmação de Paul Nurse, encontramos a seguinte questão:

Todos os seres vivos precisam de um suprimento constante e confiável de energia e, em última instância, todos criam sua energia por meio do mesmo processo: controlando o fluxo de prótons pela barreira criada por uma membrana para fazer ATP. Se existe algo que se pareça remotamente com uma “faísca vital” que sustenta a vida, talvez seja esse minúsculo fluxo

de cargas elétricas atravessando uma membrana. Mas não há nada de místico nisso: é um processo físico bem compreendido. As bactérias o fazem ao bombear prótons ativamente para fora de suas membranas, enquanto as células mais complexas dos eucariontes o fazem no interior de um compartimento especializado: a mitocôndria. (Nurse, 2021, p. 135)

Este capítulo deve ser encerrado com a conjectura do Prêmio Nobel Paul Nurse: “Se existe algo que se pareça remotamente com uma ‘faísca vital’ que sustenta a vida, talvez seja esse minúsculo fluxo de cargas elétricas atravessando uma membrana.” (Nurse, 2021, p. 135). No entanto, sem esquecer as considerações do renomado médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung, sobre a instância psicóide do ser.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Hermenêutica e ciência social**: abordagens da compreensão. São Paulo: Unesp, 2022.

BUCHANAN, Mark. **O átomo social**: Porque os ricos ficam mais ricos, os trapaceiros são pegos, e o seu vizinho geralmente se parece com você. São Paulo: Leopardo Editora, 2010.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHAVES, Rafael. **Incerteza quântica**: Os mistérios de uma teoria e a nova era da informação. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERNÁNDEZ-ARESTO, Felipe. **Uma história da imaginação**: como e por que pensamos o que pensamos. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

GLEISER, Marcelo. **O despertar do universo consciente**: um manifesto para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Record, 2024.

\_\_\_\_\_. **A ilha do conhecimento**: os limites da ciência e a busca por sentido. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GRAEBER, D. e WENGROW, D. **O despertar de tudo**: uma nova história da humanidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

JUNG, C. G. **Estudos Psiquiátricos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993, OC. I.

JUNG, C. G. **Estudos sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, OC. VII.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984, OC. VIII.

LENT, Roberto (coord.). **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

LIPTON, B. H. e BHAERMAN, S. **Evolução espontânea**. São Paulo: Butterfly Editora, 2013.

MENDES, Luiz Antonio de Oliveira. **Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravidão entre a Costa d'África e o Brasil, apresentada à Real Academia de Ciências de Lisboa, 1793**. Porto, Publicações Escorpião, 1977. Pag. 61-62.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUKHERJEE, Siddhartha. **A canção da célula**: as descobertas da medicina e o novo humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

NURSE, P. **O que é a Vida?** – compreendendo a biologia em cinco passos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

PARISI, Giorgio. **A maravilha dos sistemas complexos**: uma jornada pelas descobertas da física contemporânea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.

PENROSE, Roger. **O grande, o pequeno e a mente humana**. São Paulo: Unesp, 1998.

RAMACHANDRAN, V. S. **O que o cérebro tem para contar**: desvendando os mistérios da natureza humana. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

RIBEIRO, S. **Sonho manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ROVELLI, Carlo. **O abismo vertiginoso**: um mergulho nas ideias e nos efeitos da física quântica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

SACKS, O. **O rio da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAGAN, Carl. **Cosmos**: Uma Viagem Pessoal. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y3Nzcpl2pzg&list=PLWTsw1mh-VO-MONi88PiY6Kstvlxw0Hcj>> Acesso em: 13 nov. 2023.

TONELLI, Guido. **Tempo**: o sonho de matar Chronos. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

\_\_\_\_\_. **Gênesis**: a história do universo em sete dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2021..



## 2 A vida precisa de uma alma?

*Ricardo de Queirós Batista Ribeiro<sup>1</sup>*

*Nilton Sousa da Silva<sup>2</sup>*

### 1 INTRODUÇÃO

O livro “O que é a vida? Compreendendo a biologia em cinco passos”, de Paul Nurse, publicado em 2021, se propõe a apresentar, a partir de grandes ideias da biologia, um conjunto de princípios unificadores que definem a vida. O livro contempla, brevemente, o ‘estado da arte’ das ciências biológicas e apresenta diversas provocações, pois revela importantes lacunas no conhecimento científico sobre a vida.

Contudo, uma questão inquietante emergiu durante a leitura dessa obra: ainda estaríamos demasiadamente limitados pelo paradigma materialista no processo de construção do conhecimento científico? O objetivo dessa pesquisa foi compreender, a partir da epistemologia da psicologia complexa de C. G. Jung, limites imposto pela vigência, aparentemente, ainda predominante, do paradigma materialista.

O paradigma materialista implica uma ontologia, epistemologia e metodologia materialista. Todavia, existem diversos paradigmas que se baseiam, igualmente, em evidências e fatos, mas que seguem caminhos ontológicos diferentes, o que implica a existência de diferentes

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Psicologia (ISPA/PT); Doutor em Psicologia (UFRRJ); Mestre em Psicologia (UFRRJ); Bacharel em Ciências Militares (AMAN) e Psicologia (UVA); é Professor de Psicologia na AMAN. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [ricardoqbr@gmail.com](mailto:ricardoqbr@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. ([CRediT](#): Supervisor; supervisão e escrita - análise e edição) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)



epistemologias e metodologias para auxiliarem na construção do conhecimento científico.

A ontologia materialista parte do pressuposto de que para alguma coisa ser real necessita que ela seja material. Desse modo, essa corrente de pensamento pressupõe a precedência da matéria sobre o espírito. Neste ponto, se não quisermos ser dogmáticos, esbarramos no problema ontológico em definir o que é matéria e espírito e de justificar a precedência da matéria sobre o espírito ou, indo além, a pressuposta dicotomia entre matéria e espírito. No dicionário Houaiss encontra-se as seguintes definições para matéria:

*"s.f. (sXIV) 1 qualquer substância que compõe um corpo sólido, líquido ou gasoso 2 FÍS agregado de partículas que possuem massa 3 substância corpórea de determinada natureza <m. orgânica, m. animal, m. vegetal> 4 substância sólida de que se faz um produto ou uma obra <mesa de m. resistente> 5 substância que pode receber determinada forma ou na qual atua algum agente <a borracha é m. dúctil> [...] 8 fig. o que constitui ou poderá constituir objeto de conhecimento, de uma atividade; material <m. de pesquisa> <m. para um estudo mais aprofundado> [...] 12 FIL no platonismo e no aristotelismo, princípio informe, indefinido e indeterminado, subjacente e comum a todos os objetos da natureza, que adquire alguma forma universal em decorrência de sua natureza passiva e receptiva 13 FIL no cartesianismo, substância que ocupa uma extensão - comprimento, largura e profundidade - no espaço, adquirindo, portanto, uma determinação geométrica e quantitativa, suscetível de medida e de enunciação matemática [...]. (Houaiss; Villar, 2009, p. 820, grifo do autor, grifo nosso).*

E, no mesmo dicionário Houaiss encontra-se as seguintes definições para espírito:

*s.m. (sXIII) 1 a parte imaterial do ser humano; alma 2 REL ser supremo; divindade <o grande E. dos índios da América do Norte> F inicial maiusc. 3 entidade sobrenatural ou imaginária (anjo, duende, diabo etc.), que pode ser ligada ao bem ou ao mal <e. do bem> 4 espectro, fantasma 5 REL sopro criador de Deus (nos textos bíblicos) 6 princípio vital, superior à matéria; sopro <o e. da vida> 7 substância imaterial, incorpórea, inteligente, consciente de si, onde se situam os processos psíquicos, a vontade, os princípios morais 8 mente, pensamento, cabeça <a cena não me sai do e.> <ele é um e. superior> 9 inteligência ou pessoa*



inteligente <um e. admirável> [...] 11 FIL pensamento em geral, princípio pensante, sujeito da representação, por oposição a seu objeto (a matéria e a natureza) 12 FIL no hegelianismo, princípio dinâmico, infinito, impessoal e imaterial que conduz a história da humanidade, e que se manifesta no ser humano como plena razão e liberdade [...]⌘ ETIM lat. *spiritus*,us 'sopro, exalação, espírito, alma', ligado ao v.lat. *spirāre* 'soprar, respirar'. (Houaiss; Villar, 2009, p. 820, *grifo do autor*, **grifo nosso**).

Contudo, a partir do que já se conhece no século XXI sobre a matéria, pelas contribuições das investigações da física quântica, percebemos limitações nas definições de matéria que deram origem ao materialismo científico, e o quanto as definições de espírito se insinuam e imbricam ante as de matéria, pois:

[Já se sabe que] no universo [...] movem-se a luz e as coisas. A luz é constituída de fótons [...]. As coisas que vemos são feitas de átomos. Cada átomo é um núcleo com elétrons ao redor. Cada núcleo é constituído de prótons e nêutrons, unidos uns aos outros. Tanto os prótons quanto os nêutrons são feitos de partículas ainda menores, [...] os 'quarks'. Todas as coisas que tocamos [e percebemos], portanto, são compostas de elétrons e desses quarks. [...] A força que mantém colados os quarks no interior dos prótons e dos nêutrons é gerada por partículas que os físicos chamam de 'glúons'. (Rovelli, 2015, p. 39-40)

À essas partículas elementares acrescentam-se muitas outras que pululam no universo, mas têm pouca interação conosco. A maneira como essas partículas se movem e sua natureza são descritos pela mecânica quântica como 'quanta', ou seja, excitações elementares que aparecem e desaparecem segundo estranhas regras, um tipo de informação, ainda não inteiramente compreendidas, na qual aquilo que existe nunca é estável. Por isso, esse mundo descrito pela mecânica quântica e pela teoria das partículas é muito distante do mundo mecânico de Newton que fundamentou o paradigma materialista. (Rovelli, 2015)

O termo materialismo, surgido no século XVII, possui como antecedente o realismo (empirismo) de Aristóteles, que argumentava contra o idealismo de Platão. Aristóteles, que possuía um 'temperamento' muito diferente de Platão, compreendia que a maneira pela qual chegamos ao

conhecimento seria a partir da percepção pelos sentidos das coisas deste mundo material, divergindo de Platão. (Buckingham *et al.*, 2011)

Platão considerava que existia um mundo das ideias ou formas, eterno e imutável, totalmente separado do mundo material, e que tudo o que nossos sentidos apreendem do mundo material não passa de imagens imperfeitas ou incompletas do mundo ideal. Dessa maneira, o nosso conhecimento provinha do mundo das ideias, ou formas, totalmente separado do mundo material, assim sendo, o verdadeiro conhecimento seria alcançado apenas pela razão em vez dos sentidos. (Buckingham *et al.*, 2011)

Para resolver o problema de como teríamos acesso ao mundo das ideias para reconhecer as suas imagens imperfeitas no mundo material, Platão propôs que os humanos possuem corpo e alma. O corpo possui os sentidos e a alma a razão por meio da qual acessariamos as ideias inatas do mundo das formas. (Buckingham *et al.*, 2011).

Do exposto, percebe-se que existe um natural entrelaçamento entre as concepções ontológicas (metafísicas), que buscam explicar o Ser (cosmos e homem), e as concepções epistemológicas que visam, a partir de uma concepção ontológica, explicar as possibilidades de conhecimento desse Ser. Desse modo, a aplicação de uma metodologia para a construção de conhecimento atrela-se, inevitavelmente, mesmo que implicitamente, a uma proposta ontológica/epistemológica. Com isso, constata-se a necessidade de se buscar conhecer, em pesquisas científicas, os aspectos filosóficos estruturantes da metodologia utilizada.

As diferenças de opiniões sobre como chegamos às verdades universais, uma questão fundamental da epistemologia, dividiu os filósofos, de modo genérico, em racionalistas e empiristas. Carl Gustav Jung entendia que a compreensão desse embate era de enorme relevância para a construção do conhecimento científico. Dessa forma, Jung considerava que os embates entre racionalista e empiristas, materialistas e idealistas, entre outros, tratava-se de uma reedição do mesmo embate entre aqueles que colocam o foco na matéria

(tangível - válido é tudo aquilo que vem de fora, sendo, pois, verificável pelos sentidos) e aqueles com o foco no espírito (intangível - válido aquilo que vem de dentro e que, portanto, não é verificável pelos sentidos e apenas captado pela razão). Para Jung, espírito e matéria seriam como estados diferentes em uma mesma substância. Por isso, Jung argumentava que apenas com um diálogo entre essas posições seria possível superar limitações de ambas as abordagens e se obter um conhecimento mais amplo dos fenômenos. (Jung, 2012, 2022)

Dito isso, voltamos ao materialismo e sua vertente científica. O materialismo científico (paradigma materialista) se baseia na pressuposição de que toda a realidade é material ou um epifenômeno do material. Contudo, essa pressuposição e muitas outras do materialismo nos lança em um complicado paradoxo, pois o avanço colossal do conhecimento científico arruinou muitos dos pilares de sustentação do paradigma materialista. Como resultado disso, inequivocamente, atualmente se reconhece que a pesquisa científica, epistemologicamente, não deve ser limitada pelo materialismo científico e, em decorrência disso, entende-se não existir uma 'única' metodologia para viabilizar a construção do conhecimento científico.

Nos dias atuais, os aceleradores de partículas descobriram e, ainda, continuam descobrindo a existência de diversas partículas subatômicas 'exóticas'. Além disso, já sabemos que os tipos de matérias e energias conhecidos representam apenas 4% do universo, pois verificamos inúmeros efeitos nos quais não se é possível atribuir uma causa 'material' conhecida. Ainda mais, o átomo são 99% feitos de espaço 'vazio', ou seja, uma grande parte da massa do átomo está concentrada em seu minúsculo núcleo e o resto do átomo é formado por uma 'névoa' de elétrons.

Ademais, existem experimentos que demonstram a ocorrência do pensamento em um indivíduo (enquanto uma representação mental de algo concreto e objetivo) e da sua respectiva sinapse antes da apresentação do estímulo, uma anomalia se consideramos apenas as regras do paradigma materialista. Dessa maneira, na atualidade, admite-se a relevância de uma

variedade de paradigmas que contribuem para a construção do conhecimento científico. As propostas de interdisciplinaridade vão além de se buscar um diálogo entre disciplinas a partir de um único paradigma, busca-se um diálogo aberto e legítimo entre diferentes paradigmas reconhecendo-se os limites e possibilidades de cada um dele em contribuir na construção do conhecimento científico.

Por isso, causa espanto encontrar cientistas, ainda hoje, baseando-se, exclusivamente, no paradigma materialista e, conseqüentemente, excluindo todos os outros na busca de compreender e explicar um fenômeno tão complexo quanto a vida.

O que justificaria tal atitude?

Rupert Sheldrake (2014) sugere que se trata de um ato de fé que não possui relação com os fatos. Nesse ponto ele se aproxima de Carl Gustav Jung que, em sua teoria psicológica, estudou o fenômeno psíquico da fé e das crenças relacionadas às religiões e às ciências, além de realizar provocantes reflexões sobre a ascensão e domínio do materialismo científico.

Enquanto a Idade Média, a Antiguidade Clássica e mesmo a humanidade inteira desde seus primórdios acreditavam na existência de uma alma substancial, a segunda metade do século XIX viu surgir uma psicologia 'sem alma'. Sob a influência do materialismo científico, tudo o que não podia ser visto com os olhos nem apalpado com as mãos foi posto em dúvida, ou pior, ridicularizado, porque era suspeito de metafísica. Só era 'científico' e, por conseguinte, aceito com verdadeiro, o que era reconhecidamente material ou podia ser deduzido a partir de causas acessíveis aos sentidos. [...] A crença na substancialidade da alma foi substituída pouco a pouco pela convicção cada vez mais intransigente quanto à substancialidade do mundo material, até que, por fim, após quatro séculos, os expoentes da consciência europeia, os pensadores e pesquisadores vissem o espírito em uma dependência total em relação à matéria e às causas materiais. (Jung, 2022, p. 185-186)

Em vista disso, esse estudo se propôs a estabelecer um diálogo entre as proposições de Paul Nurse, do supracitado livro, com as reflexões de Carl Gustav Jung, Rupert Sheldrake, e outros autores, sobre o paradigma materialista em suas possibilidades e limitações. Desse modo, vislumbra-se

deslindar novas possibilidades para uma abordagem ampla e interdisciplinar para a compreensão do que poderia ser a vida.

## **2 A CÉLULA**

Paul Nurse (2021, p. 21) considera que “a célula é a coisa mais simples sobre a qual se pode afirmar, com toda a certeza, que está viva”. Assim sendo, ele a considera a unidade estrutural e funcional básica de todos os organismos vivos. Desse modo, afirma que “a célula é o átomo da biologia” (Nurse, 2021, p. 21).

Indiscutivelmente, a célula é atualmente o menor organismo conhecido que possui a capacidade de manutenção de sua organização e de reprodução. Constata-se que são esses processos que usamos como referência para diferenciar entes orgânicos e não-orgânicos. Geralmente, os entes não-orgânicos ao serem divididos ainda mantêm a suas características originais e não se reproduzem. Enquanto os entes orgânicos, na maior parte das vezes, ao serem divididos perdem sua capacidade de organização e reprodução e entram em um processo de decomposição, ou seja, torna-se entes não-orgânicos. Além disso, os entes orgânicos se caracterizam pela ação e por assimilar e excretar diversos entes não-orgânicos para a sua manutenção e, com isso, se desenvolvem e prosperam pela reprodução.

Contudo, é exatamente nesses processos que se verifica o enigma que arruína as pretensões dos cientistas que se fundamentam, exclusivamente, no paradigma materialista. Como se deu a transformação do não-orgânico, regulado por leis próprias, para o orgânico? Provavelmente, a primeira forma de vida que surgiu no planeta Terra há bilhões de anos, conforme pressupõem os próprios cientistas materialistas, foi um ser procarionte unicelular. Esses organismos são considerados a forma individual de vida mais simples a possuir a capacidade de manutenção de sua organização e de se reproduzir.

Dito isso, se deduz que por um desígnio misterioso denominado por Smith (2017, p. 303) de “causalidade vertical”, por não ser situada no espaço, no tempo ou na matéria (inorgânica), alguns elementos formaram estruturas muitíssimo complexas que se juntaram e foram protegidas por uma membrana envoltória, ou seja, outra estrutura extremamente complexa e funcional. Depois desse desígnio misterioso estabeleceu-se um processo refinado e preciso chamado por Damásio (2018, p. 29) de “homeostase” e por Maturana e Varela (2001, p. 52) por “organização autopoietica” – ambos processos se assemelham e são denominados por Smith (2017, p. 303) de “causalidade horizontal”, por se situar no espaço e tempo – que passou a combater a desordem dos processos específicos da matéria (átomos e moléculas) levando a manutenção da organização e, ainda mais, a reprodução e evolução. (Ribeiro, 2021)

Os materialistas nomeiam esse desígnio misterioso de acaso. Alguns filósofos o chamam de absoluto. Na comunidade científica surgiu a proposta do ‘Design Inteligente’. Na teologia trata-se de Deus.

Independentemente do nome que se atribua à entidade que ‘introduziu’ a ordem no ‘caos’ e dotou as estruturas vitais de processos complexos que possibilitaram sua continuidade (sobrevivência) e reprodução, tal fato permanece um mistério, e suas hipóteses, um conteúdo de fé. Pode-se facilmente substituir o nome acaso por Deus, e a questão ainda permanecerá um mistério. Invariavelmente, a vida progrediu e, independentemente da explicação de sua origem ou da teoria adotada (Darwin ou Lamarck) para se explicar a evolução de células simples para organismos complexos, o resultado é uma enorme diversidade da vida com que se depara no presente, regida por princípios instintivos e arquetípicos (biológicos e espirituais). (Ribeiro, 2021, p. 155)

Dito isso, indubitavelmente, é plausível reconhecer que nenhum paradigma científico é o detentor da chave desse mistério, pois esse conhecimento está muito além da capacidade atual do campo científico de acessá-lo. A própria necessidade da existência de axiomas para fundamentar a atividade científica e a dificuldade em demarcar o campo científico, como

verifica-se nos debates filosóficos do 'problema da demarcação', escancaram essa questão.

Por isso, utilizar proposições ontológicas e epistemológicas de um único paradigma científico como ponto de Arquimedes a sustentar toda a construção do conhecimento científico trata-se de um grave equívoco.

Assim, a célula até pode ser considerada o átomo da biologia, como afirma Nurse, mas não da vida. Para compreender a vida precisa-se ir muito além dos processos biológicos e químicos e avançar para o intangível, ou espiritual como dizia Jung. Nesse intangível inclui-se a mente e a consciência, estudada pela psicologia, a realidade divina, estudada pela teologia, o absoluto da filosofia, entre muitos outros objetos de estudos de uma variedade de disciplinas.

Paul Nurse aborda ainda, além da célula no capítulo 1 da sua obra 'O que é a vida', o gene no capítulo 2, a evolução por seleção natural no capítulo 3 e a vida enquanto química no capítulo 4. Todos esses capítulos, mesmo que implicitamente, estão muito arraigados no paradigma materialista. Tal fato fica evidente na afirmação falaciosa de que "sabemos hoje que formas de vida complexas, dotadas com um senso de propósito, podem ser geradas sem nenhum designer e que isso acontece por causa da seleção natural" (Nurse, 2021, p. 79)

Falaciosa porque a teoria da seleção natural, conforme proposta por Darwin, apesar de ser uma boa explicação para se entender alguns mecanismos envolvidos na evolução dos organismos, possui limitações e é incapaz de explicar todos os fenômenos e, muito menos, a origem e o propósito da vida. Por isso, não se trata de um saber, mas de uma especulação sem base em fatos, uma mera possibilidade. Desse modo, verifica-se que a crença do cientista se sobrepôs aos fatos e uma pressuposição foi adotada como uma verdade científica para sustentar toda a sua exposição. Outros trechos demonstram a mesma crença no materialismo e nos poderes mágicos ou divinos da seleção natural, conforme confissão do próprio autor ao afirmar

que começou sua “gradual passagem da crença religiosa para o ateísmo, ou, para ser mais preciso, o agnosticismo cético” (Nurse, 2021, p. 100). A respeito disso Jung esclarece que:

Denominando-se ‘ateus’ ou ‘agnósticos’, as pessoas insatisfeitas com a tradição cristã não são meramente negativas. Em muitos casos é fácil observar o fenômeno do ‘Deus compensador’, conforme demonstrei em meus trabalhos mais recentes. (Jung, 2011, p. 274, OC 18/2, § 1.531, grifo do autor)

O Deus compensador, apontado por Jung, é uma doutrina materialista assimilada com fé pelos ateus e / ou agnósticos, trata-se do fundamento ontológico destes indivíduos, pois, como enfatizado por Jung, nenhuma pessoa consegue suprimir a atuação do arquétipo da imago Dei<sup>3</sup> e, por isso, termina por realizar a sua projeção em algum objeto, mesmo que não seja um objeto sagrado e transcendente. (Ribeiro, 2021)

Paul Nurse parece usar a teoria da seleção natural como um Deus compensador para explicar o desígnio misterioso que concebeu a vida e a dotou de propósito. Assim como não existe empecilho em um cientista ter uma crença religiosa, também não existe empecilho em ele ter sua crença no ateísmo ou agnosticismo, mas não se deve misturar, inadvertidamente, sua fé com as suas pesquisas científicas, pois “uma vez que não pode haver uma metafísica que ultrapasse a capacidade humana, não existe também qualquer conhecimento empírico, o qual já não esteja aprioristicamente preso e limitado por uma estrutura cognitiva” (Jung, 2012, p. 84, OC 9/1, § 150)

Estamos convencidos atualmente de que em todas as áreas do conhecimento há premissas psicológicas, as quais testemunham decisivamente acerca da escolha do material, do método de elaboração, do tipo de conclusões e da formulação de hipóteses e teorias. [...] Não só os filósofos, mas também nossas próprias tendências filosóficas e até

---

<sup>3</sup> Os arquétipos são imagens primordiais, determinados quanto a forma e não quanto ao conteúdo. Existem os arquétipos que são peculiares a espécie humana, que surgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar sem a influência de uma transmissão externa (Jung, 2012). O arquétipo da imago Dei é “[...] um símbolo do si-mesmo como totalidade psíquica, é ao mesmo tempo uma imagem de Deus” (Jung, 2012, p. 327, OC 9/1, § 572).



mesmo o que chamamos nossas melhores verdades são afetadas, quando não diretamente ameaçadas, pela ideia de uma premissa pessoal. (Jung, 2012, p. 84, OC 9/1, § 150)

Desse modo, os pesquisadores devem eximir-se de adotar pressuposições do campo de sua fé e crenças, que inclui o ateísmo ou agnosticismo, como verdades científicas preservando-se desse viés psicológico que pode levar a desvios de lógica e racionalidade. Dito isso, percebeu-se no capítulo 5 - a vida enquanto informação - uma possibilidade de abertura e superação das limitações do paradigma materialista como também do ateísmo e do agnosticismo de Paul Nurse que se imiscuiu em suas reflexões sobre o que é a vida.

### **3 INFORMAÇÃO**

No capítulo 5 - A vida enquanto informação - Paul Nurse afirma que “as informações se encontram no centro da existência [...] de toda a vida” (Nurse, 2021, p. 145). Os organismos vivos necessitam coletar e usar informações, como sistemas complexos e organizados, para funcionarem com eficácia. (Nurse, 2021)

Por trás da aparente simplicidade dessa constatação emergem implicações significativas, algumas apontadas pelo próprio Nurse. Os organismos precisam detectar as alterações em seu ambiente interno e externo, de maneira constante, e reagir apropriadamente. Para isso, precisa selecionar as informações relevantes e ignorar todo o restante (uma esmagadora maioria), juntar toda a informação coletada e transformar em algo útil para a sua ação. E, tudo isso, atendendo a um senso de propósito que direciona os organismos a busca de sua sobrevivência e a, futuramente, perpetuar a si mesmo e assim evoluir. (Nurse, 2021)

Na atualidade, a palavra informação ocupa um lugar de destaque no campo da ciência. Etimologicamente, in•forma•ção se origina “do in - prefixo,

derivado do latim in-, do advérbio e preposição in, [que significa] ‘em’ e ‘dentro de’” (Cunha, 2010, p. 353); e “forma”, ou seja, informação é o que ‘dá forma’ ou ‘forma uma ideia’. (Cunha, 2010).

Claude Shannon (1916-2001) criou o neologismo bit para designar a unidade básica da informação em sua monografia: ‘Uma teoria matemática da comunicação’ e, desde então, de algo intangível e imensurável a informação se reverte em algo mensurável e quantificável. (Gleick, 2013)

Para os propósitos da ciência, ‘informação’ tinha de significar algo especial. Três séculos antes, a nova disciplina da física só pôde tomar forma depois que Isaac Newton se apropriou de palavras que eram antigas e vagas – ‘força’, ‘massa’, ‘movimento’ e até ‘tempo’ – e conferiu a elas novos significados. Newton transformou esses termos em quantidades, medidas adequadas para serem usadas em fórmulas matemáticas. [...] No século XIX, o termo ‘energia’ começou a sofrer uma transformação parecida. [...] O mesmo ocorreu com a informação. (Gleick, 2013, p. 15-16)

Apesar de tratar-se de algo **sem substância**, à medida que os cientistas começaram a compreendê-la, passaram a considerar a informação o cerne da existência de cada partícula, campo de força, do continuum espaço-tempo, e de cada ser vivo, etc. (Gleick, 2013)

Michael Behe e William Dembski em suas **teorias da complexidade irreduzível e da informação de complexidade especificada**, respectivamente, sustentam que a informação não apenas possibilita a existência de cada objeto físico, mas é ainda responsável pelo surgimento da vida, indicando a impossibilidade estatística de que o seu surgimento tenha sido decorrente de um processo aleatório. (Smith, 2017)

Com isso, “a informação é uma noção central, mas problemática. Daí toda a sua ambiguidade: não se pode dizer quase nada sobre ela, mas não se pode mais deixar de levá-la em conta” (Morin, 2005, p. 24). Desse modo, a informação estabelece um elo da física, com a química, biologia, e empreende na ciência moderna a entrada do elemento espiritual, que anteriormente só se encontrava na metafísica. A informação se apresenta ora como mensagem, ora

como programa, ora como saber, ora como matriz organizacional, e possui ainda aspectos comunicacionais e estatísticos, provenientes da teoria da informação shannoniana. Dessa maneira, a informação se apresenta como um conceito indispensável, mas ainda não elucidado. (Morin, 2005)

Conforme proposto por Nurse, o 'propósito da vida' que dirige a sua manifestação material apenas é localizável no aspecto intangível da 'informação', assim como ocorre com a energia e a matéria. Seria a informação o princípio último que dá forma a tudo o que existe no universo? Ainda não sabemos, mas sabemos que o materialismo, surgido no século XVIII, e os seus princípios ontológicos, indubitavelmente, são incapazes de explicar, plenamente, a vida e tudo mais que existe no universo.

Hoje, o espírito da época (*Zeitgeist*) possui a convicção de que o espírito deve ser concebido como um epifenômeno da matéria, "não é a força da alma que constrói para si um copo; ao contrário, é a matéria que, com seu quimismo, engendra uma alma" (Jung, 2022, p. 188), mas "não há especulação racional capaz de provar ou de negar tanto o espírito quanto a matéria" (Jung, 2022, p. 186).

A despeito de Jung (2022, p. 187) ter alertado de que "o espírito da época não se enquadra nas categorias da razão humana" e que

[...] não se deve brincar com o espírito da época, porque ele é uma religião, ou melhor ainda, é uma crença ou um credo cuja irracionalidade [...] possui a desagradável qualidade de querer que o considerem o critério supremo de toda a verdade (Jung, 2022, p. 187).

Considerando-se a gama de conhecimento científico acumulado, já é legítimo apresentar reflexões um tanto perturbadoras, mas muito necessárias, acerca da 'informação' e de sua aproximação com o constructo 'alma' ou 'espírito' dos nossos antepassados.

A informação começa a ser entendida como o princípio subjacente à toda manifestação 'material'. Seria a informação a 'substância' que constitui o

espírito e a matéria? Dito isso, e seguindo por caminhos diferentes, constata-se que atualmente ocorre um retorno a símbolos de cosmologias dos nossos antepassados. Por exemplo: Richard Conn Henry (2005, p. 29), professor de Física e Astronomia na Johns Hopkins University, em seu artigo *The mental universe* publicado no *Journal Nature*, baseando-se nas mais recentes descobertas da física afirma que “o universo é imaterial-mental e espiritual”. Tal afirmação muito se assemelha a um princípio da antiga filosofia do Egito e da Grécia conhecida como filosofia hermética, que prescreve: “O todo é mente; o universo é mental.” (Iniciados, 2017, p. 29)

Em vista disso, passamos às considerações finais e buscaremos colaborar para o restabelecimento do diálogo entre os ‘racionalistas’ e ‘empiristas’ visando contribuir para que a construção do conhecimento científico siga por caminhos mais amplos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Superestimamos as causas materiais, e somente agora acreditamos haver encontrado a explicação correta, movidos pela ilusão de que conhecemos melhor a matéria do que um espírito ‘metafísico’. Mas a matéria nos é tão desconhecida quanto o espírito. Nada sabemos a respeito das últimas coisas. Somente esta constatação é capaz de nos restituir o equilíbrio. (Jung, 2022, p. 189-190)

Atualmente, o espírito da época nos tendência a buscar explicações, preferencialmente, no âmbito da matéria, como uma compensação ao passado quando se recorreu abusivamente ao espírito como fonte de explicação de todas as coisas, ou seja, agora cometemos o erro inverso que, no fundo, é o mesmo erro. (Jung, 2022). Dessa maneira, buscaremos empreender uma abertura com aproximações entre posicionamentos contemporâneos e do passado.

Ao examinarmos a noção contemporânea de informação, forçosamente, constatamos uma estreita relação com o antigo conceito cosmológico de '*Anima mundi*', ou seja, alma do mundo. O termo foi cunhado por Platão para designar a existência de uma alma compartilhada e força regente do universo, essa alma do mundo seria a fonte de todas as almas individuais, e se manifesta em leis que afetam toda a matéria. Trata-se da hipótese de uma força imaterial e intangível, inseparável da matéria, seja orgânica ou não orgânica, que lhe provê de forma e movimento. (Abbagnano, 2007; Japiassú; Marcondes, 2008; Pieri, 2002)

Desse modo, o conceito contemporâneo de informação, inconscientemente, busca resgatar a alma para o campo científico sem, necessariamente, o tornar não-científico. A filosofia materialista que passou a dominar a ciência a partir da segunda metade do século XIX difundiu a ideia falaciosa de que a doutrina materialista (ateísmo e / ou agnosticismo) é representada por fatos científicos estabelecidos, e não apenas por pressuposições, ou seja, apenas por sua fé e crenças no materialismo.

Com o avanço do conhecimento científico é forçoso reconhecer que a ciência não é um domínio exclusivo e de propriedade do ateísmo ou do agnosticismo, mas uma área que deve buscar a construção de conhecimentos fundamentados em metodologias científicas, na pluralidade, e não apenas na metodologia materialista.

Com isso, sem grandes pormenores, a alma ou o espírito estão sendo reintroduzidos no campo científico sem o deixar menos científico. A religião continua como o campo do sagrado e transcendente, ou seja, de todo aquele conhecimento ainda inacessível à ciência, mas acessível aos humanos por revelações divinas. A fronteira entre ciência e religião ou entre científico e não científico será sempre porosa e flexível, pois o objetivo último da ciência é avançar sobre o desconhecido, mas apoiando em métodos científicos.

Por conseguinte, retomamos a proposta inicial de diálogo entre Nurse e Jung e concluímos que, sim, a vida precisa de uma alma, pois só

considerando esse seu aspecto será possível se aproximar de um conhecimento mais amplo da vida. Assim como, o mundo também precisa de uma alma. Tanto o espírito quanto a matéria fazem parte da 'equação' e devem ser igualmente considerados.

Por fim, retomamos a advertência, também defendida por Jung, sobre os perigos da psicologia sem alma. Jung usa esse termo para se referir a toda abordagem da psicologia que considera a atividade psíquica como um produto bioquímico, ou pior, que ignora as atividades psíquicas. Precisa-se com urgência restabelecer o espírito no campo científico e, inquestionavelmente, na psicologia científica.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas; HILL, Clive; KING, Peter J.; MAREBON, John; WEEKS, Marcus. **O livro da filosofia**. São Paulo, SP: Globo, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo De. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon, 2010.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2018.

GLEICK, James. **A Informação**: Uma história, uma teoria, uma enxurrada. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

HENRY, Richard Conn. The mental universe. **Nature**, [S. l.], v. 436, n. 7047, p. 29, 2005. Disponível em: <http://doi.org/10.1038/436029a>. Acesso em: 27 ago. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2009.

INICIADOS, Três. **O Kybalion**: um estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da antiga Grécia. Rio de Janeiro, RJ: Arcanum, 2017.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**: escritos diversos / C. G. Jung Vol. 2 (OC 18/2). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (OC 9/1). 8. ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **O Indivíduo moderno em busca de uma alma**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo, SP: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

NURSE, Paul. **O que é a vida?** : compreendendo a biologia em cinco passos. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2021.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RIBEIRO, Ricardo de Queirós Batista. **Guerra de Informação & Psicologia Complexa**: noções de manipulação e alienação a partir da psicologia das massas. 2021. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2021.

ROVELLI, Carlos. **Sete breves lições de física**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2015.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas**: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista. São Paulo, SP: Cultrix, 2014.

SMITH, Wolfgang. **A sabedoria da antiga cosmologia**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.





### 3 Paul Nurse, cientista ocidental: apontamentos e sugestões

*Túlio Alcântara Valente<sup>1</sup>*

*Nilton Sousa da Silva<sup>2</sup>*

#### 1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo pretende-se explorar convergências, maiores ou menores, entre as opiniões de Paul Nurse (2021) e as de outros autores dos campos da psicologia e da filosofia. Tais convergências percebidas são insights obtidos nas leituras de Nurse e outros, ou mais exatamente, sugestões apanhadas numa ou noutra página, como pequenas conchas surgidas na areia molhada de alguma praia durante uma caminhada meditativa. Deixa-se ao leitor o parecer sobre o proveito que se fez dessas sugestões. Pretende-se também indicar pontos a partir dos quais se possa encetar uma investigação de cunho social com abordagem epigenética.

Em relação à metodologia empregada, as leituras realizadas geraram notas que foram reunidas em três subseções que serão descritas a seguir. Algumas notas deram ensejo a divagações que não foram esquecidas. Se no conjunto parecerem variações sobre o tema do propósito (insistentemente trabalhado por Nurse) entremeadas de improvisos, espera-se que a composição seja minimamente agradável. Nas notas e divagações ousou-se

<sup>1</sup>Doutorando em Psicologia (UFRRJ); Mestre em Psicologia Social (UERJ); Graduado e Licenciado em Psicologia (PUC-MG); é professor de Psicologia. ([CRediT:Pesquisador - concepção, investigação e escrita - texto original](#)) e-mail: [valente.tulio@gmail.com](mailto:valente.tulio@gmail.com)

<sup>2</sup>Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. ([CRediT: Orientador - orientação e escrita - análise e edição](#)) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)



convocar filósofos de várias épocas e escolas, não obstante ser a abordagem essencialmente psicológica. A seleção dos trabalhos seguiu os critérios de proximidade temática e de oportunidades de articulação.

O capítulo está estruturado da seguinte forma: além da presente Introdução, conta com as seções “2 Contexto e Discussão” e “3 Considerações Finais”. A seção “2 Contexto e Discussão” apresenta três subseções: “2.1 Um Paralelo com a Antiguidade”, “2.2 Um Traço de Modernidade” e “2.3 Biologia e Psicologia”. Se o resultado dos esforços empreendidos for digno de crédito, acolher-se-á toda apreciação. Da mesma forma, críticas, correções, apontamentos ou observações serão sempre bem-vindos.

## **2 CONTEXTO E DISCUSSÃO**

Paul Nurse (2021) lembra Descartes: afirma que a religião de sua infância perdeu sentido. Mas, ao descrever processos vitais das células, apela para a possibilidade de haver uma “faísca vital”, identificada no “minúsculo fluxo de cargas elétricas atravessando uma membrana” (Nurse, 2021, p. 136). Em que sentido um “fluxo de cargas elétricas” (por menor ou maior que seja) é vital? - ele mantém a vida?; ele produz a vida? - O autor não explora essa questão.

Nurse (2021) também insiste na existência de um propósito, seja nos processos celulares, ou no comportamento dos seres vivos. Adicionalmente, ao dissertar sobre a “vida enquanto informação” (Nurse, 2021, p. 145-89), parece apostar na existência de um fenômeno biológico similar, por um lado, ao processo cognitivo humano e, por outro lado, a um tipo peculiar de comunicação entre células, tecidos, órgãos, organismos, populações e ecossistemas caracterizada pela circulação de moléculas e substâncias. Tal fenômeno, porém, ele afirma ser incompreensível.

Pode-se, quanto a esses pontos, levantar três considerações: 1) Nurse, por um lado, alude ao salto sobre os abismos entre as navegações, em Platão (Reale, 1997, p. 101-2; SILVA, 2007, p. 250); por outro lado 2) remete a Shopenhauer ao empregar o conceito de vontade (1974, p. 12 ss.; Shopenhauer, 2005; Barbosa, 1997, p. 50-53), e 3) à noção de propósito em Erik H. Erikson (1976, p. 227-253). Vejamos cada uma delas e examinemos se de fato é lícito apontar essas relações.

## 2.1 UM PARALELO COM A ANTIGUIDADE

Na proposta platônica da ascese, simultaneamente intelectual e espiritual, há um movimento, representado pela saída da caverna, em que o indivíduo que empreende a jornada é instado a passar dos *topoi* menores (os lugares mais baixos do intelecto e do espírito), em *Horatós* (o mundo sensível), aos *topoi* maiores (lugares mais altos), em *Noétos* (mundo das formas) (Reale, 1997, p. 102-3; Silva, 2007, p. 50).

Em *Horatós* encontram-se os dois *topoi* menores: *Eikasia* e *Pistis*. *Eikasia* é o reino da imagem e das formas mito-poéticas do discurso; é o reino do *tambos* (espanto) e das possibilidades abertas ao intelecto e ao espírito. *Pistis* é o reino das crenças, das ilusões (produzidas por outros homens), da fé e da opinião; é o reino das formas persuasivas do discurso, das emoções diante do que é verossímil e da produção de impressões no intelecto e no espírito. Em *Horatós*, portanto, a mente e o espírito estão sujeitos às impressões numinosas e à persuasão dos falantes (Reale, 1997, p. 102-6; Silva, 2007, p. 50; Jung, 1986, p. 500, OC5, §612).

A passagem de *Horatós*, onde se deu a primeira navegação, para *Noétos* exige um primeiro salto que, por sua vez dá início à segunda navegação: primeiro em direção a *Dianóia*, em seguida, a *Noésis*. *Dianóia* é o reino da investigação apoiada (mediada) em formas geométricas; do cálculo das razões, das proporções e das probabilidades; da definição dos objetos de investigação e do aprimoramento intelectual e espiritual por meio da

discussão dialética. *Noésis*, por sua vez, é o reino da intuição intelectual dos objetos, dispensada a mediação das formas geométricas; da demonstração lógica, entendendo-se a lógica como manifestação de ordem, correção e retidão intelectual e espiritual; é o reino do que Platão entendia por verdadeira ciência (Reale, 1997, p. 102-6; Silva, 2007, p. 82).

O salto sobre o abismo que separa *Horatós* de *Noétos*, ou o mundo sensível das formas ideais, simboliza o abandono ou superação das crenças, ilusões e opiniões fixadas por meio da persuasão retórica, em favor de uma abordagem da realidade que, se inicialmente se apoia nos objetos (*Dianóia*), passa, em seguida, ao exame da realidade por meio da reflexão. Dito de outra forma, a passagem de *Horatós* para *Noétos* corresponde intelectualmente à passagem da opinião para o conhecimento e, espiritualmente, à passagem da moralidade aprendida na infância para a ética da transcendência. Essa travessia só é realizada através da catarse, simbolizando o abandono das ilusões e a mudança de mentalidade - uma conversão - (*metanoia*) (Jung, 1986, p. 284; Jung, 2013, p. 13, OC 10-1, §536). O percurso continua em direção à inteligência (*intus-legere* ou ler por dentro), ou seja, da apreensão intuitiva dos objetos intelectuais à contemplação do objeto intuitivo puro (Ideia ou Forma Única) prenunciado na imagem descrita por meio do discurso mito-poético, em *Eikasia*, significando a passagem ao mundo dos princípios (Reale, 1997, p. 102-6; Silva, 2007, p. 84).

Todo percurso de elevação das imagens às ideias representa o próprio desenvolvimento da alma por meio do método purgatório das opiniões.

Paul Nurse (2021, p. 146) afirma que os organismos reúnem informações para produzir conhecimento e, em seguida, pergunta-se como se dá a passagem do estágio de reunião de informação para o estágio da produção de conhecimento. Diante dessa questão, Nurse considera que:

Seja lá qual for o nível de organização biológica que examinemos, as tentativas para aprofundar nossa compreensão ocorrerão graças à nossa capacidade de entender como a informação é gerenciada. É deixar de apenas descrever a complexidade e passas a compreender a

complexidade. Assim que conseguirmos fazer isso, começaremos a ver como as borboletas esvoaçantes, as bactérias que consomem açúcar, os embriões em desenvolvimento e todas as outras formas de vida dão o salto crucial para transformar informação em conhecimento significativo que pode ser usado para cumprir o objetivo de sobreviver, crescer, reproduzir e evoluir. (Nurse, 2021, p. 188)

Estaria o autor invocando o que ele mesmo chamou de “faísca vital” (p. 136)? Estaria, ainda que remotamente, concebendo a hipótese de que todos os organismos, levando-se em conta as proporções, estariam de alguma forma aptos ao método purgativo? São perguntas retóricas, porém são questões sugestivas cuja solução demandaria maior aprofundamento. Mas, na remota hipótese de ser assim, ou seja, no caso de uma resposta positiva às questões, Nurse (2021) correria o risco de projetar sobre células, tecidos, órgãos, organismos, populações e ecossistemas uma potencialidade humana, seja essa potencialidade individual, como a concebe Platão, seja, ao modo extremo de Teilhard de Chardin (1970), uma potencialidade de toda coletividade e para além dela. Por outro lado, é possível apreender do texto de Nurse (2021) uma visão simultaneamente epigenética e teleológica de desenvolvimento e complexificação dos seres vivos, oferecendo outra abertura às noções “hiper” de Teilhard de Chardin (1970, p. 2, 99 e 120, p.e.).

## 2.2 UM TRAÇO DE MODERNIDADE

*Todos os que veem a admirável estrutura dos animais  
são levados a reconhecer a sabedoria do autor das coisas.*

*Leibniz*

Nurse (2021, p. 148) refere-se explicitamente a Immanuel Kant, para quem o organismo é uma modalidade “técnica da natureza”, uma técnica caracterizada por uma teleologia (RAMOS, 2010, p. 19). O próprio Kant afirmou:

O conceito de ser organizado é este: um ser material, que só é possível ligando tudo o que nele está contido, reciprocamente como fim e como meio (na verdade, qualquer anatomista, como fisiologista, parte desse conceito). Uma força fundamental, por meio da qual funcionaria uma

organização, deve, conseqüentemente, ser pensada como uma causa que funciona segundo fins e claro, de modo que esses fins devem estar baseados na possibilidade do efeito. Mas só conhecemos tais forças, segundo seu fundamento de determinação, pela experiência, em nós mesmos, a saber: em nosso entendimento e vontade, como causa da possibilidade de um determinado produto disposto inteiramente segundo fins, a saber: a obra de arte. O entendimento e a vontade são em nós forças fundamentais, das quais a última, na medida em que é determinada pela primeira, é uma faculdade de produzir algo adequado a uma ideia, chamada fim. (Kant, 2004, p. 27-28. Tradução nossa)<sup>3</sup>

E que a natureza, em sua manifestação,

Organiza-se a si própria e em cada espécie dos seus produtos organizados, na verdade segundo um único modelo no todo, mas, porém de igual modo com modificações bem urdidas que a autopreservação segundo as circunstâncias exige. Talvez adquiramos uma perspectiva mais correta desta propriedade impenetrável se a designarmos como um *analogon* da vida (...). Os seres organizados são os únicos na natureza que, ainda que também só se considerem por si e sem uma relação com certas coisas, têm porém que ser pensados como possíveis, enquanto fins daquela mesma natureza e por isso como aqueles que primeiramente proporcionam uma realidade objetiva ao conceito de um fim que não é um fim prático, mas sim, um fim da natureza e, desse modo, à ciência da natureza o fundamento para uma teleologia, isto é, um modo de julgamento dos seus objetos segundo um princípio particular que doutro modo não estaríamos autorizados a nela introduzir (porque não se pode de maneira nenhuma descortinar a priori a possibilidade de uma tal espécie de causalidade). (Kant, 1998, p. 292)

O quanto Kant concordaria com Leibniz é uma discussão que ultrapassa nossos propósitos. Podemos, porém, destacar alguns pontos: o organismo é um ser material compreendido simultaneamente como fim e

---

<sup>3</sup> El concepto de un ser organizado es este: un ser material, que es posible solo mediante la vinculación de todo aquello que está contenido en el, recíprocamente como fin y como medio (en realidad, cualquier anatomista, como fisiólogo, parte de este concepto). Una fuerza fundamental, mediante la que se obraría una organización, debe, en consecuencia, ser pensada como una causa que obra según fines y desde luego, de manera que estos fines deben ponerse con fundamento por la posibilidad del efecto. Pero solo conocemos fuerzas semejantes, según su fundamento de determinación, mediante la experiencia, en nosotros mismos, a saber: en nuestro entendimiento y voluntad, como una causa de la posibilidad de cierto producto dispuesto por completo según fines, a saber: la obra de arte. Entendimiento y voluntad son en nosotros fuerzas fundamentales, de los cuales la última, en la medida en que sea determinada por la primera, es una facultad de producir algo adecuado a una Idea, llamada fin.

como meio ou o organismo é um meio para que um fim seja atingido; há uma força que sustenta a organização e esta força deve ser entendida como uma causa que visa fins, entendidos esses fins como efeitos; a natureza, nas suas manifestações, se auto-organiza, gerando produtos; os produtos da auto-organização da natureza seguem um modelo que pode sofrer modificações visando a autopreservação. A discussão sobre se Kant era ou não um precursor de Darwin ou da teoria da evolução das espécies é rica e ainda tem frutificado (p.e. Ramos, 2010; Perin, 2010), não podemos, pois, afirmar categoricamente que Kant foi um evolucionista *avant la lettre*, mas suas afirmações não deixam de ser sugestivas.

Kant, porém, é o mesmo filósofo para quem o intelecto humano é incapaz de ter acesso à “coisa em si” na experiência, mas apenas às aparências fenomênicas que, a partir das categorias a priori do entendimento, presentes nas mentes individuais, são coeridas numa imagem que não é a coisa senão sua aparência.

Uma das questões que se podem levantar diante de tal formulação é a seguinte: se nós não temos intelectualmente acesso à coisa em si da experiência, mas apenas às aparências fenomênicas, ao ler os livros que contêm o texto da filosofia de Immanuel Kant, teremos acesso à coisa em si dessa filosofia ou apenas à sua aparência fenomênica?

Na hipótese de termos acesso à coisa em si da filosofia de Kant, o filósofo alemão, por meio de seu texto, poderia tirar-nos do mundo das aparências fenomênicas, conduzindo-nos à dimensão da coisa em si ou infundir em nós a capacidade de acessá-la. Se isso acontecesse, estaríamos diante de um poder sobrenatural que se exerce, não necessariamente por ação do próprio Kant sobre nosso intelecto, mas por procuração dada a um meio material de transmissão do texto de sua filosofia. Porém, se tal se desse, Kant se desmentiria automaticamente, tendo em vista sua afirmação de que não temos intelectualmente acesso à coisa em si da experiência.

Por outro lado, na hipótese de termos acesso apenas às aparências fenomênicas, deparamo-nos com um problema tão ou mais espinhoso: se só temos acesso às aparências fenomênicas, sem alcançarmos a coisa em si, isso significa que, ao lermos o texto da filosofia de Kant, jamais teríamos acesso à coisa em si de sua filosofia, mas somente à sua aparência fenomênica registrada nos textos e, se for assim, poderia-se considerar: a) de que valeria ler o texto da filosofia de Kant, sendo ele apenas sua aparência fenomênica e incapaz de nos revelar a filosofia em si? b) de que valeu a Kant registrar uma filosofia inacessível em si? Não seria esse um empreendimento de alto risco, para não dizer fracassado na origem?

Deve-se, no entanto, e por cautela, afastar a hipótese remota e historicamente improvável de que Kant, tendo concebido tal filosofia, por óbvio para ele totalmente acessível em si, e prevendo essas dificuldades com as quais seus leitores se defrontariam, ter iniciado discípulos, por meio de exercícios espirituais, como desde a antiga Grécia se tem praticado em escolas de mistérios (Reale, 1997, p. 74-80; 95-97), capacitando-os a transitar entre o mundo das aparências e o da coisa em si, capacidade que seria retransmitida, em círculos discretos, desde Kant aos nossos dias.

Ao referir-se a Kant e insistir no tema do propósito, Nurse (2021) também se aproxima de Schopenhauer, ainda que não intencionalmente.

Diante do que considerava o absurdo ou o *nonsense* da existência, talvez realçado por uma série de acontecimentos em sua vida privada, Arthur Schopenhauer acabou por vislumbrar na concepção kantiana da coisa em si uma explicação possível para o turbilhão sem sentido da existência e empreendeu esforços para solucionar tal enigma, articulando as concepções de coisa em si e aparências fenomênicas no que chamou respectivamente de vontade e de representação (Barboza, 1997, p. 29-61). Para Schopenhauer, vivemos num mundo em que tudo que sentimos, sabemos ou que viermos a conhecer não passa nunca de representação da vontade. Por vontade, Schopenhauer entendia a essência cósmica: um impulso motor, uma energia ou força desgobernada e irracional cujas manifestações ocorrem apenas como



meio de expressar ou representar, numa miríade de possibilidades, estabilizações sempre provisórias a jorrar constantemente de sua fonte originária e incessante.

Na cosmologia schopenhaueriana, tudo quanto existe decorre da vontade que, poder-se-ia dizer, ensaia uma autorrealização incerta através da fluidez e da provisoriedade de formas sempre substituídas na constante renovação de suas representações: a vida e a morte; pensamentos e planos; sucessos e fracassos; tragédias; o material e o imaterial; o beijo dos amantes. Assim, tudo que acontece e existe tem como único propósito representar a vontade, da qual tudo provém e na qual tudo está: o que existe é simultaneamente produzido e arrastado à destruição no movimento incessante da vontade; e os processos mesmos de produção e destruição são também representações da vontade. Não nos parece, porém, que seja incorreto vislumbrar possíveis articulações entre a proposta de Schopenhauer e o *panta rei heraclítico*, por exemplo; ou as concepções gnósticas do Deus *absconditus*, do Cristo Cósmico puro espírito e do Demiurgo enganador e criador desse baixo mundo, surgidas nos primeiros tempos do Cristianismo; ou o vasto ciclo cósmico de criação, destruição e recriação do universo representado por *Shiva Nataraja* e seu colar dentro do arco de fogo (protótipo remoto do consolo metafísico nietzschiano do Eterno Retorno).

Quando Paul Nurse (2021) insistentemente afirma que a vida tem propósito, que a célula tem propósito, que os eventos físicos ou as reações químicas que ocorrem no interior das células têm propósito, que as trocas de informações de natureza físico-química que ocorrem no interior das células têm propósito, que as trocas de informações entre células, tecidos, órgãos, organismos, populações e ecossistemas têm propósito, não nos parece que ele esteja empregando o termo “propósito” no sentido de ter uma orientação como a de um plano racional e conscientemente concebido. O termo “propósito” tão frequentemente empregado por Paul Nurse (2021) refere-se antes a um *telos* de um processo em aberto que a uma finalidade pré-concebida. Nas palavras do autor:

[...] as células compartilham de muitas características com todos os tipos de animais, plantas e fungos. Elas crescem, se reproduzem, se mantêm e, ao fazer isso, demonstram um senso de propósito: um **imperativo** para persistirem, para permanecerem vivas e se reproduzirem, não importa o que aconteça. (Nurse, 2021, p. 33, grifo nosso)

Ou: “[...] a evolução por seleção natural nos obriga a imaginar algo mais próximo, mas também, mais magnífico. É um processo **inteiramente sem direção** e incremental (Nurse, 2021, p. 80-81, grifo nosso). Assim, segundo se percebe, a noção de propósito, em Paul Nurse (2021), aproxima-se da noção shopenhaueriana de vontade (Schopenhauer, 2005; Barboza, 1997; Schopenhauer, 1974).

Outorgar ou ainda procurar um sentido de cada observação que fazemos nessas investigações é também representação da vontade e, ao tentar descrevê-lo e buscar entendê-lo, a vontade revela-se, representando-se no fluxo temporal. Por outro lado, o ato de outorgar um sentido às observações que fazemos em nossas investigações, procurando nelas uma coerência, pode também ser considerado como uma projeção, no mundo natural, de nossa necessidade de também darmos um sentido ao que somos e ao que fazemos, tendo em vista nossas expectativas sobre nós mesmos. Desse modo, pelo empreendimento de buscar no mundo natural uma explicação puramente material para a vida, ao mesmo tempo em que admite a possibilidade da ação de uma “faísca vital”, Nurse (2021) acaba por narrar sua jornada de conhecimento e autoconhecimento, realizando esse movimento projetivo, observado em várias passagens de seu texto, sugerindo também a efetuação de um imenso esforço no sentido de articular naturalismo, materialismo e idealismo subjetivista. Se realmente ambiciona fazer isso, deverá recrutar forças poderosas para a consecução desse projeto, tal como fez Kant ao apostar, por um lado, na filosofia de Descartes, em que o eu é fundamento e, por outro lado, na filosofia de David Hume, em que o eu a rigor não existe, constituindo-se num feixe de impressões, tudo isso tendo como pano de fundo e modelo de ciência a física de Isaac Newton. Se tal projeto existe na

ciência de Paul Nurse, deve-se lhe desejar sucesso. Se Nurse, por outro lado, não ambiciona realizar esse projeto, deve-se sempre considerar que suas observações sugestivas abrem oportunidades intrigantes de investigação que transcendem o campo da biologia.

## 2.3 BIOLOGIA E PSICOLOGIA

A terceira sugestão recebida do texto de Paul Nurse (2021), e acima aludida, relaciona-se com a noção de propósito em Erik H. Erikson. Nos paralelos entre Erik Erikson e Paul Nurse que se seguem são apontadas correspondências que reconhecemos não serem exatas, mas que refletem percepções de similaridades entre as partes evocadas mais pelas sugestões que comportam que pela identidade do objeto em estudo, pelo método empregado ou pela via de análise realizada.

Erikson (1976) concebe o ciclo da vida humana como, por um lado, de natureza psicossocial, com oito estágios de desenvolvimento, e, por outro lado, como epigenético em sua totalidade (Erikson, 1976, p. 227-53).

Segundo Fadiman e Frager (2004, p. 199), Erikson admite que experiências prévias, determinam padrões de comportamento em situações futuras, por outro lado, admite também que, em fases posteriores, padrões pretéritos podem ser alterados, resultando em um melhor ajustamento do indivíduo à realidade ou numa solução patológica para os conflitos. Compare-se essa observação com o que se segue:

[...] Cada célula contém uma profusão de diferentes reações químicas e atividades físicas. Tudo deixaria de funcionar bem depressa se todos esses processos diferentes operassem caoticamente ou em competição direta de uma célula com outra. É apenas pelo gerenciamento das informações que a célula consegue impor ordem em sua extrema complexidade de operações e, assim, cumprir seu propósito supremo de permanecer viva e se reproduzindo. (Nurse, 2021, p. 148)

Entre todos os estágios propostos por Erikson (1976), o terceiro é o que especialmente nos interessa. Erikson (1976, p. 234-8) descreve o estágio

“análogo à fase fálica de Freud” (Fadiman; Frager, 2004, p. 202) em termos mais brandos, digamos assim, como “Idade de Brincar” ou “Fase Lúdica”. O estágio é caracterizado pelo esforço infantil de conquistar, de entrar no jogo do qual os outros já fazem parte (são esses os modos psicosssexuais<sup>4</sup> intrusivos e inclusivos); a criança encontra alegria em investir e conquistar o ambiente. Os meninos apresentam modos fálicos de se impor e dominar e as meninas querem “armar o laço”, seja na sua expressão arrebatadora e fatal, seja na expressão atraente e cativante (Erikson, 1976, p. 234-8). A crise psicossocial<sup>5</sup> do estágio expressa-se no conflito entre Iniciativa versus Sentimento de culpa (Erikson, 1976, p. 234; ROSA, 1996, p. 133). A iniciativa adiciona à autonomia, adquirida no estágio anterior (Autonomia versus Vergonha e dúvida), a capacidade de empreender, planejar e atacar uma tarefa, bem como o gosto por ser ativo, o que também significa “responder positivamente aos desafios do mundo, tendo responsabilidade e aprendendo novas tarefas” (Flacker, 2000, p. 4). O estímulo do ambiente é fundamental para o desenvolvimento de um senso adequado de ação independente, como observa Rosa (1996, p. 133), pois a iniciativa é uma necessidade humana. Para Erikson (1976, p. 235) “o homem precisa do espírito de iniciativa para tudo o que aprende e faz, desde colher frutas até organizar uma empresa”. Essa necessidade de adequação da iniciativa decorre do fato de ela conter potencial tendência a romper os limites da autorrestrrição, fazendo com que o indivíduo se permita agir com os outros de um modo que não tolera consigo, e assim é porque a iniciativa comporta uma rivalidade antecipada com os que chegaram antes (os mais velhos, os mais antigos, etc.) e que podem conquistar o objetivo visado pela iniciativa (Erikson, 1976, p. 235). Porém, esse senso de domínio “é

---

<sup>4</sup> Modos psicosssexuais: representam, em cada estágio de desenvolvimento, as formas instintivas (portanto somáticas e psíquicas, de acordo com as concepções psicanalíticas) que os indivíduos apresentam para poder lidar com a realidade imediata. No modelo de Erikson, as quatro primeiras idades, ou estágios, correspondem basicamente à descrição freudiana do desenvolvimento psicosssexual humano. Em seguida, Erikson formula a partir de concepções correntes em psicologia em torno do conceito psicanalítico de genitalidade.

<sup>5</sup> Crises Psicossociais: representam as tarefas evolutivas de cada estágio. A crise, por também ser uma oportunidade, pode resultar tanto em desajustamento quanto em ajustamento social. As crises envolvem três dimensões: “são meios de experimentar acessíveis à introspecção; modos de proceder observáveis por outros; e estados interiores inconscientes, determináveis por teste e análise” (Erikson, 1976, p. 231).

temperado pelo sentimento de culpa” (Fadiman; Frager, 2004, p. 202). A culpa, segundo Erikson (1976, p. 235), deriva da contenção energética de uma iniciativa planejada que comportava atos de manipulação e coação agressiva dos outros. As causas, porém, podem ser mais remotas: caso o indivíduo sinta que sua atividade lúdica não é reconhecida como significativa ou que ela é desprezada ou tida como sem sentido ou estúpida, ele pode apresentar um sentimento de culpa em relação a qualquer atividade que inicie (Rosa, 1996, p. 133). Comparem-se tais formulações com:

A importância crítica dessa habilidade é ilustrada pelo desenvolvimento de um embrião disforme até se transformar em um ser humano completo. As células em seus rins, na sua pele e no seu cérebro contêm o mesmo conjunto com um total de 22 mil genes, mas a regulação gênica significa que os genes necessários para criar um rim foram “ativados” em células embrionárias de rim, e aquelas que funcionam especificamente para criar a pele ou o cérebro foram “desativadas”, e vice-versa. [...] Entretanto, a regulação gênica não é importante apenas durante o crescimento e o desenvolvimento dos organismos. Ela também é uma das principais formas de todas as células ajustarem seus funcionamentos e suas estruturas para sobreviverem e se adaptarem a mudanças de ambiente. (Nurse, 2021, p. 155-6)

As modalidades psicossociais<sup>6</sup> da Fase Lúdica (Erikson, 1976, p. 234-48) assumem a forma imitação, fazer por imitar, brincar ou fazer de conta. A atividade lúdica “fornece os rudimentos da finalidade (direção ou propósito): foco e direção dados à atividade organizada” (Fadiman; Frager, 2004, p. 203). E, para a criança, tem o mesmo valor que o pensar e o planejar têm para o adulto (idem; ibidem). Mas, para além dos jogos físicos, com seus brinquedos, a criança elabora também os chamados jogos mentais, nos quais simultaneamente imita os adultos e adentra o mundo do faz de conta. O objetivo deste jogo é tentar perceber até que ponto ela pode ser como eles, iniciando o lento processo de tornar-se também um genitor e um portador e transmissor da cultura e das tradições (Erikson, 1976, p. 235; Gonçalves *et al.*, 2004, p. 4). Assim, a partir da imitação desenvolvem-se o senso de

---

<sup>6</sup> Modalidades Psicossociais: Intimamente relacionadas com os Estágios e Modos Psicossociais, diferenciam-se por serem expressões sociais relativas às crises psicossociais.

responsabilidade moral, a capacidade de compreensão dos vários papéis sociais, a participação social responsável, o prazer no manejo de ferramentas e brinquedos significativos e o cuidado com as crianças menores (Erikson, 1976, p. 235). Para Paul Nurse,

[...] Seja lá qual for o nível de organização biológica que examinemos, as tentativas para aprofundar nossa compreensão ocorrerão graças à nossa capacidade de entender como a informação é gerenciada. É deixar de apenas descrever a complexidade e passar a compreender a complexidade. Assim que conseguirmos fazer isso, começaremos a ver como as borboletas esvoaçantes, as bactérias que consomem açúcar, os embriões em desenvolvimento e todas as outras formas de vida dão o salto crucial para transformar informação em conhecimento significativo que pode ser usado para cumprir o objetivo de sobreviver, crescer, reproduzir e evoluir. (Nurse, 2021, p. 188)

O âmbito das relações sociais significativas<sup>7</sup> do terceiro estágio descrito por Erikson (1976, p. 234-48) é a família imediata (pais ou provedores, irmão e outros que compõem o círculo familiar íntimo). O indivíduo se esforça para obter um lugar privilegiado na família, principalmente junto à mãe, recrudescendo a rivalidade fraterna; quando esse esforço falha (e ele geralmente falha), o indivíduo é acometido por um difuso sentimento de culpa misto com resignação. Dessa forma, são as relações familiares nesse período que estabelecem os padrões gerais dos comportamentos do futuro adulto e fazem com que a iniciativa passe a se dirigir para outros objetos, ainda que seu objetivo inicial não seja abandonado. Flacker (2000, p. 4) lembra que os pais ainda podem, entretanto, “incentivar os filhos a terem iniciativas, encorajando-os a seguirem suas ideias, ou seja, suas fantasias, curiosidades e imaginação”. Em Paul Nurse encontramos:

[...] uma perspectiva da vida centrada na informação também nos ajudará a compreender níveis mais elevados de organização biológica. Pode lançar luz no modo com que as células interagem para gerar tecidos, no modo com que os tecidos criam órgãos e como os órgãos trabalham

---

<sup>7</sup> Âmbito das Relações Sociais Significativas (ou Relações Sociais Significantes): Diz respeito aos objetos preferenciais de investimento afetivo em cada estágio. A trajetória do desenvolvimento mostra o progressivo alargamento do alcance social desse investimento.

juntos para produzir um organismo vivo inteiramente operacional como um ser humano. O mesmo é verdadeiro em escalas ainda maiores quando olhamos para o modo como os organismos vivos interagem, dentro da mesma espécie e entre espécies, e como ecossistemas e a biosfera operam. O fato de que o gerenciamento de informações ocorre em todas as escalas, do nível molecular à biosfera planetária tem importantes implicações para a forma com que os biólogos tentam entender os processos da vida. Na maioria das vezes, é melhor procurar explicações próximas ao nível do fenômeno que está sendo estudado. Para serem satisfatórias, essas explicações nem sempre precisam ser reduzidas à escala molecular, ao reino dos genes e das proteínas. (Nurse, 2021, p. 186-7)

A iniciativa, mesmo sendo frustrada em alguns de seus esforços no seio da família, permite a percepção de possibilidades no ambiente, seja nas fantasias infantis ou nas metas da vida adulta (Erikson, 1976, p. 234-8). A criança agora passa a ser capaz, “como nunca antes, de visualizar e imaginar situações futuras” (Flacker, 2000, p. 4) e aprende o valor do planejamento antecipado e começa a desenvolver o senso de finalidade (direção; propósito) que é o nome da virtude que se pode desenvolver neste estágio e suas raízes se estabelecem precisamente no ato de brincar, com suas tentativas de sucesso ou experiências de fracasso (Flacker, 2000, p. 4; Fadiman e Frager, 2004, p. 202-3 e Gonçalves et al., 2004, p. 4). Para Fadiman e Frager (2004, p. 203) “a finalidade, então, é a coragem de imaginar e perseguir metas valorizadas sem a inibição dos revezes das fantasias infantis, da culpa e do medo de punição”, ela também “fornece objetivo e direção, alimentada pela fantasia, porém enraizada na realidade; limitada, mas não inibida pela culpa” (idem; ibidem). Para Paul Nurse,

[...] os sistemas vivos costumam ser menos eficientes e menos racionalmente construídos do que os circuitos de controle projetados com inteligência por seres humanos - mais uma razão pelas quais as analogias entre biologia e computação têm limites. Como observou Sidney Brenner, “a matemática é a arte do perfeito. A física é a arte do ótimo. A biologia, por causa da evolução, é a arte do satisfatório”. As formas de vida que sobrevivem à seleção natural persistem porque funcionam, não necessariamente porque fazem as coisas da forma mais eficiente ou direta. Toda essa complexidade e redundância tornam muito desafiadora a análise das redes de sinalização biológicas e do fluxo de informação. (Nurse, 2021, p. 181-2)

Tendo em vista o escopo dessa produção conjunta, é oportuno apontar aproximações entre Erik Erikson e Carl Gustav Jung. Nesse caso, nós nos afastaríamos da abordagem explícita da dimensão biológica para restringir-nos à psicológica. Logo, é melhor que não nos alonguemos e deixemos os detalhes dessas aproximações para outra ocasião.

Precedendo Erikson, Jung “considerava que o desenvolvimento continuava ao longo de toda a vida adulta” (Young-Eisendrath; Dawson, 2002, p. 79), esboçando as etapas da vida a partir do mito do herói solar arquetípico:

Da mesma forma que o organismo vivo com suas características especiais constitui um sistema de funções de adaptação às condições ambientais, assim também a alma deve apresentar aqueles órgãos ou sistemas de funções que correspondem a acontecimentos físicos regulares. Não me refiro às funções sensoriais que dependem de órgãos, mas, antes, a uma espécie de fenômenos psíquicos paralelos aos fatos físicos regulares. Para tomarmos um exemplo: o curso diário do sol e o alternar-se regular dos dias e das noites deveriam refletir-se na psique sob a forma de imagem gravada aí desde tempos imemoriais. Não podemos demonstrar a existência de uma tal imagem, mas, em compensação, descobrimos analogias mais ou menos fantásticas do processo físico: cada manhã um herói divino nasce do mar e sobe no carro do Sol. (Jung, 2000, p. 26, OC 8/2, §326)

Ao comentar Jung, Young-Eisendrath e Dawson (idem; ibidem) destacam que “a possibilidade de haver desenvolvimento contínuo e qualitativo durante toda vida acrescenta um fator compensatório necessário às teorias genéticas do desenvolvimento”. Jung, entretanto, não concebeu uma teoria do desenvolvimento rigidamente atrelada a arquétipos, pois descobriu a existência de muitos caminhos subjetivos para a consciência objetiva e, “de fato, determinados paradigmas arquetípicos podem influenciar um pouco os indivíduos, ou absolutamente nada” (idem; ibidem).

A ideia das etapas da vida também inspirou os trabalhos de Erik Erikson que, por sua vez, descreve o desenvolvimento, do ponto de vista psicossocial, como epigenético, ou seja, a cada conflito determinadas características psicológicas podem ser ativadas. A sucessão dos conflitos



descritos por Erikson projeta o movimento ascensional, a partir do nascimento, até o “declínio”, na aproximação da morte, passando pelos pontos altos da formação da identidade, o aprendizado da intimidade e o da capacidade adulta de transmissão da cultura. Tal percurso emula etapas do mito do herói solar arquetípico enquanto transita visível pelos céu, antes de enfrentar a serpente do abismo da escuridão e renascer. (cf. Jung, 2013, p. 242-5; OC 5, § 299)

O quanto se pode articular biologia e psicologia no que diz respeito à vida celular e à vida psicológica individual é uma questão desafiadora e intrigante. Especular sobre as relações entre, por um lado, células, tecidos, órgãos, organismos, populações, ecossistemas e biosfera (articulados em rede) e, por outro lado, a psicologia humana parece ser (ou certamente é) um desafio ainda maior e absolutamente assombroso. No entanto, é o biólogo Paul Nurse (2021, p. 248) que indica a necessidade de tal articulação, julgando necessário, para a compreensão da vida, recorrer a outras disciplinas como a filosofia, as ciências humanas em geral e a ciência da computação, além da física e da química.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos buscados neste capítulo foram explorar convergências percebidas entre as opiniões de Paul Nurse e outros autores, entre os quais Platão, Arthur Schopenhauer, Erik H. Erikson e Carl Gustav Jung, e sondar pontos de partida para uma investigação de cunho social com abordagem epigenética.

No percurso realizado buscou-se apresentar convergências intuídas e possibilitar a marcação de pontos considerados importantes para uma investigação de cunho epigenético, pelo menos no âmbito da psicologia social.

Porém, algumas questões permanecem. Poderíamos mesmo conceber uma epigenética social? Até onde podemos enxergar, a resposta que se apresenta é um modesto talvez. Logo, como isso se daria? Seria através da formação simultaneamente intelectual e espiritual nos moldes platônicos? Em parte, talvez, pois as possibilidades são muitas e essa formação, quando muito, nos faria assumir nossa responsabilidade cognitiva apenas e as escolas de mistério e as correntes científicas são, por definição, plurais. E mesmo dois mil anos de cristianismo parecem não ter sido suficientes para que se desse uma elevação espiritual coletiva. Somos ainda uma família turbulenta, falta-nos caridade.

Em quanto tempo, então, isso se daria? Jaeger (1986), assim como outros, ensina que os gregos, de Homero a Aristóteles, levaram mais de seiscentos anos para assumir intelectualmente a responsabilidade cognitiva por seus atos. Mas nem todos os gregos fizeram isso. A civilização cristã, por sua vez, não conseguiu espiritualizar todos igualmente, parece então que alcançar esse objetivo de elevação intelectual e espiritual é um empreendimento que exige esforços que largamente transcendem os efetuados pelos gregos e cristãos de ontem e é algo que parece estar infinitamente acima dos projetos imediatistas de presunçosos engenheiros sociais, mormente dos que orgulhosamente se repugnam da natureza humana e assumem como missão última ajustar essa natureza aos moldes de seus insensatos e múltiplos projetos.

Por fim, se o que aqui se disse foi insuficiente e impreciso de modo a não permitir clara compreensão, ou se foi excessivo e vago de modo a desviar a atenção do leitor, responsabilize-se o autor. Porém, se o que se disse é justo e adequado, agradeçamos àqueles sobre cujos ombros nos apoiamos.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**: a decifração do enigma do mundo. São Paulo: Moderna, 1997.

ERIKSON, Erik Homburger. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FLACKER, F. P. **Erik Erikson**. 2000. Disponível em <<http://www.geocities.com/eduriedades/erikerikson.html>>. Acesso em 13 mar.2009, às 21h32min.

GONÇALVES, D. M. M. et al. **Teorias da personalidade**: teoria psicanalítica contemporânea de Erikson. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2004.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. O. C. 8/2.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. O. C. 10/1.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. O. C. 5.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Victor Civita, 1999.

KANT, Immanuel. **Trabajo preparatorio [Vorarbeit] para Sobre el uso de principios teleológicos en la filosofía**. Traducción de Nuria Sánchez. Anales del Seminario de Metafísica. Vol. 37. Madrid: Logos, 2004.

LEIBNIZ, Gottfried. **Discurso de metafísica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

NURSE, Paul. **O que é a vida?** Compreendendo a biologia em cinco passos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

PERIN, Adriano. Kant e Darwin sobre a noção de teleologia em biologia: da autonomia na consideração do organismo à autonomia na consideração das populações. In **Fundamento**, v. 1, n. 1, p. 150-186, set. 2010. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/fundamento/article/view/1168>>. Acesso em 05 maio 2023, às 18h32min.

RAMOS, Rodrigo. **O conceito de organismo no pensamento Kantiano**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. 126 p. Dissertação (Mestrado). Orientador Prof. Dr. Gustavo Andrés Caponi.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das "Doutrinas não-escritas". São Paulo: Loyola, 1997.

ROSA, Merval. **Psicologia evolutiva**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 4 v., v. 1.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Victor Civita, 1974. I. III.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: UNESP, 2005. t. I.

SILVA, Fernando Maurício. **A República de Platão**: uma introdução à filosofia. Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2017.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O fenômeno humano**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. **Manual de Cambridge para estudos junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.



## 4 Impactos transgeracionais do racismo em mulheres negras: fatores biopsicossociais e epigenéticos

*Melissa Fernandes Manhães<sup>1</sup>*

*Nilton Sousa da Silva<sup>2</sup>*

### 1 INTRODUÇÃO

O pensamento complexo de Edgar Morin propõe articulações interdisciplinares em prol de conhecimentos multidimensionais, encorajando o intercâmbio entre diferentes campos do saber. A partir dessa abordagem transdisciplinar, a Psicologia Analítica, cunhada por Carl Gustav Jung, e a Biologia, sob o olhar de Paul Nurse, podem ser encontradas, dialogando fatores biopsicossociais com a transgeracionalidade e epigenética.

Trazendo essas perspectivas para o Brasil, cuja população majoritária é composta por pessoas negras e mulheres, seria possível perquirir os efeitos psicológicos do racismo estrutural na contemporaneidade – persistente desde a escravização dos povos originários e africanos em diáspora.

### 2 MATERIAIS E MÉTODOS

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia (UFRRJ); Especialista em Psicologia Junguiana (UNESA), Direito e Processo do Trabalho (IBMEC); Bacharel em Direito (UCAM); é Assessora de Juiz no Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região e taróloga. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [mfm\\_mel@hotmail.com](mailto:mfm_mel@hotmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. ([CRediT](#): Supervisor; supervisão e escrita - análise e edição) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)



O método epigenético-holográfico, adotado neste capítulo, deriva do encontro da epigenética, tal qual apresentada por Paul Nurse, com o princípio hologramático de Edgar Morin.

O conceito de epigenética será esmiuçado em um momento próprio, bastando, por ora, a compreensão de que se trata da transmissão de informações genéticas, armazenadas no DNA das células, para gerações subsequentes (Nurse, 2021, p. 173).

Coincidentemente, Morin (2015, p. 74) entendia que o princípio hologramático estava “presente no mundo biológico e no mundo sociológico”, uma vez que “no mundo biológico, cada célula do nosso organismo contém a totalidade da informação genética desse organismo”. Assim prossegue o autor com suas reflexões (idem):

Num holograma físico, o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade de informação do objeto representado. Não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte. [...] Então podemos enriquecer o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos.

Não se trata, como bem ressalva Morin (ibidem, p. 88), de uma visão simplificada de que a parte está no todo, mas que também de que “o todo está no interior da parte que está no interior do todo”. Mais uma vez, aproximando seu pensamento complexo da Biologia, ele acrescenta (idem):

Isso é verdade para cada célula de nosso organismo que contém a totalidade do código genético presente em nosso corpo. Isso é verdade para a sociedade: desde a infância ela se imprime enquanto todo em nossa mente, através da educação familiar, a educação escolar, a educação universitária. Estamos diante de sistemas extremamente complexos, em que a parte está no todo e o todo está na parte.

O pensamento complexo seria, pois, “uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento” (ibidem, p. 07), em que seria possível: “relevar a relação entre universo físico e universo biológico (ibidem, p. 37), comunicando elementos da realidade, sem reificar as noções de física e biologia.

De modo similar, Nurse sugeriu que, a partir de um experimento interpretável com um sistema biológico simples, seria “possível chegar a um conhecimento mais amplo, relevante e geral sobre o funcionamento da vida” (NURSE, 2021, p. 46). A nível celular, por exemplo, a homeostase consiste em um processo ativo para manutenção de condições adequadas para sobrevivência (ibidem, p. 151), enquanto para Jung, a psique seria também um “sistema autorregulador que pode ser comparado aos mecanismos homeostáticos do corpo” (Bennet, 2013, p. 16).

Traçados esses paralelos, o método epigenético-holográfico propõe uma observação de fenômenos similares, reproduzidos por gerações, para construção de uma ampla compreensão da complexidade examinada, por meio de uma análise dinâmica entre as partes e o todo.

Tendo em vista o enfoque deste capítulo na contemporaneidade e na população brasileira, os dados estatísticos se circunscrevem na primeira vintena do século XXI, mediante consulta aos bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O levantamento bibliográfico leva em conta livros publicados, artigos e teses acerca dos principais temas abordados, dentre eles: epigenética, Psicologia Analítica, racismo, feminismo, transgeracionalidade e subjetividade, fazendo-se uso dos seguintes bancos de dados: PePSIC, Scielo, Periódicos Capes, Biblioteca Digital e Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

### **3 REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1 TRANSGERACIONALIDADE**

A transgeracionalidade pode ser compreendida como a perpetuação de conteúdos psíquicos (memórias, afetos, ideias, imagens, comportamentos etc.) por gerações, em indivíduos inseridos em um dado grupo com vivências afins. Esse processo de repetição transgeracional estaria associado, tratando-



se de conteúdos negativos, com a incapacidade de integração, individual e coletiva, desses aspectos:

[...] os processos intergeracionais se manifestam como narrativas fantasmas que fornecem estrutura, representação e continuidade para lutos e violências não resolvidas ou não trabalhadas que ocorreram em um contexto histórico-cultural anterior que continua até o presente. (KIMBLES, 2014, p. 21, tradução nossa)

Tratando do racismo e sua conexão umbilical com a escravização, Fanny Brewster (2019, p. 53) aponta<sup>3</sup> que os traumas decorrentes daquela tragédia humanitária se perpetuam nos descendentes de pessoas escravizadas, à medida que permanecem negados e inconscientes.

Outrossim, Helen Morgan (2021, p. 37) identifica essa persistência também nos descendentes dos escravistas, que vivenciaram a escravidão a partir de outra perspectiva, embora não menos violenta. Nas palavras da autora (ibidem, p. 37, tradução nossa):

O dano causado por séculos a gerações de escravizados africanos se reúne em um trauma sustentado por indivíduos, famílias e sociedades, repousando nas profundezas da coletividade. [...] Os descendentes dos escravizados estão carregados da angústia das vidas abusadas e abreviadas, com toda a dor e raiva resultantes; a população branca carrega a vergonha e a culpa não ditas e não reconhecidas dos perpetradores [da escravização].

Nessa toada, indivíduos inseridos em uma cultura escravocrata e racista, ainda que não descendam de africanos em diáspora, indígenas ou mesmo de escravistas, tenderiam a reproduzir as ideias, afetos e comportamentos associados ao racismo. Isso incluiria, aliás, a parcela da população brasileira descendente de imigrantes de outros continentes, sobretudo do norte global<sup>4</sup>, com potencial inclinação inconsciente à identificação com o papel hegemônico dos corpos brancos no contexto colonial. Abdias do Nascimento (2016, posição 268.6) traz o seguinte contexto histórico que sustentaria essa possibilidade:

---

<sup>3</sup> Sua análise diz respeito ao escravismo nos Estados Unidos, sendo aqui citada pela proximidade – e não total semelhança – com o contexto histórico-cultural brasileiro.

<sup>4</sup> Composto pela Europa ocidental e Estados Unidos (GROSFOGUEL, 2016).

Com a abolição jurídica da escravidão, em 1888, e a chegada subsequente das levas imigratórias vindas da Europa em grande escala, a situação não se modificou na substância. Teoricamente livres, mas praticamente impedidos de trabalho, já que o imigrante europeu tinha a preferência dos empregadores, o negro continuou o escravo do desemprego, do subemprego, do crime, da prostituição, e principalmente, o escravo da fome: escravo de todas as formas de desintegração familiar e da personalidade. A sociedade brasileira, e isso já se tornou proverbial, herdou todo o legado retrógrado e anti-histórico do colonizador português; com a abolição e a República, ela manteve inalterados os fundamentos das relações raciais, conservando sempre o exclusivo benefício para a camada branca da sociedade.

De maneira semelhante, Silvio Almeida (2019, p. 21-22, grifo do autor) propõe que a estratificação social seria um fenômeno intergeracional, fruto de discriminações:

A consequência de práticas de *discriminação direta e indireta* ao longo do tempo leva à *estratificação social*, um fenômeno *intergeracional*, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social - o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material - é afetado. [...] Como dito acima, o racismo - que se materializa como discriminação racial - é definido por seu caráter *sistêmico*. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas.

O mesmo autor (2019, p. 33) apresenta o racismo no Brasil na sua dimensão estrutural, qual seja, como para integrante da estrutura social brasileira:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre "pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição". Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas.

Santos (2023) reconhece o protagonismo da escravagem na história e constituição do racismo estrutural brasileiro:

Não podemos reduzir a experiência negra no Brasil à escravidão. Mas também não podemos diminuir o papel que o escravismo teve na organização da estrutura racista e desigual que alicerça a sociedade brasileira ainda hoje, sobretudo no que diz respeito aos privilégios econômicos usufruídos pela elite branca.

Os traumas da escravização têm um papel tão fundamental na cultura brasileira e psique coletiva que engendraram complexos culturais próprios, dentre eles, o denominado complexo escravista (Manhães, 2023, p. 89):

Dessa feita, os traumas da escravização, por exemplo, não se limitariam ao contexto empregatício em que estaria inserido o complexo escravista, constituindo outros complexos culturais, como o racial e o da inferioridade, este, associado à imagem do vira-latas. Essa conexão do povo brasileiro a um animal fruto da mistura de raças poderia evocar, como em outros momentos desta pesquisa, a imagem da pessoa escravizada, animalizada, descendente da mistura entre os povos originários, africanos em diáspora, europeus e imigrantes de outros continentes. Partindo dessas imagens culturais, o complexo escravista exsurgiria como uma concentração ideofetiva de conteúdos associados à escravatura em relações empregatícias, alocado no inconsciente cultural e carregado por gerações a fio.

Outro complexo derivado da escravatura seria o racial que, segundo Mota (2019, p. 127), ocasiona efeitos crônicos, dentre eles, o racismo em si, responsável pelo alto índice de suicídio da população negra brasileira (ibidem, p. 88-89).

Esses complexos, isto é, aglomerados de conteúdos psíquicos de caráter ideofetivo (JUNG, OC 8/1, §18, p. 21), imantam e lapidam, ao longo do tempo, a cultura e a psique.

### 3.2 EPIGENÉTICA

Aproximando a Psicologia da Biologia, pesquisas indicam uma relação entre traumas e herança epigenética (BREWSTER, 2019, p. 31; 2020, p. 38), não limitando a transgeracionalidade, como já sugerido, aos laços consanguíneos. Estudos envolvendo neurônios espelho e padrões estáveis de comportamento assinalam, por exemplo, uma tendência dos indivíduos em

imitar, aprender e se desenvolver emocionalmente em conformidade com o respectivo meio de convívio (ibidem, p. 129).

Assim como foi possível traçar um paralelo entre a homeostase biológica e a psíquica, seria plausível, então, uma analogia entre a transgeracionalidade e a epigenética.

A epigenética é descrita por Nurse (2021, p. 173) como “o conjunto de reações químicas que as células usam para ativar e desativar os genes de formas bem duradouras”. Noutras palavras, seria um aglomerado de padrões de atividade gênica que perduram pela existência de uma célula, noutras palavras, que “podem persistir de uma geração para a outra, carregando informações sobre a história de vida e a experiência de um organismo individual diretamente, sob a forma química, dos pais para os filhos e para as gerações subsequentes” (idem).

Zucchi (2016, p. 20) conceitua epigenética da seguinte maneira:

A epigenética, isto é, além da genética, é a ciência que trata dos mecanismos moleculares envolvidos na interação entre fatores ambientais e a expressão da informação contida no DNA. A regulação epigenética modula a expressão gênica. [...] Alterações epigenéticas são mecanismos estáveis que são transmitidos de células mães para células filhas pelo mecanismo de divisão celular chamado mitose. Se estas alterações epigenéticas ocorrerem em células germinativas, elas podem ser transmitidas a gerações subsequentes por um processo de divisão celular chamado meiose.

Em suma, no universo da Biologia, a epigenética está envolvida com a regulação gênica e transmissão de informações entre células por escalas de tempo maiores (Nurse, 2021, p. 172), em uma função associada às três características cruciais da evolução por seleção natural: a capacidade de reprodução, a hereditariedade e a variabilidade (ibidem, p. 88).

Jung (2013, OC 8/1, §97, p. 65, grifo do autor), na primeira metade do século XX, tratou disposição embrionária infantil, sinalizando sua compreensão acerca da relevância da hereditariedade na psique:

Da disposição embrionária infantil surgirá posteriormente o ser humano *inteiro*, razão pela qual a disposição embrionária não é pura sexualidade, da mesma maneira que a psique do ser humano adulto não o é. Além disso, essa disposição embrionária não contém unicamente o

começo de uma vida adulta, mas também toda a herança da série de antepassados, de extensão indefinida. Essa herança ancestral compreende não só os instintos provenientes, lá atrás, do estágio animal, mas também todas as diferenciações que legaram traços hereditários. Assim sendo, toda criança já nasce com [...] soma hereditária antiquíssima e infinitamente complicada.

Cerca de cem anos depois, Jaqueline Wendland (2016, p. 31) concluiu haver cada vez mais evidências de que influências pré-natais e iniciais no pós-parto poderiam interferir, a longo prazo, no desenvolvimento infantil, sugerindo que “podem predispor a criança a alterações fisiológicas e neurológicas no longo prazo, capazes de desempenhar um papel na definição do desenvolvimento emocional e comportamental”.

Conectando as experiências de antepassados com as vividas nos períodos pré e pós-natal, Zucchi (2016, p. 21) expõe que “experiências vividas nos períodos pré e pós-natal, além da memória epigenética herdada de nossos antepassados, podem contribuir na determinação de estados de saúde ou doença”.

Sidarta Ribeiro (2022, p. 87), por sua vez, apresenta as origens da epigenética e estabelece sua conexão com a manutenção transgeracional de traumas:

Por quase dois séculos Lamarck foi tratado com desprezo e mesmo com chacota nas disciplinas biomédicas, até que no final do século XX começou a ficar claro que o ambiente de fato afeta os níveis de expressão gênica que pode ser transmitida de forma hereditária sem qualquer alteração na sequência de DNA. Nascia uma nova área da biologia formada pela palavra “genética” e pelo prefixo “epi” (“acima”, em grego). Alterações epigenéticas ligadas ao estresse parecem participar da produção e da manutenção transgeracional de traumas.

Estudos envolvendo epigenética têm demonstrado, portanto, que experiências traumáticas poderiam promover modificações capazes de afetar a expressão gênica. Essas alterações epigenéticas seriam, então, transmitidas aos descendentes, potencialmente reproduzindo conteúdos traumáticos.

### 3.3 MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS: UM RECORTE INTERSECCIONAL

Ao lado do fator epigenético, se dispõem marcadores sociais que, conjugados, constituem o caráter biopsicossocial do racismo. Nessa esteira, a perspectiva interseccional, que correlaciona raça, gênero e classe, pode figurar como um norteador dessa análise.

A interseccionalidade é assim definida por Crenshaw (2022, p. 177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

No Brasil, em 2022, as mulheres correspondiam a 51% da população (IBGE, 2023), sendo 55,8% dessa totalidade composta por pessoas negras (DIEESE, 2023) e 28% por mulheres negras (Itajaí, 2022). Entre a população ocupada, a negra mais uma vez era maioria, na ordem de 54%, sendo 21% composta pelas mulheres negras, figurando também com os maiores percentuais de trabalho desprotegido: 47,1% e 47,5%, respectivamente (DIEESE, 2023).

Apesar de corresponderem à menor parcela da população, em 2019, as pessoas brancas obtiveram rendimentos cerca de 30% acima da média nacional, enquanto as negras auferiram cerca de 27% abaixo dessa média (IBGE, 2020, p. 05).

Em estudo feito pelo DIEESE (2022, p. 07), verificou-se que, em 2021:

As mulheres têm, geralmente, mais anos de estudo do que os homens: cerca de 10,4% das ocupadas têm ensino superior completo, enquanto entre os homens na mesma situação, o percentual é de 9,0%. Mais anos de estudo, no entanto, não influencia na remuneração. Em ocupações típicas de ensino superior, a mulher ganhou, no terceiro trimestre de 2021, R\$ 31,41 por hora e os homens, R\$ 44,41, ou seja, elas receberam cerca de 71% dos rendimentos masculinos.

O IPEA (2011, p. 35) apresentou o seguinte diagnóstico da desigualdade social brasileira, relacionando renda, raça e gênero, dos anos de 1995 a 2009:

Os negros apresentam, em média, 55% da renda percebida pelos brancos em 2009; no entanto, em 1995, a razão de renda era ainda menor (45%). A pirâmide social, esculpida pelas variáveis renda, sexo e raça, sofreu pequena alteração. Se, em 1995, os homens negros tinham rendimentos superiores aos das mulheres brancas, ao longo do tempo, passam a receber ligeiramente menos, tendência que se pronuncia a partir de 1999. Em 2009, a mulher branca correspondia 55% da renda média dos homens brancos; para os homens negros, o percentual foi de 53%. No entanto, as mulheres negras, em que pesem o aumento da renda e a redução da desigualdade, permanecem bem isoladas na base da hierarquia social (sua renda média equivalia a 18% dos rendimentos percebidos pelos homens brancos, em 1995, e chega a 30,5% em 2009).

As iniquidades se perpetuam também na seara política, em que há baixa representatividade feminina nos cargos eletivos, considerando que, “entre 2016 e 2022, o Brasil teve, em média, 52% do eleitorado constituído por mulheres, 33% de candidaturas femininas e 15% de eleitas” (Brasil, 2023).

Na pandemia da covid-19, a população negra foi a mais atingida, como demonstrou o estudo médico (Marinho et al., 2022, p. 01) envolvendo a disparidade racial no excesso de mortalidade, no qual se verificou um excesso de mortalidade proporcionalmente maior entre população negra/parda.

Esse quadro seria um resultado das desigualdades sociais que historicamente afetam a população negra, englobando, por exemplo: a dificuldade de distanciamento social; más condições de moradia; trabalho presencial, sem possibilidade de prestação de serviços remotamente; utilização de transporte público; e baixa escolaridade (ibidem, p. 03).

Quanto às atividades mais atingidas, pesquisadores de saúde coletiva (Batista, Proença e Silva, 2021, p.03) verificaram que:

No contexto da Covid-19 há um maior número de internações e óbitos por Covid-19 entre faxineiras (os) e auxiliares de limpeza (62%); aposentados (as) (30%); empregadas domésticas (6,5%); diaristas e cozinheiras (6,5%); técnicos e profissionais de saúde de nível médio (0,3%); vendedores (as) (0,3%); caminhoneiros (0,3%); entregadores de mercadorias (0,3%); auxiliares de produção (0,3%); e outros (0,3%).

No mesmo artigo, os autores lembraram que “um dos primeiros registros de caso de óbito confirmado do novo coronavírus foi notificado em março de 2020 e era uma mulher negra de 57 anos, doméstica”, concluindo que “a pandemia de Covid-19 tem cor” (ibidem, p. 02). Segundo eles, as mulheres negras, no desempenho de atividades domésticas e de limpeza,

foram a principal parcela ativa da população atingida pela covid-19 no Brasil. Vale frisar que as mulheres negras são 67% das trabalhadoras domésticas – maioria que persiste desde o censo de 1872 (Andrade, 2022, p. 49 e 122).

Do mesmo modo, Cida Bento (2022, p. 78) chama a atenção para a predominância de mulheres negras em trabalhos de menor remuneração, inclusive os domésticos:

E nas estatísticas sobre desigualdades no mercado de trabalho se constata uma invariável: mulheres negras ocupam a base da pirâmide, com os menores salários e cargos mais baixos. A trabalhadora doméstica, nesse cenário, concentra muito da atenção de estudiosas e de organizações do movimento de mulheres negras pela presença majoritária de negras nessa função e pela precariedade de sua condição de trabalho e de vida.

As ocupações, renda, e até mesmo taxas de mortalidade representariam um escalonamento de humanidades, a partir do qual, em diversos aspectos, as mulheres negras seriam a pária da sociedade brasileira. Trata-se de uma hipótese que vai ao encontro da compreensão de colonialidade (Borges, 2018, p. 2.262):

[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder mundial resultante do colonialismo e que não se restringe a uma relação formal ou institucional de poder, pois se refere à forma como trabalho, conhecimento, autoridade e intersubjetividade articulam-se através do mercado, do capital e da ideia de raça. Padrão de poder que está presente em livros didáticos, nos critérios dos trabalhos acadêmicos, na cultura, na autoimagem dos povos, nas aspirações humanas, nas relações entre homens e mulheres, entre mulheres brancas e mulheres negras e em tantas outras hierarquias da vida moderna.

Em suma, os dados apresentados demonstraram que, malgrado sejam maioria numérica no Brasil, as mulheres, sobretudo as negras, enfrentam desigualdades social significativas em termos de renda, representatividade política e, conseqüentemente, de qualidade de vida.

### 3.4 IMPACTOS DO RACISMO

A intersecção entre os marcadores de raça, classe e gênero podem determinar lugares sociais, ampliando a compreensão dos efeitos



biopsicossociais do racismo estrutural, que costumam relegar as mulheres negras à pobreza e sub-representação política. Ao lado dessa dimensão sociopolítica, haveria, ainda, atravessamentos do racismo nas suas subjetividades – impactos estes carregados pela transgeracionalidade.

No entanto, mesmo eventual conscientização acerca desses marcadores sociais não impediria que essas pessoas continuassem sendo afetadas “pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixou inscrita em sua psique” (Nogueira, 2021, p. 34).

Ao questionar os efeitos dessas marcas, Nogueira (idem) reconheceu que “há uma interação dialética entre as representações sociais – ideologicamente estruturadas – que são produto das estruturas socioeconômicas e as configurações que constituem o universo psíquico dos indivíduos”.

Expondo o âmago do sofrimento psíquico causado pelo racismo nas mulheres negras, Bell Hooks (2000, p. 188) relatou que:

Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso. [...] Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar.

As dificuldades enfrentadas por essas mulheres na construção de relações saudáveis, diante das máculas do medo, violência e abandono, trariam uma noção deturpada de amor, que “nos faz acreditar que o território do afeto é sempre um campo de forças, onde só um pode vencer”, em que “o trâmite do amor colonial consistirá em abandonar a si próprio como única possibilidade de fazê-lo existir” (Borges; Gomes, p. 69).

Ao lado desses conflitos relacionais, estaria a solidão (ibidem, p. 114):

A solidão de pessoas negras e uma violência colonial que permanece nas atividades cotidianas do brasileiro, porque mantém sistemas que beneficiam há séculos uma rede de ideologias genocidas que, de forma cotidiana, ceifam as nossas possibilidades de olhar para a nossa comunidade a partir de outro lugar que não da solidão e do sofrimento.

Além da negação do amor e solidão, o racismo induziria uma rejeição à própria imagem e corpo face à impossibilidade de alcançar o ideal branco (Souza, 2021, p. 30). Nesse sentido, Souza (ibidem, p. 34-35, grifo da autora) traz a violência dos traumas do racismo como fator de ruptura da homeostase psíquica, bem como de banimento do prazer:

A reação do pensamento negro frente à violência do ideal branco não é uma resposta ao desprazer da frustração, elemento periférico do conflito, mas uma réplica à dor. O sujeito negro, diante da "ferida" que é a representação de sua imagem corporal, tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra. [...] O tributo pago pelo negro à espoliação racista de seu direito à identidade é o de ter de conviver com um pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo o *prazer de pensar* e todo o *pensamento de prazer*.

A psicanalista destaca como o lugar inferior e submisso, ao qual as pessoas negras são associadas econômica, política e socialmente, as obrigaria a "tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social" (ibidem, p. 47), afinal (ibidem, p. 53):

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação.

Para atender a esse referencial, a pessoa negra não poderia simplesmente viver, devendo estar em um constante estado de alerta (ibidem, p. 56), ou de hipervigilância (Borges; Gomes, 2023, p. 54), propício ao desenvolvimento de ansiedade crônica. Em suas relações, até mesmo de amizade, o lugar das mulheres negras seria "de servidão e do cuidado do outro como única via para permanecer em determinados espaços", enquanto "o corpo-território de pessoas brancas, especialmente mulheres brancas, representa a liberdade de exigir e demandar acolhimento" (ibidem, p. 148).

Ao entrevistar mulheres negras em diferentes contextos de ascensão social, Souza (ibidem, p. 98-106) listou alguns dos principais temas por elas abordados: estereótipos de inferiorização; objetificação; representações

negativas dos seus corpos; exigência de “ser o melhor”, “perder a cor”, “negar as tradições negras”, silenciar sobre o racismo e se provar continuamente.

Alguns dos temas supracitados podem corresponder a táticas de sobrevivência psicossociais e estratégias para ascensão social. De alguma maneira, poderiam atuar na compensação do paradigma de inferioridade das mulheres negras perante as brancas, em uma rede de significações que “atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contrastes com o corpo branco, parâmetro de autorrepresentação dos indivíduos” (NOGUEIRA, 2021, p. 66). São medidas que trazem consigo o potencial desenvolvimento de uma série de distúrbios associados à autoimagem, inclusive distúrbios alimentares, além de depressão e, até mesmo, suicídio.

Esse contexto de desumanização bloquearia o processo de individuação e socialização das pessoas negras (ibidem, p. 56), sendo compreendido por Gonzalez (2022, p. 68, grifo da autora) como consequência da ideologia do branqueamento:

Como se sabe, ela consiste no fato de os aparelhos ideológicos (família, escola, igreja, meios de comunicação etc.) veicularem valores que, julgamento com o mito da democracia racial, apontam para uma suposta superioridade racial e cultural branca. Vale notar que é justamente por aí, por essa articulação entre o mito e a ideologia, que se deve entender o caráter disfarçado do racismo à brasileira. Daí se segue que pessoas negras (pretas ou mulatas, porque dá no mesmo) internalizam tais valores e passam a se negar enquanto tais, de maneira mais ou menos consciente (o mesmo acontecendo com as pessoas “brancas”, isto é, aquelas cujos traços revelam uma ascendência negra, mas que são vistas como brancas (Abdias do Nascimento as chama de “brancoides”). Em suma, elas sentem vergonha de sua condição racial e passam a desenvolver mecanismos de ocultamento de sua “inferioridade”.

A brancura é representada por Borges e Gomes (2023, p. 131) como:

[...] uma tendência que nunca saiu de moda no Brasil. Todos os dias, os nossos sentidos são alimentados para desejar o branco. E vocês sabem: o que os olhos veem, o coração deseja. Na sociedade do consumo, a brancura é o produto mais desejado e mais consumido.

As psicólogas (ibidem, p. 28) associam esse sistema embranquecido de ideologias ao processo de silenciamento, responsável por ceifar a

subjetividade das mulheres negras, “quando acreditamos que aquilo que temos de mais íntimo/pessoal é justamente o que precisa ser destruído”. Para refazer essa subjetividade, segundo as autoras, seria necessário autoconfiança, determinação e coletividade (idem).

O epistemicídio, enquanto parte do dispositivo de racialidade cunhado por Carneiro (2023, p. 307), possibilitaria:

[...] compreender que a identidade negativa atribuída ao Outro implica afirmar reiteradamente a sua incapacidade para elevar-se à condição de sujeito de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente e, portanto, de ser portador de conhecimentos relevantes do ponto de vista desta tradição. Tal identidade negativa o impacta pela internalização da imagem negativa e o impele à profecia autorrealizadora que referenda a estigmatização, o conduz à autonegação ou ainda à adesão e à submissão aos valores da cultura dominante. Nesse sentido, o epistemicídio constitui-se numa parte do dispositivo de racialidade, que se desdobra no âmbito da subjetividade, nos termos concebidos por Sousa Santos, uma vez que o conflito epistemológico desdobra-se em conflito psicológico.

Noutra via, Kilomba (2019, p. 158) salienta a presença cotidiana dessas e tantas outras violências e microagressões raciais, associando-as ao colonialismo:

De repente, o colonialismo é vivenciado como real – somos capazes de senti-lo! Esse *imediatismo*, no qual o passado se torna presente e o presente passado, é outra característica do trauma clássico. Experimenta-se o presente como se estivesse no passado. Por um lado, cenas coloniais (o passado) são reencenadas através do racismo cotidiano (o presente) e, por outro lado, o racismo cotidiano (o presente) remonta a cenas do colonialismo (o passado). A ferida presente ainda é a ferida do passado e vice-versa; o passado e o presente entrelaçam-se como resultado.

Essa carga do racismo cotidiano se somaria, ademais, a todo peso dos traumas provenientes de séculos de escravização (ibidem, p. 215):

Contudo, os dolorosos efeitos do trauma mostram que as/os africanas/os do continente e da diáspora foram forçadas/os a lidar não apenas com traumas individuais e familiares dentro da cultura *branca* dominante, mas também com um trauma histórico coletivo da escravização e do colonialismo reencenado e reestabelecido no racismo cotidiano, através do qual nos tornamos, novamente, a/o “Outra/o” subordinado e exótico da branquitude.

Os sofrimentos decorrentes do racismo estrutural estariam, pois, presentes na rotina das mulheres negras em diversas frentes, dentre elas, na social, econômica, política, relacional e individual, corroendo suas subjetividades. Face a isso, Prestes (2018, p. 168) propõe que a sociedade brasileira estaria padecendo de doenças sociais autoimunes, “onde um grupo vive às custas da exploração, dominação, humilhação e genocídio de outro grupo”, prejudicando processos de saúde de mulheres negras.

De encontro a um fatalismo que poderia emergir perante essas circunstâncias, Prestes (2018, p. 168) enfatiza como, historicamente, as pessoas negras, assim como os povos originários, resistiram e seguem se posicionamento frente ao “contexto racista, patriarcal e capitalista”. Em seguida, ela (ibidem, p. 169) propõe que uma saída estaria na “humanização relacionada com transcendência das limitações impostas pelas opressões, no sentido da liberdade”, bem como que:

A saúde de mulheres negras passa por transcender o racismo e o sexismo, com agência política, sendo sujeito de direitos, vivenciando os vários aspectos da vida (como a intelectualidade e a afetividade, entre outros), e superando a expectativa limitante de humanidade imposta pelas ideologias dominantes.

Em busca de soluções em prol da saúde psíquica, Prestes denuncia a falta de uma linha teórica, na Psicologia, que conte com uma mulher como mentora principal, inobstante a profissão seja desempenhada majoritariamente por mulheres. Assim segue sua crítica:

Homens brancos são os teóricos desse referencial que aqui classificamos como eurocêntrico, heteronormativo, elitista, hegemônico e com ingredientes de eugenia, como discutido na introdução. Teorias e técnicas desconsideram a diversidade e tomam por padrão de normalidade apenas as características do grupo social de quem as elaborou; as pessoas diferentes são tomadas por outras e tidas como dotadas de desvios e psicopatologias a serem tratadas.

Nesse diapasão, a produção teórica e a experiência analítica estariam comprometidas pela estrutura colonial, prejudicando, conseqüentemente, os processos analíticos conduzidos pelos profissionais da Psicologia que perpetuam, ainda que inconscientemente, ideologias opressoras.

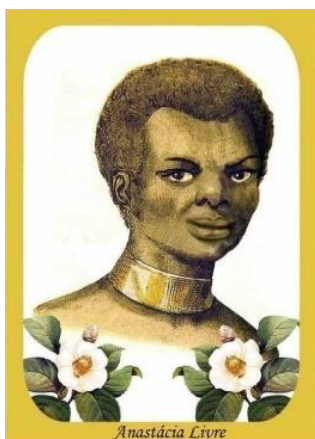
Retomando a imagem do holograma, os analistas seriam uma parcela desse complexo de opressões, reproduzindo e produzindo violências sistêmicas, além de comprometer a saúde psíquica das mulheres negras, dentre outros grupos politicamente minoritários, como as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, as portadoras de deficiência, idosas, dentre tantas outras oprimidas.

Diante disso, Prestes (2018, p. 15) garante que: “Quando melhorias alcançam esses grupos, que são os mais negligenciados (ou têm seus direitos violados até a exterminação), toda a sociedade ganha e se reorganiza de forma mais saudável, e é possível seguir para o bem viver”. “Bem viver” este entendido pela autora como:

[...] uma noção de equilíbrio entre saúde pessoal, social e ecológica, (dimensões incluídas no bem viver) e acrescenta-se uma dimensão coletiva e espiritual, entendendo que, segundo a perspectiva feminista negra brasileira, essas últimas dimensões são também elementos de um processo de saúde integral.

Constatados alguns dos muitos impactos transgeracionais do racismo em mulheres negras, o seu enfrentamento (sob diversos aspectos e sem desmerecer sua complexidade), seria uma urgência em prol do bem viver coletivo.

Figura 1 - “Anastácia livre”



Yhuri Cruz, 2019

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve início com a apresentação do método epigenético-holográfico, fruto do intercâmbio entre a Biologia, aqui introduzida por Paul Nurse, ao lado do pensamento complexo, elaborado por Edgar Morin.

Apresentadas algumas correspondências entre o universo biológico e o sociológico, o método foi circunscrito à uma proposta e observação de fenômenos e suas similaridades ao longo de gerações, com vistas a construção de uma compreensão ampla da complexidade examinada, analisando-se, dinamicamente, correlações entre as partes e seu todo, bem como do todo com suas partes.

A repetição de conteúdos psíquicos através dos anos, em um dado grupo com experiências semelhantes, foi associada ao fenômeno da transgeracionalidade. A partir disso, algumas reflexões, no âmbito da Psicologia Analítica, sinalizaram para uma perpetuação dos traumas da escravização nos descendentes de escravizados, escravistas e mesmo nos imigrantes, mormente do norte global. A população brasileira, como um todo, teria sido e continuaria sendo afetada pela cultura escravagista e, por conseguinte, pelo racismo estrutural.

A epigenética, então, figuraria como a correspondência, a nível celular, dessa hereditariedade de conteúdos psíquicos, dentre eles, os traumáticos. Estudos recentes parecem corroborar a percepção de Jung sobre as disposições embrionárias, conectando alterações epigenéticas com a transgeracionalidade de traumas.

Em seguida, sob a perspectiva interseccional, foram apresentados dados estatísticos, passando pelos marcadores de gênero, classe e raça, para demonstrar o lugar das mulheres negras na sociedade brasileira: uma maioria numérica e minoria política, com os menores rendimentos e maiores danos na pandemia da covid-19. Atravessadas pela colonialidade, a desigualdade social que as atinge seria responsável, também, pela pior qualidade de vida à qual são relegadas.

Por fim, foram colacionados alguns dos possíveis impactos do racismo nessa parcela da população, ampliando-se a compreensão de seus efeitos

biopsicossociais, trazendo, ao lado de dimensão sociopolítica, atravessamentos em suas subjetividades.

A conscientização do seu lugar social não seria, em princípio, o bastante para blindar as mulheres negras dos deletérios efeitos do racismo, que pode arruinar diversos campos das suas vidas, desde a própria capacidade de amar (e ser amada), até a construção de suas relações sociais, maculadas pelo medo, violência, abandono e solidão, além da rejeição de suas próprias imagens e corpos, prejudicando sua homeostase psíquica.

Desse modo, as mulheres negras brasileiras, bombardeadas por uma ideologia de branqueamento que lhes subjugava à inferioridade, submissão e objetificação, estariam mais sujeitas a distúrbios psíquicos diversos, tais como transtornos alimentares, ansiedade crônica, depressão e suicídio. Desumanizadas, elas não podem simplesmente ser; devem “ser-vir”.

Nesse contexto, colonialidade, branqueamento e epistemicídio se somam para minar a subjetividade dessas mulheres, atingidas por um racismo não apenas cotidiano e contemporâneo, mas carregado de traumas transgeracionais, provenientes de séculos de escravização.

Ainda assim, as mulheres negras, como os povos originários e outras minorias políticas, persistem e resistem perante os muitos obstáculos a elas impostos, que podem comprometer, inclusive, seus processos analíticos, uma vez que a Psicologia e seus profissionais também são atravessados por paradigmas opressores.

A melhoria das condições de vida dessas pessoas seria, então, imprescindível para que a sociedade brasileira se organizasse de forma mais saudável, em prol de um bem viver coletivo.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen Livros, 2019.

ANDRADE, Shirley Silveira. **A mulher negra no mercado de trabalho: condições escravistas das trabalhadoras domésticas**. Curitiba: CRV, 2022.

BATISTA, Luís Eduardo; PROENÇA, Adriana; SILVA, Alexandre da. **Covid-19 e a população negra**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 2021, v. 25. Epub 24 Set 2021. ISSN 1807-5762. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.210470>>. Acesso em 29 ago. 2022.

BENNET, E. A. Do prefácio. In: JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos**. Obra Completa, Vol. 18/1. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BORGES, Bárbara; GOMES, Francinai. **Saber de mim: autoconhecimento em escrevivências negras**. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2023.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **TSE Mulheres**: portal reúne estatísticas sobre eleitorado e participação feminina na política. 26 jan. 2023, às 18h19. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Janeiro/tse-mulheres-portal-reune-estatisticas-sobre-eleitorado-e-participacao-feminina-na-politica>>. Acesso em: 14 out. 2023.

BREWSTER, Fanny. **Archetypal grief: Slavery's Legacy of Intergenerational Child Loss**. New York: Routledge, 2019.

\_\_\_\_\_. **The Racial Complex: A Jungian Perspective on Culture and Race**. New York: Routledge, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Brasil**: a inserção da população negra no mercado de trabalho. 2023. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/infografico/2022/populacaoNegra2022/index.html?page=1>>. Acesso em 21 fev. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GROSFOGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas**: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. in: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. (org). O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 188-198.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em números**. Centro de Documentação e Disseminação de Informações, v. 28, p. 1-492, 2020a. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

\_\_\_\_\_. **Panorama**. 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em 14 out. 2023.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. 4ª ed. Brasília/DF: IPEA, 2011. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306\\_retrato\\_das\\_de\\_sigualdades\\_de\\_genero\\_raca.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_de_sigualdades_de_genero_raca.pdf)>. Acesso em 02 mar. 2021.

ITAJAÍ, Grazi Guimarães. **Mulheres negras são 28% da população brasileira, mas ocupam apenas 3% dos cargos de liderança**. Ndmais. 10 nov, 2022, às 08h30. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/cidadania/mulheres-negras-sao-28-da-populacao-brasileira-mas-ocupam-apanas-3-dos-cargos-de-lideranca/>>. Acesso em 14 out. 2023.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica**. Obra Completa, Vol. 8/1. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMBLES, Samuel. **Phantom narratives**: the unseen contributions of culture to psyche. London: Rowman & Littlefield, 2014.

MANHÃES, Melissa Fernandes. **Escravidão na cultura brasileira**: o complexo escravista em pessoas empregadas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MARINHO, Maria Fátima; TORRENS, Ana; TEIXEIRA, Renato et. al. **Racial disparity in excess mortality in Brazil during COVID-19 times**. European Journal of Public Health. Fev de 2022. 1;32(1):24-26. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34142119/>>. Acesso em 29 ago. 2022.

MORGAN, Hellen. **The work of whiteness**: a psychoanalytic perspective. New York: Routledge, 2021.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MOTA, Bruno Correia da. **Trauma coletivo e complexo cultural... marcas do Brasil negro!**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado / Abdias Nascimento. 1ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016. E-book não paginado. 337 posições.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NURSE, Paul. **O que é a vida?**: compreendendo a biologia em cinco passos. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2021.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto**: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Que memória da escravidão queremos?** Coluna Negros Trópicos, DW Brasil, 09 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/que-mem%C3%B3ria-da-escravid%C3%A3o-queremos/a-64654182>>. Acesso em 18 fev. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WENDLAND, Jaqueline. **Impacto da depressão, ansiedade e estresse durante a gravidez no feto e no recém-nascido**: interações biocomportamentais perinatais entre a mãe e a criança. In: BARR, Marcia (Org.). Neurociências e Educação na Primeira Infância: progressos e obstáculos. 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/fmcsv/docs/neurociencias-educacao-primeira-infancia>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CRUZ, Yhuri. **Anastácia livre**. 2019. Disponível em: <<http://yhuracruz.com/category/obras/>> Acesso em 10 ago. 2023.

ZUCCHI, Fabíola Cristina Ribeiro. **Inato ou Adquirido:** como Fatores Epigenéticos Influenciam o Desenvolvimento Infantil. In: BARR, Marcia (Org.). Neurociências e Educação na Primeira Infância: progressos e obstáculos. 2016. Disponível em: <<https://issuu.com/fmcsv/docs/neurociencias-educacao-primeira-infancia>>. Acesso em: 20 dez. 2022.



## 5 O significado do propósito biológico da vida

*Tione Echhardt Vieira de Carvalho*<sup>1</sup>

*Nilton Sousa da Silva*<sup>2</sup>

*Ricardo de Queirós Batista Ribeiro*<sup>3</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Paul Nurse é um renomado cientista e biólogo celular, ganhador do Nobel na categoria Fisiologia ou Medicina em 2001 e que recebeu o Prêmio Mundial de Ciência Albert Einstein e a Ordem Nacional da Legião de Honra, além de receber mais de sessenta títulos honorários e bolsas de universidades internacionais.

Ele também lecionou na Universidade de Oxford; foi diretor-geral do *Imperial Cancer Research Fund (Cancer Research UK)*; presidiu a Universidade Rockefeller em Nova York; foi diretor do *UK Centre for Medical Research and Innovation (Francis Crick Institute)* e entre 2010 e 2015 foi presidente da *Royal Society*, além de ter sido consultor do primeiro-ministro para assuntos de ciência e tecnologia.

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia (UFRRJ); Mestre em Psicologia (UFRRJ); Bacharel em Teologia (IMB); Especialista em Cultura Afro-brasileira (FIJ); é Autor de livros na área de teologia entre esses o seu mais recente: *As Parábolas de Jesus*. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [tioneechhardt@gmail.com](mailto:tioneechhardt@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. ([CRediT](#): Orientador; supervisão e escrita - análise e edição) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Psicologia (ISPA/PT); Doutor em Psicologia (UFRRJ); Mestre em Psicologia (UFRRJ); Bacharel em Ciências Militares (AMAN) e Psicologia (UVA); é Professor de Psicologia na AMAN. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [ricardoqbr@gmail.com](mailto:ricardoqbr@gmail.com)



Fez importantes descobertas e contribuições para a biologia celular, como quando identificou o gene CDC2, como também para a pesquisa do câncer e recebeu o título de cavaleiro britânico em 1999.

Paul Nurse, dedicou a sua carreira a desvendar o funcionamento das células vivas e em seu livro, *O que é a vida? Compreendendo a biologia em cinco passos* (Editora Intrínseca, 2021), busca descrever, de forma simples e acessível ao público em geral, o ciclo celular explicando, mediante a sua área de pesquisa, o que significa estar vivo.

Visando expressar o que é a vida, Nurse apresenta o que ela é em cinco passos, os quais compõem o corpo do conteúdo de seu livro e que são: a célula, o gene, a evolução por seleção natural, a vida enquanto química e a vida enquanto informação.

No decorrer deste livro, Nurse menciona contribuições notáveis de outros cientistas, bem como apresenta evidências científicas de suas pesquisas, demonstrando que as vivências em seu laboratório e fora dele, contribuíram para sua compreensão sobre o que é a vida.

Ao desenvolver o conteúdo apresentado neste livro, ele apresenta as suas experiências como cientista para dialogar e explicar o que é a vida interagindo com fatos de sua vida pessoal. Entretanto, o que percebemos e podemos destacar é que Nurse se dedica a explicar que a vida possui um propósito, o qual é observado a partir da vida celular.

Como o questionamento a respeito sobre o que é a vida é algo que os filósofos sempre buscaram entender e explicar, é possível realizar um diálogo com Paul Nurse, complementando o que o autor propõe em seu livro, visto que este é um assunto que também envolve os campos ontológico, epistemológico, teológico e psicológico.

Ao abordar a respeito de um propósito da vida celular, é possível analisar que a vida de Nurse, em seu contexto desde a sua infância, também se faz presente não apenas neste livro, mas em suas pesquisas científicas. Isso permite haver espaços para um diálogo mais amplo, principalmente com a Teologia e a Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung.

As experiências que Nurse cita com um besouro e, mais especificamente, com a borboleta amarela, a qual ele avistou em um jardim, demonstra que sua percepção empírica estava se manifestando desde a sua mais tenra idade.

A partir desses momentos, ele destaca o surgimento do seu interesse em se voltar para a ciência e não para os símbolos e mitos religiosos presentes em sua educação familiar. Porém, em seu livro, é possível perceber que esses mitos e símbolos ainda se fazem presentes em seu inconsciente, conforme Jung apresenta e explica em seus escritos.

Partindo dessas abordagens, as quais permitem realizar um diálogo mais amplo com a Teologia e a Psicologia Complexa, é que, neste capítulo, iremos analisar, comparar e dialogar com o propósito da vida apresentado por Nurse, com a teoria junguiana analisando os fenômenos psíquicos e arquetípicos que se manifestam na vida humana.

## **2 O QUE É A VIDA SEGUNDO A BIOLOGIA**

Paul Nurse inicia o seu livro *O que é a vida?*, apresentando o seu propósito que é explicar a vida mediante as cinco ideias da biologia, que são bem aceitas, para explicar o funcionamento dos organismos vivos. Entretanto, ele faz isto apresentando alguns cientistas que ajudaram a desenvolver essas ideias, mediante suas descobertas científicas, e também inclui as suas experiências e vivências como cientista que busca a resposta sobre o que é a vida.

Ele inicia relacionando a teoria celular e apresentando a história da célula e para isto ele cita Robert Hooke que em 1655 explicou a respeito das células como sendo um pequeno aposento ou cubículo, pois havia utilizado a palavra *cella*, oriunda do latim, visando explicar o que encontrou nas plantas.

Entre as importantes descobertas científicas citadas por Nurse estão o primeiro microscópio (século XVIII), as primeiras bactérias, o micróbio, etc. Tudo o que é importante, no meio científico, para explicar a vida da célula,



Nurse apresenta de uma forma bem resumida, demonstrando que os átomos, as bactérias e os micróbios também são importantes para a vida.

Diante disto, ele explica que o ser humano é uma imensa colônia de células humanas e de células não humanas e que essas estão em constante mudança.

Toda essa exposição, apresentada no seu livro, é para ratificar que a célula é uma forma de vida por si só e que ela é a unidade estrutural fundamental da vida (Nurse, 2021, p. 25). É possível perceber que esse estudo científico, de grande relevância, é a base para Nurse afirmar que cada ser humano inicia a sua existência sendo uma única célula.

Nesse ponto emerge a possível ligação entre Biologia, Psicologia, Teologia e, provavelmente, entre muitas outras áreas para refletir e colaborar com a compreensão do fenômeno “vida”. O organismo mais simples é um ser procarionte unicelular, provavelmente, a primeira forma de vida a surgir no planeta há bilhões de anos. E são considerados organismos, ou seja, uma forma individual de vida, por possuírem a capacidade de manutenção de sua organização e de se reproduzir.

Assim sendo, por esses processos diferenciam-se dos demais entes não-orgânicos. Porém, os processos responsáveis pela sua origem e perpetuação não são encontrados nos entes não-orgânicos ou orgânicos e, com isso, infere-se que “algo” teve a participação para a consecução da vida. Nesse sentido, esse algo, anterior a vida, pertence ao domínio do espiritual e, outro algo, que coordena os processos de manutenção e reprodução, pertencem ao domínio do psíquico.

Além disso, todas as atividades responsáveis pelo surgimento da vida mostraram-se extremamente eficientes e eficazes, pois possibilitaram a existência das condições necessárias e suficientes para a vida prosperar e aumentar em complexidade. Dito isso, esse algo dotou a vida de um propósito.

A etimologia da palavra propósito aponta para “intenção, deliberação, intento”, ou seja, intenção de fazer algo, um projeto ou desígnio. Com isso,

além da causalidade, se faz necessário contemplar a teleologia atrelada ao fenômeno que supera o que a biologia visa oferecer.

Nurse explica que as células interagem tanto em seu interior quanto com o mundo à sua volta, pois elas estão ativas e trabalhando para manterem a sua sobrevivência. Sendo assim, ele defende que a célula tem um senso de propósito que é “um imperativo para persistirem, para permanecerem vivas e se reproduzirem” (Nurse, 2021, p. 33). Desse modo, ele inferiu a existência desse algo que precisa ser considerado para a compreensão da vida e estabeleceu diálogo com diversas áreas, sendo muitas de maneira não intencional, como a teologia.

A partir dessa percepção que o autor adota a respeito da compreensão de como as células funcionam, é o que aproxima o ser humano de ter um entendimento de como a vida funciona. Contudo, ele também afirma que os genes são essenciais para a existência da célula. De acordo com o que Nurse informa, os genes são a principal fonte de informação que a vida utiliza para a existência das células, incluindo os organismos feitos de células.

Para explicar como ocorreu o processo dessa descoberta, no decorrer das pesquisas científicas, Nurse cita o abade George Mendel (Nurse, 2021, p. 38), cuja pesquisa sobre herança demonstra que os elementos, partículas ou os genes são pares herdados biologicamente dos pais, transmitidos pelo espermatozoide e pelo óvulo ao se fundirem no momento da fecundação.

No livro, também é citado o biólogo celular Walther Flemming (Nurse, 2021, p. 44) que descobriu os filamentos (cromossomos), ao dividir uma célula. Nesta pesquisa sobre os cromossomos, Nurse cita outro biólogo (Edward van Beneden) que percebeu que um ovo de lombriga, ao ser fertilizado, é formado pelos cromossomos encontrados no espermatozoide e no óvulo, formando assim um par. E, ainda demonstra que essas pesquisas serviram para explicar como a divisão celular é fundamental para a reprodução biológica.

Diante dessa apresentação, realizada através de uma síntese histórica, Nurse também cita o microbiologista Oswald Avery, o qual descobriu o DNA (*deoxyribonucleic acid*) e que percebeu que os genes são feitos de DNA e, por esse motivo, podem ser compreendidos como entidades químicas.

Ao fazer algumas explicações sobre o estudo a respeito do DNA, Nurse, em determinado momento, expressa que ainda “hoje, mais de cinquenta anos depois, as coisas não foram completamente concluídas ou polidas” (Nurse, 2021, p. 56). Contudo, ele continua demonstrando a importância das descobertas realizadas no DNA nos anos seguintes e afirma:

Essa é uma das grandes descobertas da genética do século XVI: nossos genomas, cada um com três bilhões de ‘letras’ de DNA, são muito semelhantes, independentemente de gênero, etnia, religião e classe social”. (Nurse, 2021, p. 71)

O que Nurse afirma nesta citação é que as descobertas científicas realizadas no decorrer dos séculos demonstram que a genética é fundamental na vida de todo o ser humano, pois é ela o que dá forma ao senso de identidade e a visão de mundo (Nurse, 2021, p. 72).

Entretanto, diante das mudanças, das adaptações e das transformações que a vida sofre, os genes precisam preservar as informações e por isso eles são constantes, assim como as mudanças que ocorrem até de forma simultânea.

Para explicar essas adaptações, mudanças e transformações, Nurse aborda a respeito da Teoria da Evolução pela Seleção Natural e apresenta as pesquisas do geneticista J. B. S. Hadane, do naturalista Charles Darwin e do cientista Jean-Baptiste Lamarck e destaca as três características cruciais da evolução pela Seleção Natural: a reprodução, o sistema hereditário e a variabilidade.

Toda essa explicação é apresentada no livro para demonstrar que a evolução pela Seleção Natural apresenta que a vida, em suas mais variadas formas, pode surgir e adquirir um propósito. Contudo, tais explicações ainda deixam em aberto a questão de como os organismos vivos funcionam realmente e isto é apresentado na vida por meio da ótica química.

Ao abordar a respeito da vida enquanto química, Nurse compreende que há uma explicação mais assombrosa do que qualquer crença ou de a vida ser dirigida por forças misteriosas que estão além do científico. Pois, segundo

ele, “a vida pode ser compreendida muito bem em termos da física e da química” (Nurse, 2021, p. 104).

Essa ideia de que a vida é química, apresentada por ele, aborda a forma altamente ordenada e organizada, presente nas pesquisas realizadas pelo cientista Antoine Lavoisier, pelo biólogo e químico Louis Pasteur e também pelo químico Marcelin Berthelot.

Nessas pesquisas são apresentadas a reação química da fermentação e através da observação desta, por intermédio de um microscópio, foi possível detectar que as células vivas de levedura, produtoras de álcool, eram uma reação química específica, isto é, as reações químicas não eram somente uma característica interessante da vida celular, mas elas eram uma expressão da vida da célula ou, melhor explicando, elas eram uma das características definidas da vida.

Tais pesquisas sobre a fermentação continuaram e descobriram que o metabolismo é a química da vida, a saber, as enzimas são muito importantes para a vida. Destarte, os pesquisadores descobriram que “a maioria dos fenômenos da vida pode ser mais bem compreendida em termos de reações químicas por enzimas” (Nurse, 2021, p. 111). Afinal, as enzimas executam quase todas as reações químicas que formam a base do metabolismo celular.

As pesquisas científicas continuaram a serem desenvolvidas até chegarem à descoberta do bioquímico Peter Mitchell, a respeito da adenosina trifosfato (ATP) que é considerada “a fonte de energia universal da vida” (Nurse, 2021, p. 134) ou, como Nurse expõe, é uma “faísca vital” que sustenta a vida (Nurse, 2021, p. 136).

### **3 A VIDA PARA A CIÊNCIA E A RELIGIÃO**

Apesar de, em outras partes de seu livro, Nurse apresentar algumas informações de cunho religioso, até o presente momento, ele se volta apenas à área científica. Entretanto, a partir desta parte, ele deixa transparecer o quanto a sua educação religiosa, enquanto criança, ainda se faz presente em seu inconsciente.

A história da relação entre a ciência e a religião ultrapassa os séculos e traz na sua bagagem duas importantes vertentes: a do conflito e da interação entre ambas, com cada uma apresentando suas teorias e, as explicações referentes a essas teorias, demonstram que elas podem trabalhar juntas.

A ciência e a religião seguem caminhos diferentes que às vezes, em alguns momentos, parecem ser distintos e em outros momentos parecem ser paralelos e que sempre dialogam interagindo entre si. Esta percepção é levada em conta, dependendo de quem trabalha com elas. Afinal, a ciência busca apresentar o conhecimento advindo de um método científico, mas os conhecimentos de ambos são repletos de muitos outros conhecimentos que envolvem todo o ser humano.

Outros motivadores poderosos devem ter sido as experiências da exaltação, reverência e transcendência que surgem em quem contempla a beleza, natural ou fabricada, divisa a perspectiva de encontrar meios para trazer prosperidade a si mesmos e a outros, chega a uma solução possível para mistérios metafísicos e científicos ou mesmo simplesmente confronta mistérios não solucionados. (Damásio, 2018, p. 31)

Diante do que António Damásio expõe e que citamos acima, podemos perceber que da mesma forma que a ciência, a religião busca apresentar o conhecimento, mas esse é advindo de experimentos individuais, espirituais ou experienciais. A diferença de caminhos para a produção de conhecimento da ciência e da religião indica as suas potencialidades e possibilidades de se complementarem. Isso sugere que devemos resistir à tentação de eleger uma área como mais relevante ou superior, pois ambas contribuem, diferentemente, para que acessemos um conhecimento amplo e de características distintas.

Afinal, a compreensão de uma faísca vital ou centelha divina, como Nurse cita, é algo que a filosofia, a teologia e a ciência, buscam por anos apresentar em suas teorias. Esta compreensão também pode ser entendida pelo arquétipo ao qual é atribuído o nome Deus que vem do sânscrito *dew* que significa luz, brilho e claridade ou da raiz sânscrita *dyew* subjacente à língua grega, latina, germânica, céltica e lituana, de onde provém o termo Deus e dia. (Boff, 1999, p. 61).

Nise da Silveira, em seu livro *JUNG: vida e obra*, também apresenta uma informação a respeito do arquétipo que ratifica esta compreensão sobre Deus ao dizer que “os arquétipos são núcleos de energia em estado virtual e que os símbolos são máquinas transformadoras de energia” (Silveira, 1981, p. 46).

Em outro momento, Nise da Silveira explica que o arquétipo funciona como nódulo de concentração de energia psíquica e quando esta energia toma forma é que se tem a imagem arquetípica (Silveira, 1981, p. 78).

Tendo esta compreensão do arquétipo e da imagem arquetípica e fazendo referência destas ao nome de Deus ou ao que se atribui ao Divino, é possível entender a faísca vital ou o *Fiat Lux*, conforme André Chouraqui em seu livro *No Princípio* apresenta:

Elôhims diz: ‘uma luz será. E é uma luz’

Elôhims diz: o ato da vontade está na origem da palavra criadora. Os cabalistas afirmarão, baseados neste versículo, a identidade do pensamento da palavra e do ato de Elôhims.

No Sepher Yesira, estas três funções, denominadas Sephar (número), Sippour (relato) e Sepher (ato escrito ou livro), estão na origem das Sephirot, esferas da emanção da divindade, em razão do poder criador inerente à sua unidade funcional.

O Alcorão retoma o relato da criação que serve de fundamento a toda teologia judaica ou cristã. Também para ele, Allâh – que é o nome derivado da mesma raiz do Elôhims – é o Deus criador do céu e da terra, Senhor todo-poderoso, **causa primeira e objetivo final da criação**. (Chouraqui, 1995, p. 37, grifo nosso)

André Chouraqui apresenta não apenas o relato bíblico que é a base da teologia tradicional cristã, mas também o relato contido no Alcorão que serve de base para a teologia islâmica, como também faz uma citação de grande valia para este capítulo que são as *Sephirot*<sup>4</sup> que faz parte dos ensinamentos da Cabala<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Esferas; emanções divinas.

<sup>5</sup> É a erudição mística e esotérica do judaísmo, transmitida como doutrina secreta somente aos poucos escolhidos. A Cabala coloca Deus totalmente acima da existência. Segundo os ensinamentos contidos na Cabala o mundo foi criado através de uma série de dez emanções. O desenvolvimento sistemático da Cabala inicia entre os judeus *geonim* da Babilônia (600-1000 d.C.) e continuou nos séculos XII e XIII.

A compreensão científica de Nurse sobre a vida, como resposta à pergunta que é a base e o título de seu livro, é a de que “a vida emerge de regras relativamente simples e bem compreendidas de atração e repulsão, e de criação e rompimento de ligações moleculares” (Nurse, 2021, pp. 140,141), mas que são sustentadas por essa faísca vital.

A visão que Nurse tem, como biólogo, é a de que “a biologia é um ramo da ciência em que é comum buscar sentido na conversa sobre o propósito” (Nurse, 2021, p. 147), pois segundo ele, uma das características definidoras da vida é o comportamento com propósito por parte de todos os seres vivos quando operam como um todo.

Por outro lado, mediante a ótica segundo a Psicologia Complexa, Jung, em seu livro *Símbolos da Transformação*, diz que, de acordo com o ponto de vista biológico, o indivíduo só tem sentido como ser coletivo (Jung, 2021, p. 211, OC 5, § 259) e é esta linha de compreensão que Nurse apresenta, porém, ela é feita a partir das células como organismos vivos, mediante a ótica exclusivamente biológica, como no caso de Nurse.

Para Nurse, segundo esta ótica, esses organismos vivos são a faísca vital, mas ele não leva em consideração a questão empírica que envolve o ser humano, muito menos o lado que envolve a psique humana, porque a sua visão é cientificamente voltada para a biologia.

É preciso dialogar e interagir com outras ciências para falar a respeito do que é a vida, principalmente, nas áreas que envolvem o empírico como a psicologia e, conseqüentemente, a teologia, pois este diálogo é muito importante para se obter uma possível resposta à pergunta.

O professor Adauto Lourenço, em seu livro *Como tudo começou*, destaca a importância deste diálogo e de uma interação entre ciência, teologia e psicologia, porque o ser humano, apesar de não estar presente no início de onde e como tudo começou, ele tem a capacidade de refletir ao contemplar toda esta estrutura complexa do universo e da vida e como isto funciona e é assim que surge a antiga busca de uma resposta para a origem de tudo.

Quando tratamos da origem do Universo, da vida e de tudo o que conhecemos, precisamos usar as leis da física, da química, da biologia, da

matemática e outras que nos dão o embasamento científico necessário para desenvolvermos, testarmos e analisarmos tais teorias. Sem a utilização dessas leis, qualquer teoria científica proposta seria apenas um conto mitológico ou até mesmo um dogma religioso, sem fundamentos científicos pelos quais a mesma poderia ser avaliada e, até mesmo, comprovada. (Lourenço, 2007, p. 23). Contudo, o conhecimento científico não alcança a tudo e, por isso, para compreender esse algo que dotou a vida de propósito precisamos interagir com a religião. Seria esse algo uma “emanação divina”?

#### **4 DIÁLOGO ENTRE A PSICOLOGIA COMPLEXA E A BIOLOGIA**

O professor Adauto Lourenço, por trabalhar com a Teoria Criacionista também utiliza como princípio o Haja luz ou *Fiat lux* que parte do criar do nada ou *ex nihilo*, e esta luz ou energia que já existia e que (ainda) não é possível explicar (ou nunca seja, não sabemos), tem um papel fundamental que é continuar fazendo com que a religião e a ciência dialoguem cada vez mais e interajam mais entre si.

Em seu livro, Nurse não realiza este diálogo, pois ele apenas apresenta a sua ótica como biólogo, apesar de ter conhecido cientistas que buscavam esse diálogo como Jacob Monod que recebeu o prêmio Nobel em 1965.

Em certa ocasião, Jacob convidou Nurse para almoçarem, em Paris, com o objetivo de falar sobre “como definir a vida, as implicações filosóficas da evolução, as contribuições contrastantes feitas por cientistas franceses e anglo-saxões para a história da biologia” (Nurse, 2021, p. 160) e, além de destacar que este almoço foi um encontro memorável, Nurse diz que Jacob era “o arquétipo do intelectual francês, um incrível leitor, filosófico literário e político”. (Nurse, 2021, p. 160).

Todavia, Nurse não apresenta um diálogo como o proposto por Jacob, pelo menos neste livro. Entretanto, esse diálogo era e ainda é importante para ser compreendido um pouco mais sobre o que é a vida.

Para Nurse, as células são a vida, pois ele explica que elas “podem carregar consigo marcas químicas de suas experiências passadas” (Nurse,



2021, p. 171), ou seja, para ele são as células que armazenam as memórias passadas.

Essa expressão, memórias passadas, que Nurse expõe como sendo armazenadas pelas células, permitem realizar o importante diálogo com os arquétipos que Jung apresenta em sua Psicologia Complexa, contudo, deve-se ressaltar que muitas dessas memórias não foram localizadas nas células ou em quaisquer outras partes dos organismos. Com isso, abre-se o diálogo com a psicologia, pois muitos desses processos se manifestam como fenômenos psíquicos. (Sheldrake, 2014)

Talvez, Nurse não realize tais diálogos em seu livro porque ele entende que “a biologia, por causa da evolução, é a arte do satisfatório” (Nurse, 2021, p. 182) e afirma isto porque tem por base que o conhecimento sobre a vida, gerado pela biologia, é o que é aplicado ao mundo (Nurse, 2021, p. 196).

É por isso que ele define a vida utilizando três princípios que são a evolução pela Seleção Natural, as entidades físicas limitadas (células) e que as entidades vivas são máquinas químicas, físicas e informacionais, às quais operam com um propósito que é a vida. Entretanto, mesmo com essa ótica biológica, Nurse afirma que:

A busca por respostas satisfatórias para essas perguntas ocupará o século XXI e, provavelmente, os seguintes. E não acho que podemos confiar apenas nas ferramentas das tradicionais ciências da natureza para isso. Teremos de adotar as percepções da psicologia, da filosofia e das ciências humanas de forma mais geral. (Nurse, 2021, p. 248)

Apesar de Nurse citar uma possibilidade futura de adotar as percepções de outras ciências, ele não a faz em seu livro. O que é possível perceber é que o seu objetivo neste livro é o de escrever a respeito do que é a vida, segundo a ótica biológica, para que qualquer pessoa possa ter acesso às suas pesquisas científicas, o que ele faz muito bem. Porém, ele não fecha a possibilidade de diálogos, ao contrário, ele permite a realização deste em muitos momentos de seu escrito.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dessas possibilidades é que podemos complementar a teoria científica de Nurse, realizando um diálogo com Jung, pois para este os arquétipos precisam ser compreendidos melhor, principalmente, porque ele designa este nome para expressar sua compreensão epistemológica e psicológica existente no ser humano, conforme o Dr. Walter Boechat diz.

O inconsciente coletivo, nunca apreendido diretamente, mas apenas por suas manifestações, as imagens e situações arquetípicas, é um dado apriorístico de conhecimento, assim como as categorias kantianas de apercepção.

Kant inaugurou uma nova teoria do conhecimento, não-metafísica, mas transcendental, embora sem ser transcendente. O arquétipo pertence a essa ordem do conhecimento, que é transcendental. Além disso, este se funda na experiência, através de sua manifestação, a imagem arquetípica. Tem pois, uma natureza fenomenológica em sua manifestação. (Silva, 2002, p. 12)

De acordo com Walter Boechat, o arquétipo e a imagem arquetípica tem a sua natureza fenomenológica na manifestação que o ser humano vivencia e é a partir desta compreensão que podemos realizar o devido diálogo entre Nurse e Jung, conforme a Dra. Marie-Louise von Franz comenta.

As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico, mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais por meio das quais o homem se expressa. Obviamente, se todos os homens receberam uma herança comum de padrões de comportamento emocional e intelectual (que Jung chamava de arquétipos), é natural que os seus produtos (fantasias simbólicas, pensamentos ou ações) apareçam em praticamente todos os campos da atividade humana. (Jung, 2016, pp. 419-421)

Esta herança, que todo ser humano recebeu e que se manifesta naturalmente, em quase todos os campos da atividade humana, pode ser compreendida como sendo a memória celular que Nurse aborda e explicita, mas que não se encontra, necessariamente, nas células.

Mesmo assim, é válido entender que o fato de apresentar as células como sendo a faísca vital ou o *Fiat Lux* e, ainda, dizer que elas têm um propósito para vida, é restringir muito um assunto que é extremamente amplo, tendo em vista a complexidade que envolve toda a psique humana.

Essas “imagens primordiais” ou “arquétipos”, como eu os chamei, pertencem ao substrato fundamental da psique inconsciente e não podem ser explicados como aquisições pessoais. Todos juntos formam aquele estrato psíquico ao qual dei o nome de inconsciente coletivo. (Jung, 2013, p. 58, OC 8/2, § 229)

Jung explica que o inconsciente coletivo consiste em instintos, e dos correlatos e os arquétipos, pois eles são imagens primordiais assim como é o instinto humano, ou melhor explicando, “os arquétipos são genéticos e estão tão profundamente arraigados no ser humano quanto os instintos” (Machoñ, 2016, p. 70) e isto pode ser percebido pelas suas formas de manifestação as quais Jung denomina, em alguns escritos seus, como padrões de comportamento - *pattern of behaviour* (Jung, 2014, p. 14, OC 9/1, § 78).

Os instintos e arquétipos são como informações primordiais que regulam, a partir do psíquico, do biológico e do social dos humanos e dos animais. Por isso, a informação citada por Nurse pertence mais ao domínio do psíquico do que ao biológico.

Para Jung, a teoria dos arquétipos representa fatos psíquicos, por isso não é uma ideia hipostasiada ou uma disposição individual que se adquiriu pessoalmente, mas constituem disposições coletivas herdadas e comuns a todos os seres humanos como também aos animais (Machoñ, 2016, pp. 70-71).

A contemplação dos arquétipos, por parte de Jung, expressa que eles são complexos comuns a todos os animais e que, nos seres humanos, independem de cultura ou época. Estes se manifestam, inúmeras vezes, em forma de símbolos e personificações. Nesse sentido, “Jung fala de um número restrito, que, na maioria das vezes, inclui os seguintes arquétipos: persona, sombra, animus, anima, mãe, criança, o velho sábio e o si-mesmo (*Selbst*)” (Machoñ, 2016, p. 71), ou seja, Jung compreendeu que os arquétipos se apresentam de uma forma perceptível quando se manifestam em experiências que se repetem no decorrer dos anos e culturas.

Segundo von Franz, para compreender os arquétipos é preciso entender a inter-relação entre a matéria e a psique nos fenômenos da vida.

Em outras palavras, os arquétipos não apenas se ajustam a situações exteriores (tal como os padrões animais de comportamento se ajustam ao seu meio), mas, no fundo, tendem a manifestar-se em um “arranjo” sincronizado que inclui tanto a psique quanto a matéria. No entanto, essas constatações contentam-se apenas em sugerir alguns caminhos a serem percorridos no futuro dessas investigações dos fenômenos da vida. Jung achava que deveríamos, de início, aprender ainda muito mais a respeito da inter-relação dessas duas áreas (matéria e psique) antes de nos lançarmos em uma série de especulações abstratas a seu respeito. (Jung, 2016, p. 427)

Jung diz que as ideias pertencentes ao ser humano e, até mesmo as descobertas científicas, ajudam a abrir conexões que até determinado momento, eram ininteligíveis, o que permite que ele “penetre mais profundamente no mistério da vida” (Jung, 2016, p. 428) e uma dessas conexões abertas é a teoria científica apresentada por Nurse.

O arquétipo por fazer parte da vida instintiva da pessoa e se manifestar, na maioria das vezes, no inconsciente, torna-se difícil de ser entendido como fenômeno e isto ocorre porque, segundo Jung, “é impossível provar a existência dos arquétipos ou dos instintos, a não ser que eles mesmos se manifestem de maneira concreta” (Jung, 2016, p. 402). É impossível provar a existência dos arquétipos, porém à medida que eles se manifestam, as suas representações são apresentadas pelos humanos através de imagens e símbolos. Além disso, não é possível apreender todo o potencial de sua manifestação entre os demais animais por limitações linguísticas entre humanos e animais.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (Jung, 2014, p. 51, OC 9/1, § 88)

Jung demonstra que é impossível saber quais conteúdos há no inconsciente, mas afirma que eles existem e só a experiência com eles é que

irá demonstrá-los e também alerta que, algumas vezes, demora decênios para chegar a tal profundidade ou fazê-los emergir.

Desta forma, entendemos que o inconsciente não é algo de fácil percepção. Algumas vezes nunca saberemos quais conteúdos existem nele, apenas os descobrimos quando algum deles se manifesta no nosso consciente.

Os conteúdos existentes no inconsciente pessoal, ao serem reunidos, formam o que Jung chamou de complexos, que têm uma força tamanha que podem controlar os pensamentos e os comportamentos de um ser humano.

Os complexos podem ser bons, mas também podem ser maus e isto influencia muito no relacionamento de um ser humano para com os demais com os quais convive. Por outro lado, os complexos podem gerar impulsos ou inspirar o ser humano para realizar muitas coisas de forma exemplar e excelente. Contudo, precisamos compreender que os complexos pertencem ao campo do inconsciente pessoal, apesar de seu núcleo ser herdado geneticamente e, portanto, pertencer ao inconsciente coletivo, isto é, eles se fazem presentes no que há de mais profundo em relação à natureza humana.

O inconsciente coletivo contém questões primordiais (imagens e símbolos) que se potencializam na vida da pessoa e se manifestam. Contudo, através da individuação é possível tornar consciente o que há no inconsciente coletivo. Esses conteúdos que se encontram no inconsciente coletivo são o que denominamos de arquétipos.

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, uma neurose. (Jung, 2014, p. 57, OC 9/1, § 99)

Conforme Jung explica na citação acima, os arquétipos, por não terem conteúdos, só podem ser percebidos quando algo acontece e, assim, eles são ativados. Isto faz com que o ser humano os explique mediante à sua

compreensão e, por isso, muitas vezes, eles são atribuídos às imagens arquetípicas que expressam o divino, como o caso do *Fiat Lux* ou faísca vital.

Alguns desses arquétipos têm enorme importância na formação da personalidade e do pensamento de um ser humano e, por isso, Jung, que se dedicou a estudá-los profundamente, deu-lhes alguns nomes como Persona, Anima, Animus, Sombra, Eu, Self, etc. Os arquétipos podem interagir uns com os outros e, assim, formarem combinações que afetam a personalidade de um ser humano e, conseqüentemente, também afetam o seu comportamento, ou seja, a vida humana.

Diante do que Jung explica e que estamos expondo, a respeito dos arquétipos e seus correlatos, podemos dialogar com o que Nurse apresenta, como sendo a resposta ao seu questionamento sobre o que é a vida. Este questionamento de Nurse, o levou a se dedicar a anos de pesquisas e resultou neste livro.

Nurse, afirma em seu livro que conhece bem a Bíblia e que, em certo momento de sua vida, tinha a intenção em se tornar pastor ou missionário, mas que, ao mesmo tempo, ao ver aquela borboleta amarela, ele passou se interessar pela Seleção Natural.

Podemos perceber que Nurse, em determinado momento de sua vida, queria uma resposta sobre quem é Deus ou o que é o Divino e, principalmente, sobre a vida. Ele expõe que entendia este ser numinoso, atribuído pelo pastor da igreja de sua avó, como um mito (Nurse, 2021, p. 99).

Jung, pela sua ótica psicológica, compreende este ser numinoso, denominado Deus ou Divino como sendo um arquétipo ou uma imagem arquetípica que se manifesta ao ser humano e, podemos perceber que foi o que ocorreu com Nurse quando mais novo.

Para Jung, a psicologia auxilia o ser humano a compreender a totalidade da vida e do mundo, mediante a percepção humana, à qual envolve também a sua compreensão teológica com as devidas explicações em busca de respostas.

Dessa maneira, percebemos que não é possível explicar a vida utilizando somente uma ótica, seja científica, psicológica ou teológica, ao

contrário, estas e outras ciências devem utilizar seus conhecimentos para que haja um diálogo e uma interação cuja finalidade seja apresentar uma resposta que satisfaça o ser humano em sua psique.

## REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia: No princípio (Gênesis)**. Trad. de Carlito Azevedo. RJ: Imago, 1995. Tradução de 'La Bible - Entête (La Genèse)'. v. 1. (Coleção Bereshit).

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JUNG, Carl G. et. al. **O homem e seus símbolos**. Trad. de Maria Lúcia Pinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. Trad. de Eva Stern. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Obra Completa - OC - v. 5)

\_\_\_\_\_. **Tipos Psicológicos**. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obra Completa - OC - v. 6)

\_\_\_\_\_. **A Natureza da Psique**. Trad. de Matheus Ramalho Rocha. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013c. (Obra Completa - OC - v. 8/2)

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. de Maria Luiza Appy. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Obra Completa - OC - v. 9/1)

LOURENÇO, Adauto. **Como tudo começou: uma introdução ao criacionismo**. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007.

MACHÓN, Henryk. **O cristianismo em C. G. Jung: fundamentos filosóficos, premissas psicológicas e consequências para a prática terapêutica**. Trad. de Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.



NURSE, Paul. **O que é a vida? : compreendendo a biologia em cinco passos.** Trad. de Livia de Almeida. RJ: Intrínseca, 2021.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista.** São Paulo, SP: Cultrix, 2014.

SILVA, Nilton S. **O mito em Ernst Cassirer e Carl Gustav Jung: uma contribuição à compreensão do ser do humano.** Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

SILVEIRA, Nise da. **JUNG: vida e obra.** 7ª ed. RJ: Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra).



## 6 Resistir Sensivelmente: diálogos entre Muniz Sodré, Carl G. Jung, Antônio Damásio e Paul Nurse

*Pamela Cristina Salles da Silva*<sup>1</sup>

*Nilton Sousa da Silva*<sup>2</sup>

A história da américa-latina tende a ser contada a partir da “descoberta europeia”, como se antes disso nada existisse. Porém, necessário é observar que a modernidade, período histórico datado a partir do séc. XV aproximadamente, é majoritariamente um período em que países da Europa se colocam para além-mar, como cultura dominadora, modelo posteriormente estendido e seguido pelos Estadunidenses. Tal hegemonia, que caracteriza a *pan-europa* marcada sob cosmovisão de unicidade divina, tem como padrão ações de extração e roubo das riquezas locais, invasão e subjamento dos povos contactados, considerados como “primitivos” ou subdesenvolvidos. O que gerou o padrão político persistente que é reconhecido na atualidade como colonialismo e neocolonialismo. Modo de pensar e agir sobre um território e povo que não são seus de origem, negando a diversidade ontológica, epistemológica e tecnológica das culturas locais, impondo-lhes o modelo dominador. (Sodré, 2012).

A ideia que o eu.uropeu<sup>3</sup> fez de si mesmo, compreendendo-se como um ser ciente, encontrou seu baluarte na forma racional pensamento, com

<sup>1</sup>Doutoranda em Psicologia (UFRRJ); Mestra em Psicologia (UEL); Graduada em Psicologia (UniFil); é Psicoterapeuta e atua como conselheira do Conselho Regional de Psicologia - CRP-08. (*CRedit*: Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [pamelasallesilva@gmail.com](mailto:pamelasallesilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. (*CRedit*: Orientador; supervisão e escrita - análise e edição) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)

<sup>3</sup> Neste texto algumas palavras aparecerão com a grafia alterada visando aproximar o leitor da ênfase de uma narrativa corporificada. Ao tentar lê-las nessa nova conjuntura percebe que há diferença do som vocalizado? Sentiu a ênfase no individualismo? Cada palavra assim reescrita trata-se de um exercício de *atrevência* (Alves et al, 2022), de compartilhamento de



primazia na visão cartesiana de mundo, calcada no binarismo e na materialidade, compondo cosmovisão de predomínio monoteísta, foi disseminada como um modelo universal, dando forma a cosmovisão ocidental. Tudo que não correspondia a esse modo foi compreendido como anormal, inadequado ou inumano. O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung mesmo sendo oriundo do “coração da Europa”, modo suíço de compreender sua posição territorial e social na região, observava tal ideia como representação do “espírito da época” e indicava-a com uma unilateralidade psíquica que distanciava o eu. ropeu do inconsciente (o desconhecido em si e no mundo) e da natureza (2013, §426). Jung chega a afirmar que:

Todos os homens [precisam do conceito de Deus], exceto alguns espécimes recentes do “homo occidentalis”, particularmente dotados de inteligência, super-homens cujo “Deus está morto” – razão por que eles mesmos se transformam em deuses, isto é, deuses enlatados, com crânios de paredes espessas e coração frio (Jung, 2013, §110).

Atualmente percebe-se que as consequências da cosmovisão ocidental ou, como aponta Muniz Sodré (2012), da *pan-europa*, se apresentam como uma separação dualista da vida, seja nos níveis: individual, mente-corpo, razão-emoção ou nos níveis: coletivo, sociedade-indivíduo, homem-natureza. Ambos em negação e perseguição às culturas que coexistem entre si e com a natureza dão vasão a uma extensa crise de saúde mental, social e ambiental que coloca cada vez mais a vida no planeta em risco. Neste capítulo intentamos aproximar autores da Europa e do Brasil, para, numa perspectiva confluyente, em dialogia transcultural desvelar e revelar conexões sobre a ideia central da vida como partilha e troca de informações para além das paredes espessas do pensamento racionalista ocidental.

Como a *pan-europa* afetou profundamente o modo como algumas pessoas dos territórios colonizados percebem e lidam com a vida, dificultando a possibilidade de compreender a ecologia de saberes, ou seja, a diversidade

---

interpretações a partir desse efeito na minha palavra. Apresentação de um saber-se corpo negro na diáspora no território brasileiro adentrando sentidos para além da narrativa colonialista.

de conhecimentos e experiências acumulados por diferentes grupos humanos ao longo do tempo, também o saber acadêmico apresenta regulações que carregam essa marca (SODRÉ, 2012). Sendo assim, convidamos as pessoas leitoras para se aproximarem de outro modelo de exposição e compartilhamento de conhecimento: a contação de histórias. Teceremos nossas reflexões transitando entre os modos de apresentação, contando histórias e dissertando, esperando alcançar uma confluência de saberes.

## 1 RE. VISÃO

Existir sensivelmente é um desafio na vida contemporânea marcada pelo pensar e agir *pan-eu.ropeu*, pela velocidade e pela exigência de uma resposta linear imediata aos acontecimentos (Sodré, 2012; 2016). Em busca desse posicionamento não apenas crítico, mas, principalmente, sensível e confluyente, nos atentamos ao fato de que o Brasil é um país de extensões continentais onde coexistem diversos povos, línguas e tradições, assim como na Europa, porém no advento do pensamento moderno, essa ecologia de saberes, que também existia nesse “lado de cima do equador” foi desconsiderada. Assim, para esse diálogo convidamos pensadores de lá e de cá que, a nosso ver, possuem pontos passíveis de confluência.

Nessas páginas sonhamos um encontro que se fez história contada pela primeira vez dentro do grupo de pesquisa LAPSIAFRO<sup>4</sup>, em uma quente tarde de verão na baixada fluminense - Rio de Janeiro, ouçam com ouvidos dóceis:

Há uma mesa com tampo de vidro transparente. Ela é circular e tem bordas brancas. Em torno da mesa estão três pessoas, Antônio Damásio - Neurocientista português, Paul Nurse - Biólogo holandês, Carl Gustav Jung - Psiquiatra e Psicólogo suíço. Estão interessados e observam que a base é feita de um tronco de árvore cortado, que ainda está enraizado na

---

<sup>4</sup> Laboratório de Psicologia e Informações Afrodescendentes da UFRRJ, tem como objetivo compreender e atuar nas relações entre os comportamentos individuais e sociais no contexto afro-brasileiro. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/23428>

terra, olham por fora e por dentro, mas de tal forma que é como se estivessem, também na copa dessa árvore.

Damásio vestindo seu terno azul marinho e gravata cinza, traje que horas antes foi delicadamente escolhido por sua esposa, mexe nos óculos de grau **enquanto se debruça sobre o tampo de vidro**. Nitidamente ele está concentrando-se nas nervuras que o tronco cortado apresenta, segue com o olhar as linhas que se formam e se conectam com ranhuras da casca. Silenciosamente conjectura que “com certeza essas conexões formam mapas de leitura do ambiente externo”.

Nurse segura uma lupa e de sua cadeira, **um pouco afastado da mesa, se dá conta de que existem muitos musgos que habitam o tronco na parte de baixo**, e caminhos de formigas se formam entre eles e as cascas que estão se soltando, seguindo com o olhar vê que as formigas somem em uma fenda entre a terra e o tronco. “Devem existir trilhos subterrâneos até o formigueiro, e elas estão aproveitando o orvalho preso nos musgos, provavelmente isso ajudará na proliferação de novos fungos que elas cultivam como alimento” Diz quase que sussurrando consigo mesmo, enquanto ajeita as golas da camisa por baixo do confortável tricô roxo.

Jung, **confortavelmente** sentado numa cadeira de acampar, ainda trajando seus suspensórios num conjunto bege, fuma seu cachimbo enquanto observa os dois colegas. Como quem vê uma paisagem, entre uma baforada e outra, ele se pega observando a sincronia de estar ali. Logo ele que na manhã anterior estava, não sem dificuldade, cortando lenha para a fogueira de sua casa no lago, mas agora vê o fenômeno e pensa no que “aquilo simbolizaria, uma árvore com a copa de vidro transparente e circular, entre três europeus?”.

Ao mesmo tempo, um quarto integrante se aproxima, observando atentamente os demais, andando devagar e trajando branco, pois é sexta-feira, cor que faz que o tom marrom de sua pele brilhe ainda mais ao sol, é Muniz Sodré – Filósofo Brasileiro, que ao chegar ali tira os sapatos, de pés descalços, tocando a terra, se aproxima da mesa, e como Obá de Xangô do Ilê Axé Opô Afonjá, começa a batucar ritmadamente sobre o tampo de vidro cantando

Ágò ni ilé, òrokò dé

Ágò, àgò, àgò, omo ni ilé<sup>5</sup>

Após a saudação os colegas estão todos atentos a ele, que começa a contar que Iroko, a primeira árvore plantada, cujo tronco é enlaçado com ojá, é orixá cultuado no candomblé do Brasil, habita a gameleira branca, *Ficus gomelleira* ou *Ficus doliaria* (também chamada figueira-branca, guapoí, ibapoí, figueira-brava e gameleira-branca-de-purga). Diz-se que foi a primeira dádiva da terra aos seres, o cajado de Oduduwa. Enquanto árvore primordial, por ela desceram todos os demais orixás, representa então o tempo, não fixado no restritivo tempo cronológico, mas o que também comporta a impermanência, ancestralidade, a vida reprodutiva, aquilo que desde os primórdios a tudo assistiu, resistiu e resiste, ensinando aos homens o sentido da vida.

---

<sup>5</sup> com licença, “abram caminho” na casa Iroko chegou/ com licença, com licença, “abram caminho”, filhos que estão na casa. Música e tradução disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D5p3gSA00u4>.

Essa história nasceu de nossa cosmopercepção<sup>6</sup>, do exercício racional unido à toda sensibilidade, ambos postos a favor do pesquisar. Pois enquanto corpos negros em território brasileiro, nosso pesquisar torna-se também um revisitar experiências de vida, percepções e sentidos. Cosmopercebendo ativamos nossas reflexões para além da visão ocular, alcançando assim, o que Muniz Sodré (2017) afirma como um pensar coronário, vibrante, em constante troca com o todo, seja em nós ou no mundo.

Nesse clima sensível, dialogamos sobre o impacto da história para os que estavam no grupo, e percebemos o quão importante era que o tampo fosse de vidro. Que a conexão entre as diferentes visões e posturas se desse de maneira a deixar transparecer sem misturar-se completamente, mas em uma constante troca de informações, tendo a límpida noção do que é possível a cada um observar, sentir e comunicar desse caleidoscópio chamado vida. Na linguagem cotidiana costuma-se usar o jargão do “jogo limpo” para se referir a uma negociação que se faz tendo a nitidez como pressuposto, com todas as regras sendo reveladas e seguidas etc., o sujo aqui se refere a esconder, trapacear e enganar.

Sendo assim, não há transparência para que se possa, propositalmente, aproveitar-se dos demais, hierarquizando negativamente a relação. Talvez seja aí que nossa mesa com tampo de vidro transparente em que tão diferentes pensadores se sentam para apresentar suas perspectivas, tenha advindo com tamanha relevância. Ali estão representados, o norte e o sul global, marcados por anos de histórias terríveis, mas agora, com o intuito de “jogar limpo”, confluir.

Tais reflexões nos levaram a lembrar de uma tarde em que discutíamos sobre o atendimento de uma demanda emergencial de participação em evento. Se por um lado, a paranaense que aqui lhes escreve dizia que tinha “caído de paraquedas” ali, mas conseguido dar conta, o carioca por sua vez lhe explicava que naquele território, o que se diria era que ela tinha

---

<sup>6</sup> Segundo Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), a “cosmopercepção” oferece uma abordagem mais ampla e inclusiva para entender como diferentes culturas experienciam e concebem o mundo, destacando a importância de sentidos além do visual, em contraste com a tradicional “cosmovisão” ocidental, que privilegia apenas a visão.

conseguido “apagar um incêndio”, uma vez que nessa região “cair de paraquedas” se referiria a uma intromissão inoportuna. Ambos se colocaram a sentir e entender as nuances territoriais não apenas da linguagem, mas sim, dos sentidos e modos de ser que traziam consigo, em conexão com o chão Fluminense que agora pisavam. Embora a tentativa de compreensão mútua, algo nos escapava, uma vez que a vida vivida em cada território, em cada época, também nas diferentes faixas etárias e gêneros, apenas lhes permitia esse intenso exercício de aproximação de sentidos, não um total alinhamento. Foi então que veio a nós a vida como aquilo que embora tentássemos compreender, nos escapa.

## **2 CONFLUIR**

A vida como uma troca constante de informações entre diferentes aspectos, apresenta-se quando Paul Nurse (2021) revela que em nível celular é necessário compreender como tudo funciona junto, não apenas em suas partes, mas principalmente, nos sentidos que se formam durante a troca e o uso das informações no complexo sistema de regulação da homeostase. Refletir sobre o sentido ou propósito dos mecanismos que sustentam vida em nível celular, pode parecer algo filosoficamente ou metaforicamente forçado à ouvidos que não estão acostumados ao encantamento, acostumados a ouvir que apenas aos seres humanos está reservada a sabedoria do sentido. Porém, é o biólogo premiado com um Nobel quem agora diz que “a informação que a borboleta recolhia significava algo, que ela usava para ajudá-la a decidir o que fazer para alcançar um objetivo específico. Isso significa que ela agia com um propósito” (Nurse, 2021, p.147).

Na cosmovisão ocidental predominante na pan-eu.ropa desde a modernidade, só existe aquilo que é possível ver, observador e observado, sujeito e objeto, movimento que distancia o sentir, desencantando o que se observa. Nesse modo de ver é necessário “estar fora”, não se envolver, para explicar meticulosamente, definir, listar, prever, controlar o que se observar.

Mas o que Paul Nurse revela com seus estudos sobre os funcionamentos celulares é que a sobrevivência em nível macro da existência, você, eu, nossa família, sociedade etc., está completamente vinculada às regulações que ocorrem no nível micro da existência, células e seus complexos sistemas bioquímicos e vice-versa, e mesmo com todos os estudos que já fizeram até agora, há algo que lhes escapa à “explicação racional”. Logo, as palavras sentido e propósito emergem como abertura ao desconhecido dentro do próprio pensamento racional perceptivo que Nurse exercita no seu pesquisar, dando espaço a uma inteligibilidade que inclui o sentimento e intuição, inclui o encantamento<sup>7</sup>.

A borboleta como imagem central da narrativa que Nurse (2021) constrói sobre o que é a vida pode ser considerada um símbolo. Seria então a emergência da Alma no discurso científico? Não uma alma desencarnada como em narrativas sobre um possível céu a ser conquistado pelo sacrifício da carne, mas daquilo que permanecendo com os pés firmes no chão consegue acessar os céus. Aqui, célula, chão e carne aproximam-se para nos convidar aos sentires de ser um ser biológico em excelência. É necessário lembrar que a lagarta existe na borboleta assim como a borboleta na lagarta, são uma e a mesma substância, mas que para nós se apresenta como estágios diferentes. Concebemos então, como afirma Muniz Sodré (2018), um *si-mesmo corporal*, não de um corpo mero receptáculo de alma transubstanciada, nem mesmo um corpo mera carne e amontoado de células, mas de algo integral e inteligente em *si-mesmo*.

Pensar em um corpo *anima.do*<sup>8</sup>, tudo como uma e mesma substância, prevê um re. encantamento da experiência corporificada, transbordamento

---

<sup>7</sup> Encantamento enquanto perspectiva existencial que assegura continuidade simbólica aos grupos afro-brasileiros e indígenas, que historicamente resistem sensivelmente às condições adversas, aponta para epistemologias e ontologias que sustentam compreensão de mundo e ser fluída e inseparável entre pessoa e natureza, entre vida cotidiana e conhecimento, entre passado, presente e futuro. Perspectiva que invariavelmente expõe uma ética da existência compartilhada e simbólica.

<sup>8</sup> Em latim *anima* significa alma. No sentido de estar cheio de uma força maior, entusiasmo, energia, capacidade etc. daí deriva a palavra *animação* tão usada para nos recordarmos de uma potência irmã da alegria. Convoco então o *corpo anima.do* como o corpo repleto de uma “alma concreta” [diferenciarmo-nos da alma abstrata descorporificada católica] passível de ser vista,



que muito embora se expresse na personalidade está para além dela, em que não há dentro ou fora, acima ou abaixo, tudo é. Assumindo assim que há inteligência e espiritualidade na sabedoria que o corpo propaga por *si-mesmo*, nos aproximamos de conceber a complexidade da vida como um todo, contínua troca, fluxo e interação, tão intensas que para as epistemologias de tradição nagô não é possível falar algo separado nem mesmo temporal.

O que nos coloca diante de outro fator apontado por Nurse o comportamento com *propósito*, que segundo ele é “uma das características definidoras da vida, mas só é possível se os sistemas vivos operem como um todo” (NURSE, 2021, p.148). Essa integração em nível celular, na qual as células estão a todo momento checando as circunstâncias bioquímicas e físicas e se regulando a partir das necessidades observadas, através de trocas químicas, em busca das melhores taxas para garantia da continuidade da vida, a homeostase. Pode então, segundo ele, ser entendido como propósito, isto é, ações coordenadas com o fim de perpetuar a vida a si mesmos e a seus descendentes. Veja, se a perpetuação da vida depende então dos sistemas operarem como um todo, essas operações são basicamente trocas de informações entre “sistemas diversos”, como podemos conceber que haja separação de fato?

O *si-mesmo corporal*, muito embora não seja acessível pelo pensar racionalista ocidental, que alega separações, é passível de vivência concreta, pessoal e coletiva ao mesmo tempo pois parte do fluxo contínuo que é a vida. Talvez aqui possamos pensar que se trata de expressão do propósito que a vida demonstra, uma vez que decorre de ações integradas em nível das dinâmicas corporais atemporais. Uma vez que “na realidade, pensamento nenhum emerge exclusivamente das palavras (que devem ser, antes, vistas como meio de expressão) e sim principalmente da espacialidade instaurada pelo corpo em sua vinculação ao entorno ético e existencial, portanto na relação concreta entre homens e natureza (Sodré, 2018 p.)”

---

ouvida e sentida, e propagada, algo como *el duende* citado por Clarissa Pinkola Estés ou talvez observável nas expressões da *Alacridade*, como afirmada por Muniz.

A perspectiva da vida como troca constante de informações pode fazer sentido quando discriminamos aspectos na tentativa de melhor compreendê-los, dizendo que um sistema X troca informações com o sistema Y, mas essa diferenciação ou divisão didática dos processos que geram a vida se dá devido a nossa limitação diante da complexidade do todo em constante interação. A divisão está em nossa limitação e não na vida enquanto fenômeno contínuo, uma vez que para a vida enquanto fenômeno em si, o item X, Y e quem os descreve não estão separados. Tanto é que por muito tempo os estudos em neurociência insistiam em focar o cérebro como polo do desenvolvimento da inteligência humana, restringindo todas as explicações as ocorrências na massa encefálica e sistema nervoso central, frisando esses fatores como algo totalmente diverso do restante dos seres naturais.

Antonio R. Damásio (2018,2022), renomado neurocientista, contribui de maneira significativa para a compreensão da relação entre sentimentos e o funcionamento cognitivo, e essa perspectiva se encaixa harmoniosamente na nossa reflexão sobre a troca de informações em nível celular e a dinâmica do corpo. O autor argumenta que os sentimentos desempenham um papel fundamental em nossa tomada de decisões e no funcionamento cognitivo em geral. De acordo com suas pesquisas, nossas emoções e sentimentos estão intrinsecamente ligados aos processos cerebrais e desempenham um papel vital em nossa capacidade de adaptação e sobrevivência.

Da mesma forma que as células trocam informações para regular a homeostase e manter o corpo em equilíbrio, os sentimentos atuam como um sistema de sinalização interno para guiar nossas ações e decisões. Quando experimentamos emoções como medo, alegria, tristeza ou raiva, nosso corpo e mente estão respondendo a estímulos do ambiente de maneira a nos alertar ou nos encorajar a agir de certas maneiras. Por exemplo, se nos deparamos com uma situação de perigo, como um animal selvagem se aproximando, o medo surge como uma resposta emocional que desencadeia uma série de reações físicas e mentais. Essa resposta emocional é essencial para nossa sobrevivência, pois nos prepara para lutar ou fugir. Como quando sentimos alegria ao estar com entes queridos, nossos sentimentos reforçam os laços

sociais e promovem comportamentos que são benéficos para nossa espécie (Damásio, 2018).

Assim como as células do corpo monitoram constantemente o ambiente interno e externo para se adaptar às condições em mudança, nossos sentimentos nos fornecem informações valiosas sobre o ambiente e nossas interações com ele. Essas informações são processadas pelo cérebro e influenciam nossas decisões conscientes e inconscientes. A relação entre sentimentos e cognição é evidenciada pelo fato de que lesões cerebrais que afetam a capacidade de sentir emoções também podem comprometer a tomada de decisões e o julgamento moral. Damásio argumenta que os sentimentos desempenham um papel central na nossa capacidade de atribuir valor às diferentes opções e cursos de ação que enfrentamos na vida cotidiana (Damásio, 2022).

Portanto, da mesma forma que as células do corpo trocam informações para manter a homeostase, nossos sentimentos atuam como um sistema de informação e orientação para nossas mentes conscientes e inconscientes. Essa interconexão entre sentimentos, cognição e a troca de informações em todos os níveis da existência nos lembra da complexidade e da profundidade da experiência humana, que vai além do simples funcionamento mecânico e materialista, abrindo espaço para uma compreensão mais complexa e integrada de quem somos como seres humanos. Algo que o neurocientista Damásio foi enfático em afirmar que:

Precisamos ponderar o modo como os humanos chegaram ao presente e reconhecer que os recursos fundamentais que usamos para ter êxito em nosso nicho consistem em transformações e aprimoramentos de artifícios previamente usados por outras formas de vida no decorrer de uma longa história de sucessos individuais e sociais. Precisamos respeitar a inteligência e as organizações fenomenais da própria natureza que ainda não foram completamente compreendidas. (DAMÁSIO, 2022, p. 153)

Na afirmação acima podemos observar que mesmo a questão da temporalidade não pode ser lida como um limitador para a troca de informações entre as diferentes instancias da vida. Uma vez que há profunda troca e conexão que se estende desde o nível celular até o macro da existência,

é inevitável refletirmos sobre como isso se relaciona com a complexa interação entre o que a pessoa tem consciência em si e no mundo e o que ela está inconsciente, mas mesmo assim atua.

Carl Gustav Jung (2013<sup>a</sup>, 2013, 2017) explorou profundamente a relação consciente e inconsciente, em analogia, aqui podemos supor que assim como as células trocam informações para regular a homeostase e garantir a sobrevivência do organismo, a mente humana também opera em um estado de equilíbrio dinâmico entre o consciente e o inconsciente. A Psicologia Analítica ou Complexa, como erigida por Jung, nos convida a explorar o mundo misterioso do inconsciente, onde residem pensamentos, sentimentos e memórias que estão fora da nossa percepção consciente. Essas camadas profundas da psique não são apenas um depósito de experiências reprimidas, mas também uma fonte de sabedoria e criatividade. Assim como as células do corpo trocam informações para se adaptar às mudanças nas circunstâncias e garantir a saúde do organismo, a mente consciente e o inconsciente se comunicam de maneira semelhante (Jung, 2017).

A troca de informações entre o consciente e o inconsciente é vital para o desenvolvimento pessoal e o equilíbrio psicológico. Assim como as células monitoram constantemente as condições do ambiente interno e externo e ajustam suas atividades de acordo com as necessidades do corpo, a mente consciente deve estar aberta à escuta do inconsciente para se adaptar às demandas da vida. Esse processo de troca e integração é essencial para o crescimento psicológico e espiritual. O inconsciente, de acordo com Jung (2013<sup>a</sup>, 2013, 2017), não é apenas um reservatório de material reprimido, mas também uma fonte de orientação e autorregulação. Assim como as células do corpo respondem a sinais químicos e físicos do ambiente para manter o equilíbrio interno, a mente inconsciente emite símbolos, sonhos e intuições que podem guiar o indivíduo em direção à integração e ao autoconhecimento. Esse é o propósito do inconsciente, assim como a sobrevivência é o propósito das células. Na análise junguiana, a individuação é o processo pelo qual o indivíduo busca integrar consciente e inconsciente, tornando-se uma pessoa mais completa e autêntica. É uma jornada de autodescoberta e crescimento

espiritual, semelhante à busca pela homeostase que as células empreendem para manter o equilíbrio interno do organismo.

A analogia entre a troca de informações em nível celular e a relação entre consciente e inconsciente nos leva a uma compreensão mais profunda da natureza integrada da existência. Assim como as células do corpo trabalham juntas para manter a vida, a mente consciente e o inconsciente colaboram para o desenvolvimento e a autorregulação do indivíduo, a borboleta, citada por Nurse, em constante troca com o meio em que vive capaz de responder às necessidades de adaptação e continuidade, nos revelando que somos seres interconectados, tanto internamente quanto com o mundo ao nosso redor, e que o equilíbrio e a harmonia são alcançados por meio dessa troca contínua de informações e da busca pela totalidade.

### **3 RESISTIR SENSIVELMENTE**

Voltemos a história contada anteriormente, dos sábios em torno do tronco com “copa de vidro”. Neste momento podemos observar que, se para Damásio a ideia de mente-corpo se constrói nas conexões entre os neurônios, para Nurse os caminhos se constroem a partir dos usos e trilhas que os seres fazem. Com Jung que essa conexão que parece circular e translúcida, da passagem ao simbólico, imagens conectivas, ligando vários pontos. Ou seja, por mais que a ideia de estar enraizado na terra e ao mesmo tempo estender-se até o céu pareça fazer sentido, a conexão real que torna isso possível se dá por dentro, através da comunicação das partes. Nesse sentido, vemos Jung, ainda intrigado com a imagem, a pensar que ela representa uma comunicação para além.

A árvore da história, embora símbolo da natureza, aparece modificada, conectando as mentes humanas, construindo o entendimento e a compreensão. Apontando para o natural e o que é construído pelos humanos, dá ensejo ao transcendental exatamente na conexão de tais fatores. Ao alocarmos a cena no Brasil, local onde a colonização forçou uma certa mistura

e influência mútua entre diferentes povos, a miscigenação e mito da democracia racial, aponta-se para a necessidade de olhar para essa ferida em busca de seu sentido simbólico. No esforço conjunto de estabelecer diálogos profundos e significativos entre diferentes culturas e perspectivas. A saudação de Muniz Sodré, que incorpora elementos da cultura afro-brasileira, simboliza então a importância de reconhecer e valorizar os saberes ancestrais no território, que são fundamentais para uma compreensão mais ampla e complexa da vida dentro da cultura afro-brasileira.

Podemos nos questionar sobre os sentidos dessa história emergir de um esforço intelectual acadêmico em compreender diferentes teóricos, mas também podemos inquirir se tê-la aqui, emergente também do corpo de uma brasileira, mulher negra de pele clara, mestiça, pode talvez apontar para novos caminhos para o trauma psíquico brasileiro. Nos interessa a segunda questão. Uma vez que Walter Boechat na obra *Luzes e sombra da alma brasileira: Um país em busca de identidade* (2014), afirma que o trauma psíquico brasileiro, abordado enquanto complexos culturais, é resultado de uma complicada herança, historicamente marcado por violência, exclusão e conflitos identitários. Ele destaca a escravidão, o racismo cordial e a colonização como eventos centrais que moldaram a psique coletiva do país, criando complexos culturais profundos, como o "complexo de inferioridade" e o sentimento de desconexão com as próprias raízes.

O autor sugere que os corpos negros e indígenas carregam memórias e conhecimentos que vão além da racionalidade ocidental, incluindo dimensões sensíveis, espirituais e comunitárias. Esses corpos são portadores de uma sabedoria que pode oferecer novos caminhos para a cura do trauma psíquico brasileiro. Boechat (2014) enfatiza que o reconhecimento desses saberes é um ato de resistência contra o pensamento hegemônico, que frequentemente desvaloriza as contribuições culturais de povos marginalizados. Essa valorização abre espaço para formas alternativas de compreensão da história e da identidade, que incluem não apenas o conhecimento racional, mas também as vivências corporais, espirituais e comunitárias.

Logo, a história apresentada, é percebida também como símbolo que aponta para a resistência sensível e integração da sabedoria ancestral, concebida como uma contação de histórias oriunda de “um corpo implicado, encharcado com gosto do seu território” (Alves et al., 2022, p.107). Abordagem que desafia o pensamento hegemônico, convidando-nos a re.pensar e re.elaborar nossa própria história e identidade cultural, reconhecendo a importância dos saberes corporais não apenas na cura do trauma psíquico, mas também na composição do saber acadêmico. A partir dessa percepção, nos colocamos a desenvolver um pouco mais a questão do corpo na resistência sensível.

Na tradição Nagô, como expressa o conceito de si-mesmo corporal de Muniz Sodré (2018), nossa identidade não é apenas uma construção mental ou psicológica, mas está profundamente enraizada em nossos corpos e em nossa relação com o mundo físico, social e espiritual ao nosso redor. Em outras palavras, somos seres corpóreos, e nossa experiência de ser é inseparável da forma como habitamos nossos corpos e interagimos com o ambiente. Essa concepção se alinha de maneira significativa com a cosmopercepção nagô que, enfatiza, não apenas a interconexão de todos os seres e elementos, mas também o uso de diferentes percepções para a leitura de mundo e concepção epistemológica e ontológica. Na cosmopercepção, não há uma separação rígida entre o eu e o mundo exterior; em vez disso, reconhecemos que somos parte integrante de um sistema maior, onde tudo está interligado, e que usamos as de diferentes percepções para isso. Nesse contexto, o corpo não é apenas uma casca que abriga a mente, mas é uma extensão da própria natureza, uma expressão do axé, a energia vital que flui por todas as coisas (Sodre, 2018).

O conceito de "axé" é central na cosmologia africana e representa essa energia vital, essa força que anima e conecta todas as formas de vida. O axé está presente em tudo, desde os seres humanos até as árvores, os rios e os animais. É uma energia que pode ser canalizada e direcionada por meio de rituais e práticas espirituais. A conexão entre o si-mesmo corporal e o axé está no reconhecimento de que nossa própria vitalidade, nossa existência como

seres corpóreos, é uma manifestação dessa energia cósmica, direcionada para e pelo propósito da vida amplamente conectada com tudo. Há axé em todos os seres. (Sodre, 2018).

Quando relacionamos isso ao que já discutimos sobre a psicologia complexa de Carl Gustav Jung, vemos que sua abordagem de explorar o inconsciente e integrar elementos psíquicos diversos também pode ser vista à luz dessa interconexão e comunicação de diferentes aspectos. Jung estava interessado na busca da totalidade, na integração de partes fragmentadas ou unilateralizadas da psique para alcançar a individuação sob a regência do si-mesmo. Aqui, essa busca pela totalidade pode ser vista como um reflexo da busca constante para manutenção do axé, energia vital sempre dependente de troca constantes com o cosmos em suas diversas formas, ou mesmo pela constante troca de informações entre célula e ambiente para a regência do propósito da vida e continuidade da homeostase.

Não há dúvidas de que nossa corporeidade desempenha um papel fundamental na construção de nossa cultura e identidade, sendo assim, os sentimentos desempenham um papel crucial na tomada de decisões e na cognição. Para todos os autores aqui estudados, os sentimentos são a base sobre a qual construímos nosso pensamento e nossa cultura (Damásio, 2018,2022). É preciso então considerarmos que a sensibilidade aparece como a capacidade de sentir coisas e de estar conectado às percepções de nosso corpo em interação com seu ambiente interno ou externo, sejamos uma bactéria, borboleta ou pessoa.

A sensibilidade, portanto, pode ser compreendida de muitas maneiras, capacidade de facilmente receber as impressões ou sensações externas e de estar conectado às percepções de seu corpo, relacionando-se tanto aos sentidos corporais quanto aos aspectos subjetivos das relações estabelecidas. Mas para além disso, é entendida como um potencial humano de elevar-se para além do que é tido como brutal, grosseiro, animalesco ou insensível, aproximando-se de uma suscetibilidade para compadecer-se, perceber e respeitar o que afeta outros. Logo, os sentimentos estão envolvidos em nossa experiência cognitiva e cultural, pois nossos sentimentos influenciam



nossa percepção do mundo e nossas interações com ele, e eles dependem do nosso corpo (Silva, 2020). O que nos aproxima de pensar a sensibilidade humana como a grande substância para a troca de informações entre diferentes instâncias.

Se nossa suposição estiver correta, há de se pensar que no contexto do território brasileiro, a sensibilidade emerge como um fator preponderante para a resistência às opressões e aflições que permeiam nossa história. A sensibilidade, entendida como a capacidade de sentir coisas, de estar conectado às percepções do corpo e de elevar-se para além do que é brutal ou insensível, torna-se essencial para a compreensão dessas complexas questões culturais e psíquicas. Ao reconhecer a conexão entre o si-mesmo corporal, o axé e a interconexão na tradição Nagô, somos levados a entender que a resistência às opressões não se limita apenas a uma luta política ou social, mas envolve também a preservação e aprofundamento dessa relação sensível com o mundo ao nosso redor. A sensibilidade nos permite reconhecer as feridas históricas e traumas psíquicos que marcam nossa sociedade e, ao mesmo tempo, nos capacita a buscar formas de cura e resistência sensível.

Dessa forma, a árvore simbólica, que conecta as mentes humanas na história mencionada, representa essa ligação profunda entre os indivíduos e a natureza, entre culturas diversas e perspectivas variadas. Imagem que transcende o simples enraizamento na terra e estende-se até o céu por meio de sua transparência, ilustrando como a sensibilidade, a conexão e troca com o mundo ao nosso redor podem nos levar a compreender e transcender as barreiras impostas pela história e pela opressão.

Mencionando a saudação de Muniz Sodré, que incorpora elementos da cultura afro-brasileira, reconhecemos a importância de valorizar os saberes ancestrais e a sensibilidade cultural como elementos fundamentais na resistência sensível e na construção de uma sociedade capaz de manter-se em permanente troca de informações entre suas diversas esferas. Seria então a sensibilidade um fator preponderante para a epigenética-social, ao nos permitir reconhecer não apenas as feridas, mas também as raízes saudáveis

que podem ser fortalecidas e cultivadas? Seria a maneira de lembrarmos-nos de que não somos eu e sim nós?

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metáfora da mesa de vidro transparente com os quatro pensadores - Damásio, Nurse, Jung e Muniz Sodré - em torno de um tronco de árvore cortado e enraizado na terra pode ser entendida como uma representação simbólica das diferentes perspectivas que estamos discutindo. Cada um dos pensadores representa uma abordagem distinta para compreender a complexidade da existência humana e sua interação com o mundo.

Damásio, com sua concentração nas nervuras do tronco, simboliza a abordagem neurocientífica e a busca por compreender os processos cognitivos a partir de uma perspectiva física e biológica. Ele observa as conexões no tronco, sugerindo que essas conexões formam mapas de leitura do ambiente externo, relacionando a atividade cerebral à percepção e à interação com o mundo. Nurse, com sua lupa e observação dos musgos e formigas, representa a biologia e a ecologia. Ele se concentra nos detalhes da vida que ocorrem na base do tronco, revelando os processos microscópicos e as interações complexas entre diferentes organismos e elementos do ecossistema. Sua observação sublinha a importância da interdependência na natureza.

Jung, com sua visão contemplativa e seu cachimbo, traz uma dimensão psicológica e espiritual para a cena. Ele se questiona sobre o simbolismo da árvore com a copa de vidro entre três europeus, sugerindo uma reflexão mais profunda sobre os significados subjacentes e a conexão entre o consciente e o inconsciente. Muniz Sodré, descalço e tocando a terra, representa uma perspectiva mais espiritual e cultural, trazendo consigo a saudação e a história do orixá Iroko. Ele conecta a cena à tradição do candomblé e à cosmopercepção nagô, enfatizando a importância de reconhecer a interconexão entre os seres humanos, a natureza e o sagrado.

Essa história reflete a ideia de que cada abordagem - neurocientífica, biológica, psicológica e espiritual - oferece uma perspectiva valiosa e complementar para entender a complexidade da existência humana. Assim como os pensadores na mesa observam a árvore de diferentes ângulos, nós também podemos enriquecer nossa compreensão da vida ao considerar essas diferentes perspectivas em diálogo transcultural. É nessa intersecção de abordagens que encontramos uma compreensão mais profunda da existência humana e de nossa relação com o universo, reconhecendo que somos parte integrante de um todo maior e interdependente, onde corpo, mente, natureza e espiritualidade se entrelaçam em uma dança complexa de significados e experiências. É nesse espaço de diálogo transcultural que podemos buscar uma compreensão mais complexa e enriquecedora da vida.

A partir dessa perspectiva, podemos re.descobrir nossas raízes saudáveis, não como um retorno nostálgico ao passado, mas como um movimento ativo de resgate, recriação e ressignificação dos valores culturais que foram silenciados. O conceito de *si-mesmo corporal*, oportuniza uma integração essencial para reconstruirmos um sentido de pertencimento e fortalecimento coletivo, assim como nos encaminharmos para uma academia-cotidiano corporificada e sensível.

Em suma, observamos que a sensibilidade é um fator crucial para a resistência às opressões e aflições, pois não apenas nos conecta com nossas raízes culturais e espirituais, nos permite reconhecer as feridas, unilateralidades e dissociações, e ir em busca do compartilhamento, comunicação e troca, em buscar a cura, e nos capacita a estabelecer diálogos profundos e significativos entre diferentes culturas e perspectivas. Ela é a força que nos impulsiona a re.imaginar e re.criar um Brasil onde a sensibilidade e o diálogo transcultural sejam as bases para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Míriam Cristiane; MEDEIROS, Rita; AZEVEDO, Gláucia Gomes de; SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel. Gira-mapa com corpos-sujeitos-infantis de terreiro: pistas e encruzadas metodológicas. In: ALVES, Míriam Cristiane; MEDEIROS, Rita (Org.). **Culturas Infantis de Terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2022. p. 107-131.

CARVALHO, Rayann Kettuly Massahud de. **A utopia decolonial**: o projeto transmoderno, pluriversal e o direito à diferença de igualdade. PerCursos, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 130-152, set./dez. 2020.

DAMASIO, A. **A estranha ordem das coisas**: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAMASIO, A. **Sentir & Saber**: as origens da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

JUNG, C. G. **A natureza da Psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Os fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NURSE, P. **O que é a vida?** Compreendendo a biologia em cinco passos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A Invenção das Mulheres**: Construindo uma Perspectiva Africana dos Discursos Ocidentais sobre Gênero. Tradução de Carla Fernandes. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Pamela Cristina Salles da. **Ela canta as histórias:** novos usos para antigos modos de subjetivação. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/9032>. Acesso em: 28 set. 2024.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação:** diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SODRÉ, M. **Pensar Nagô.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis:** Afeto, Mídia e Política. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.



## 7 Coletividades Negras e Memória Ancestral: entre a vida biológica, a psique coletiva e a narrativa pessoal

*Bruno Correia da Mota*<sup>1</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Na Psicologia Complexa C.G. Jung, a subjetividade da pesquisadora (r) compõe a observação psicológica. Em outros termos, Jung (1978, p. 55, OC. XI, § 87), aponta que a psique é o "objeto de estudo" da psicologia e, ao mesmo tempo, também é seu sujeito. Dessa forma, a memória pessoal da psicóloga pode estar inter-relacionada com as investigações de processos coletivos e sociais sob o prisma da psicologia junguiana.

A psique individual interage com a dinâmica sócio-histórica, cultural e política, e vice-versa. Dessa forma, o objetivo deste texto é descrever aspectos étnico-raciais do inconsciente cultural em relação aos movimentos negros do Brasil, com base nas minhas memórias pessoais e em diálogo com as investigações do geneticista e biólogo celular Paul Nurse a respeito do que é a vida.

O método construtivo, desenvolvido por Jung, permite que o valor subjetivo da pesquisadora seja utilizado para compreender a camada coletiva (Jung, 2012, p. 203, OC. III, § 395-397). Esse método opera com conteúdo complexos, a fim de buscar identificar o material desconhecido, conforme Jung, "[...] obriga o investigador a considerar todas as forças operantes na

<sup>1</sup>Doutorando em Psicologia (UFRRJ); Mestre em Psicologia (UFRRJ); Graduação em Psicologia (UNESP); é Coordenador Regional Sudeste da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) - ANPSINEP e Professor da FAM - Centro Universitário das Américas. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [bruno.correia.mota@hotmail.com](mailto:bruno.correia.mota@hotmail.com)



psique humana" (2012, p. 214, OC. III, § 423), isto é, consiste em integrar conteúdo da vida inconsciente para a consciência.

Este método de pesquisa nos ajuda a nos aproximar de uma escrita que permite a memória ancestral das pessoas negras, especialmente das mulheres negras, com base no conceito de Escrevivência proposto pela escritora Conceição Evaristo:

**Escrevivência:** "[...] pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si." (EVARISTO, 2020, p. 35).

A escrevivência legítima a vivência pessoal (memória) e coletiva (experiências compartilhadas e oficializadas pelas pessoas negras), com base em narrativas que organizam a memória ancestral do povo negro na diáspora. A psicóloga social Thais Fernanda aponta que, ao registrar a memória das pessoas negras, podemos legitimar a produção subjetiva e coletiva, especialmente das mulheres negras (Lima, 2021, p. 36).

Já no campo do método da Psicologia Analítica se compreende a equação pessoal. Isto é, o campo subjetivo no processo de pesquisa e investigação psicológica. Esses pontos entre escrevivência e método junguiano são uma espécie de encruzilhadas para ampliar a complexidade das relações raciais em torno do subjetivo e coletivo.

A matriz colonial racista atua em desfavor das comunidades negras e indígenas, como um exemplo, ao tentar desorganizar as lutas coletivas, distorcer a história e apagar pelas identidades culturais desses grupos. Dessa forma, a herança histórica e simbólica da escravidão e do abandono social após a abolição é mobilizada no campo material (poder socioeconômico e político) e psicocultural (supremacia racial; branquitude).

Nesse sentido, alguns registros da história brasileira podem ilustrar a manifestação dessa matriz colonial racista, que também revela, sob a

perspectiva psicológica, os nódulos emocionais (traumas coletivos <sup>2</sup>) da psique coletiva <sup>3</sup>: (a) um ano e meio após a abolição, um hino da República aprovado pelo Decreto n.º 171, de 20 de janeiro de 1890, já negava a escravidão (Schwarcz, 2012, p. 22); (b) na Era Vargas, a Constituição de 1934 (artigo 138) permitia a educação eugênica (Brasil, 1934); (c) 64% das pessoas presas são negras e 35 % brancas e (d) os homicídios são a principal causa da mortalidade de jovens entre 15 e 29 anos (IPEA; FBSP, 2020).

## **2 ANCESTRALIDADES E NARRATIVAS: MINHAS, SUAS E NOSSAS...**

As marcas psicossociais da violência racial podem se manifestar na psique, tendo um impacto não linear e intergeracional nas subjetividades, uma vez que se atualizou na conjuntura racista do estado brasileiro e nas relações interpessoais. No entanto, a luta organizada pelos movimentos negros, em locais seguros para debater uma agenda política de raça, gênero, orientação sexual e outras questões, configura um campo de ancestralidade com tecnologias de aquilombamento contra a matriz colonial racista. Assim, a conscientização racial das pessoas negras nos movimentos negros e outras comunidades, por meio de conexões saudáveis, pode resultar em uma percepção mais positiva de si e de sua história pessoal e coletiva.

A psicologia social nos territórios periféricos potencializa as intervenções para enfrentar a violência racial e de gênero, através da escrevivência. Registro de sua vida autorizado como sujeito de voz ativa e protagonista de seu enredo.

Assim sendo, a vida tanto psicológica quanto biológica busca se autorregular de maneira espontânea, tendo a inquietação de produzir vida como um dos caminhos de resistência e insurgência construídos na luta coletiva.

---

<sup>2</sup> **Trauma Coletivo oriundo do Racismo:** é causado pelos mecanismos de perpetuação do racismo e de suas atualizações. E a variação da tonalidade e intensidade do trauma são devidas as transformações ocorridas nas estruturas da sociedade. (MOTA, 2019, p. 62).

<sup>3</sup> **Psique Coletiva:** "Do mesmo modo que o indivíduo não é apenas um ser singular e separado, mas também um *ser social*, a psique humana não é algo de isolado [...] mas também um fenômeno coletivo." (JUNG, 1981, p. 136, OC. VII, § 235).



Dessa forma, Paul Nurse, Jung e os registros das memórias de uma luta coletiva podem indicar a Mitopoese de uma Negritude pessoal/grupal.

Os estudos de biologia celular conduzidos por Nurse (2021) corroboram essa ideia ao compreender os elementos químicos e biológicos da vida minúscula das células que compõem a complexidade da existência.

[...] toda vida está conectada pela linhagem. Isso significa que, ao se rastrear o passado da árvore da vida, os ramos convergem cada vez mais em outros maiores e acabam levando a um único tronco. Portanto, a conclusão é que nós, seres humanos, somos relacionados com todas as outras formas de vida no planeta. (Nurse, 2021, p. 91).

Da mesma forma, para a Psicologia Complexa, a dinâmica psíquica segue o mesmo caminho da filogênese, ou seja, a pessoa relewa recordações da pré-história da humanidade. Dessa forma, os fatores que tiveram um impacto significativo na experiência humana se transformaram em arquétipos. “Nossa mente inconsciente, bem como nosso corpo, é um depósito de relíquias e memórias. [...], Pois, embora uma criança não nasça consciente, sua mente não é *tabula rasa*; ela vem ao mundo com uma interioridade definida” (JUNG, 2012, p. 56, OC. XVIII/1, § 84). As histórias de nossa ancestralidade estão presentes tanto na vida individual quanto coletiva.

A camada cultural da psique registra traços específicos de comunidades humanas como aspecto étnico-racial, cultural, religioso e assim por diante. Joseph Henderson (1990, p. 103) chamou essa camada de inconsciente cultural (uma dimensão psicológica que se encontra entre a memória histórica e o inconsciente coletivo)<sup>4</sup>.

Segundo o filósofo negro Renato Nogueira (2019, p. 63), na cultura do tronco linguístico Akan, é possível encontrar símbolos Adinkra entre as imagens do Sankofa, que é a sabedoria e o conhecimento que precisamos

---

<sup>4</sup> Nos estudos pós-junguianos, o analista junguiano negro Samuel Kimbles (2000) descreveu complexos grupais chamados de complexos culturais como um dos conteúdos do inconsciente cultural. Esse tipo de complexos são originados das tensões inter/intragrupal e de vivências coletivas carregadas de emoções provenientes de longos conflitos grupais mobilizados pelo gênero, política, religião, raça etc. Kimbles desenvolveu essa ideia de complexo cultural com base na dinâmica de atuação do complexo de tonalidade afetiva pessoal de Jung e o conceito de inconsciente cultural.

adquirir do passado para seguir adiante no presente e no futuro. Essa ideia é representada pela imagem de um pássaro olhando para sua cauda.<sup>5</sup>

Essa filosofia ancestral também é uma técnica de cuidado e autocuidado para a população negra: a promoção da saúde mental. Reconfirmar nossa história, a partir das vozes de nossas ancestrais, e assegurar nossa existência através da narrativa oral e escrita das histórias vividas pelas pessoas negras. A reconexão psíquica entre o ego e Si-mesmo pode restaurar as marcas da violência para uma maior consciência do corpo, do outro e da comunidade. Em outras palavras, a construção de uma borda e uma musculatura emocional.

Dessa forma, começo a registrar e buscar essa memória ancestral a partir de algumas lembranças da minha vida pessoal e familiar. Fui uma criança negra mais retraída, que, ao longo da vida escolar, surgiam algumas breves fantasias, como o ideal de tornar-me branco poderia ser uma solução para ser mais aceito pelos colegas de classe. Eu me lembro de algumas ocasiões em que alguns garotos diziam que meu cabelo era de bombril ou ninho de pombo. O racismo institucionalizado na escola leva a uma distanciação com nossa realidade particular de negritude.

Na minha casa, durante o período do ensino fundamental, o único indivíduo que tinha consciência racial e política era meu tio, Adalberto. Ele discutia a luta negra e a discriminação que sofria ao caminhar em shoppings, tendo até mesmo evitado visitar locais com grande concentração de pessoas de cor branca.

Naquela época, minha mãe considerava que meu tio exagerava nas queixas, sendo considerado persecutório por considerar o racismo em tudo. No entanto, eu sabia que havia algo estranho nessa defensiva da minha mãe, Cassia, pois, quando íamos sair para comprar algo nas lojas, lembro como ela ficava reativa e discutia com seguranças por segui-la nos corredores. Ela discutia e reagia às situações racistas que enfrentava na rua. Em casa, a ideia de racismo era abafada como exagero do meu tio. Algumas das suas frases

---

<sup>5</sup> Se wo were fi na wosankofaa yenkyi. Provérbio Akan, cuja tradução é - Nunca é tarde para voltar atrás e apanhar o que ficou para trás (NOGUERA, 2019, p. 63).

reforçam essa ambiguidade e o cuidado com a violência racial da polícia: “filho, o seu cabelo está muito grande, precisa cortar”; “você deve sempre estar com o seu documento no bolso”; “não pode sair de casa sem avisar para onde vai e nem demorar para voltar”; “não pode sair correndo pela rua”, entre outros alertas. Essas mensagens advertiam-me de que havia perigos nas ruas e eu deveria estar bem arrumada para me manter afastada de qualquer tipo de alvo da polícia. Essa contradição é uma armadilha do racismo contra a nossa população. Não nomear os demônios sociais nos leva a esse estado de alienação; sabemos que algo não está certo e nos atinge, mas não sabemos como expressar e contextualizar essa violência racial no nosso dia a dia.

Fui criado por minha família, minha mãe, avó, avô materno, tio e tia, e morávamos juntos na mesma casa. Esses fantasmas do racismo e o mistério do assassinato do meu pai (jovem preto morto com 27 anos) permaneciam “como sujeiras embaixo do tapete da família”. Só meu tio e minha avó, algumas vezes, eram porta-vozes desses traumas psicossociais.

Durante minha adolescência, a agenda política do meu tio se tornou mais evidente. Sua fala e referências a figuras históricas, como Malcolm X e Martin Luther King Jr., incentivaram uma militância interna. Esse tio não havia feito ensino superior, tinha ensino médio e trabalhava como marceneiro com meu avô. Ele tinha a ambição de criar um partido político composto exclusivamente por pessoas negras, tendo, inclusive, tentado, em determinado momento, reunir algumas pessoas através das redes sociais para elaborar essa proposta. Lembro que ele disse uma vez: “tentamos criar o partido, mas a galera já estava brigando demais antes de começarmos, todos já estavam discutindo entre si, largaram a mão, muita desunião”. Dessa forma, essa ideia ganhou força, de certa forma essa energia política dele me incentivou, além de ser uma das minhas primeiras referências no ativismo.

Outro incidente ocorrido durante a adolescência foi quando fui abordado em uma livraria, onde costumava adquirir livros com frequência. Certa vez, uma das funcionárias da loja me acusou de furtar um dos livros da loja. Esse dia marcou a luta coletiva, pois as atitudes da minha mãe e as

denúncias do meu tio me despertaram a consciência de ser negro, ainda tímido, mas se tornando um contorno!

### **3 A VIDA ENQUANTO INFORMAÇÃO: EM NEGRITUDE EM MOVIMENTO**

Esses marcos pessoais que citei acima nos remetem aos aspectos que Nurse (2021, p. 145 - 147) aponta do funcionamento eficiente dos organismos vivos, a partir da coleta de dados internos e externos, a fim de buscar adaptações e criar mudanças que não prejudicam suas escolhas futuras. Esses dados coletados são transformados em conhecimento para as ações dos organismos, pretendendo um melhor desempenho e visar um propósito.

Os sistemas complexos de organismos vivos têm um propósito desde o início do ciclo celular básico para manter e gerenciar as informações armazenadas pelos descendentes desse ser vivo. De acordo com Nurse (2021, p. 152), o DNA e sua estrutura molecular exemplificam a hereditariedade. Cada gene é uma sequência linear de informações, escrita na linguagem do próprio DNA, resultando em estratégias eficazes para armazenar e transportar informações.

Os arquétipos apontam para a potencialidade imagética da filogenia, assim como o cérebro humano, atualmente, também tem funções já contidas nos nossos ancestrais. Em outras palavras, os arquétipos revelam a capacidade humana de reproduzir imagens coletivas e arcaicas.

Conforme a analista junguiana estadunidense e negra Fanny Brewster (2019, p. 29) em seus estudos sobre as relações raciais, a partir da Psicologia Complexa e do período escravocrata dos Estados Unidos, a experiência traumática e o contínuo luto pela violência racial representam o potencial arquetípico de séculos que se torna ativo em um nível intergeracional de dor. Brewster (2019, p. 26) diz que a psicologia profunda pode considerar a possibilidade de uma linhagem ancestral da psique por meio de uma espécie de "DNA arquetípico":

Embora Jung não tenha sido claro sobre a localização e a biologia dos arquétipos, sua visão influenciou muitos seguidores da psicologia

junguiana, que os consideram entidades psico-espirituais. Os arquétipos são vistos como uma forma de energia que cria padrões e modos de consciência na mente dos indivíduos. Esses arquétipos podem se manifestar de forma diferente em cada pessoa, de acordo com sua experiência e cultura. Além disso, os arquétipos também se manifestam em grupos coletivos e sociedades. Embora sua localização exata na consciência humana seja desconhecida, Jung os descreve como parte do nosso DNA. Portanto, embora não possamos ter um conhecimento direto sobre sua localização ou como eles nos afetam, os arquétipos têm uma influência significativa em nossa psique (BREWSTER, 2019, p. 5, tradução nossa)<sup>6</sup>.

De acordo com Brewster (2019), arquétipos são parecidos como um DNA de nível psíquico que é transmitido por meio da história de toda humanidade para cada ser humano.

No campo do inconsciente cultural, a partir das narrativas fantasmas, as experiências de grupo com processos culturais são representadas por figuras e imagens que estruturam aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos das experiências culturais, históricas e sociais, moldando afetivamente as respostas do grupo e do indivíduo a essas questões de dinâmica sócio-histórica.<sup>7</sup> Dessa forma, esse conjunto complexo de experiências individuais, coletivas, psíquicas e culturais interage com o presente através da dinâmica intergeracional dos complexos. (Kimbles, 2021)

O sentimento de estranheza nos espaços acadêmicos esteve presente nas minhas memórias durante a graduação no curso de psicologia em Assis-SP, devido à falta de representação de estudantes e professoras (es) negras

---

<sup>6</sup> Our view of archetypal psychology has been shifting and changing minimally since Jung first introduced his concept of the archetypes. He could be unclear in his own definitions as related to the location and biology of the archetypes. In following his lead, many Jungians have a view of archetypes as psycho-spiritual entities. There is an acknowledgement in this perspective that archetypes are both a type of energy as well as a pattern—a mode. It is a force that creates a certain type of consciousness by taking shape within the mind/being of humans. This shape-taking ability will conform to the individual (including culture), having an experience of the archetype. Each society will display the archetypal energy and forces in individuals as well as collective groups. The location of these archetypes remains in human consciousness in a way that holds us yet where we are unable to have direct knowledge of their location or an explanation of how they come to and through us. Jung defines them as being a part of our DNA (BREWSTER, 2019, p. 5).

<sup>7</sup> **Narrativas fantasmas:** expressam imagens que permite estruturar aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos das vivências grupais, desse modo, as narrativas fantasmas são a história intergeracional organizada pelos complexos culturais. De acordo com Kimbles (2021, p. 63) A narrativa fantasma mostra o que é não digerido, mas ainda importante no passado de uma cultura e como ela continua a ser significativa e emocionalmente viva, tanto para o indivíduo quanto para o grupo que compartilha esse passado.

(os) Esse sentimento de isolamento e não correspondência nas trocas e olhares com angústias singulares próprias das comunidades negras.

Durante minha graduação, tive a chance de conhecer ativistas negros na cidade de Assis-SP, que trabalham no Instituto do Negro (Zimbauê). Esse contato me permitiu uma atuação mais engajada e compreender a importância da luta coletiva. As ideias embrionárias que criei ao longo do convívio familiar começaram a ganhar forma. Em outras palavras, os conteúdos internos a respeito da violência racial foram se tornando um tipo de "gancho" na elaboração simbólica que o espaço, emocionalmente seguro, do Zimbauê.

A intelectual negra Nilma Gomes (2017) demonstra que o Movimento Negro é um dos principais atores políticos, pois nos ensina a ter um compromisso ético e político no combate ao racismo. O Movimento Negro politizou a raça e desvela as relações de poderes historicamente hierarquizadas, desarticular a visão distorcida, estereotípica e naturalizada da população negra.

O Movimento Negro visa a emancipação do corpo negro nas diásporas, bem como o respeito às diversidades de gênero, orientação sexual, idade e outros aspectos.<sup>8</sup> Os movimentos negros são educadores e promovem a emancipação das pessoas negras através da consciência dos contextos culturais, políticos, sociais e históricos. Um processo de análise crítica e dialética da realidade em relação às estruturas de poder que geram subjetividades e organizam relações interpessoais.

---

<sup>8</sup> **Movimento Negro:** Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, à ancestralidade africana e ao continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que nas ações desse coletivo *se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo*. Postura essa que não os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista. (GOMES, 2017, p. 23, grifo da autora)

Estar em espaços coletivos com pessoas negras, que as suas histórias são validadas e reconhecidas, pode desinflamar um complexo cultural racial que constela na psique. As práticas de Bem-Viver, Cuidados e Autocuidado em movimentos negros têm potencial para amenizar as feridas psicossociais causadas pela violência racial. Resistir e enfrentar fazem parte do "DNA arquetípico" das comunidades negras nas diásporas. Segundo Nurse (2021, p. 154), a informação necessária para a vida é transmitida ao longo de gerações.

O aquilombamento é a manutenção da saúde mental da população negra e o enfrentamento ao racismo. Sendo que a revolta, revoluções, passeatas, manifestações e guerra são pontos comuns para realizar contra-ataques da contínua opressão. Por fim, criam imagens que podem compor narrativas fantasmas nos processos grupais e libertar uma identidade política negra mais autêntica.

Logo, a história da organização política negra demonstra essa insígnia da luta: *"Se Palmares não vive mais Faremos Palmares de novo"*<sup>9</sup>, essa construção de tornar-se negra (o).

No campo da história cabe destacar a iniciativa da Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 e encerrou as atividades em 1937. A FNB foi um movimento político de âmbito nacional, com repercussão internacional. Essa organização criou vários símbolos de negritude para o grupo: bandeira, hino, documento de identidade e até grupos paramilitares. A Frente Negra Carioca desenvolveu diversas ações para suprir a demanda educacional da população negra, uma vez que havia um sério problema de analfabetismo entre as pessoas negras. Como solução, foi criada uma escola pela iniciativa da FNB na rua Itauba, 37, Madureira, Rio de Janeiro-RJ. (Domingues, 2008)

Em 1944, no Rio de Janeiro, Abdias Nascimento fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado pelo intelectual e ativista Abdias Nascimento. O TEN teve como objetivo reforçar a negritude e denunciar o

---

<sup>9</sup> Fragmentos da poesia Insônia – do ativista, poeta e escritor José Carlos Limeira. Esse trecho é utilizado cantado em manifestações dos movimentos negros.

racismo, por práticas culturais, educacionais e artísticas, a partir do teatro, para espelhar aspectos sociais e raciais. (Nascimento, 2004)

Abdias Nascimento foi a liderança negra que ocupou um assento de senador no Congresso Nacional, o que acentuou o espaço institucional para a discussão política das pautas raciais do Movimento Negro. Em sua produção intelectual, ele mencionou o genocídio do povo negro, por meio de políticas de embranquecimento da população e a introdução do ideal branco como um sinônimo de beleza. No trecho a seguir, Abdias aborda os processos intergeracionais do trauma coletivo e as criatividade e a estratégia política para resistências:

Escavidão não significa para nós um vocábulo petrificado nas páginas da História. Não é longínqua nem abstrata. Antes é uma palavra que nos devolve parte viva e dinâmica de nossa própria carne e espírito: os nossos antepassados. *A violência que eles sofreram é violência que tem se perpetuado em nós, seus descendentes.* A opressão de ontem forma uma cadeia no espaço, uma sequência ininterrupta no tempo, e das feridas em nosso corpo, das cicatrizes em nosso espírito, nos vêm as vozes da esperança. Embalados na esperança, os negros brasileiros não perderam sua alegria e este gosto de cantar e de dançar a vida, e assim se preparam para os momentos da luta mais difícil que virá (NASCIMENTO, 1980, p. 80, grifo nosso).

Nascimento (1980) destaca a tessitura psicológica do trauma coletivo causado pelo racismo, bem como a capacidade criativa da comunidade negra de elaborar simbolicamente marcas da violência e produzir vida.

Isto posto, Nurse (2021) utiliza na sua narrativa em *O que é a vida?* De modo a demonstrar os processos do ciclo celular e os tópicos da composição da vida com eixos comuns, como o processo de informação que mobiliza a vida.

O que levou aquela borboleta amarela a voar pelo jardim da minha infância há tantos anos? Estaria faminta, procurando algum lugar em que deixaria seus ovos ou fugindo de algum pássaro? Ou estaria apenas respondendo a algum impulso interno de explorar o mundo? Claro que não sei o motivo de a borboleta se comportar daquela forma, mas posso dizer que ela interagiu com seu mundo e depois agiu. E, para isso, precisava lidar com informações. As informações se encontram no centro da existência da borboleta e, de fato, no centro de toda a vida. Para os organismos vivos funcionarem com eficiência, como sistemas complexos e organizados, eles precisam coletar e usar informações sobre o mundo



exterior onde habitam e sobre estados internos constantemente. Quando esses mundos – externo ou interno – se modificam, os organismos precisam de formas para detectar tais mudanças e reagir. Se não dispuserem delas, suas opções futuras podem se tornar bastante limitadas. (NURSE, 2021, p. 145 - 146).

A participação em conjunto nas organizações políticas dos movimentos negros pode contribuir para a melhoria da saúde mental, por meio da distribuição de significados do contexto social e racista. Em outras palavras, os espaços grupais nos garantem que o racismo não é coisa nossa; partilhar experiências negras nos aquilomba. Tal como a borboleta de Nurse, o processo de consciência racial e política nos inspira a enfrentar e articular em redes. De acordo com Gomes (2017, p. 94), o corpo negro não pode ser separado do indivíduo, pois a emancipação do corpo negro está ligada aos processos, vivências e conhecimentos ancestrais. A identidade individual, subjetiva, os desejos e as vontades e o corpo negro fazem parte da nossa existência, assim como a construção coletiva para a emancipação social.

Beatriz Nascimento, outra figura importante na formação do Movimento Negro nos anos 70, defende que as investigações sobre o negro devem começar da própria pessoa negra. “Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando.” (Nascimento, 2007, p. 97). Nascimento (2007) assegura que por meio da história é possível compreender as dimensões psicológicas das relações raciais no Brasil. De acordo com Nascimento (2018), o corpo negro é um documento vivo, tendo em sua história camadas sensíveis que somente outras pessoas negras podem acessar, caso estejam consoantes os cuidados em relação à racial, gênero e idade, etc.

A memória são conteúdos de um continente, de sua vida, de sua história e do seu passado. Como se o corpo fosse documento. Não é a toa que a dança para o negro é um momento de libertação, o homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativo, não esquecer no gesto, que ele não é mais cativo. A linguagem do transe é a linguagem da memória. Tudo isso não resgata a dor de um corpo histórico. Aquela matéria se distende, mas, ao mesmo tempo, ela traz com mais intensidade a história, a memória, o desejo de não ter vivido a

experiência do cativo. A escravidão é uma coisa que está presente no corpo, no nosso sangue, nas nossas veias. (NASCIMENTO, 2018, p. 334).

Dessa forma, a minha consciência racial e política como ativista se consolidou durante o curso de mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), uma vez que, nessa universidade, tive a oportunidade de conviver com mais estudantes e professoras (os) negras (os). Meu orientador de mestrado, Nilton Sousa da Silva, homem negro e ativista de movimentos negros, me proporcionou reinterpretar a experiência na academia. Ao ser reconhecido e autorizado como um pesquisador, cujo tema de pesquisa era trauma e racismo, tive a oportunidade de ampliar minha consciência e construir mais ousadia. Enquanto estava retraído, o professor Nilton me incentivava a assumir o protagonismo, o que foi discutido por Beatriz Nascimento (2007), de que a nossa história e memória precisam ser registradas pelo corpo negro em movimento.

Ao longo do meu curso de mestrado, revisei a trajetória da minha família, compreendendo as variações sobre o racismo e as revoltas. Os encontros com estudantes negras (os), professoras (es) e ativistas do Movimento Negro desde a década de 70, permitiu a retomada de uma informação oculta da minha memória ancestral. A respeito disso, Beatriz afirma o seguinte:

[...] 1974 marca o nascimento do Movimento Negro e, do meu ponto de vista, a busca do Eu sou. Na verdade, eu sabia quem era. Eu sabia que o Eu sou estava inteiro. Mas desagregado numa vivência de mundo extremamente repressiva. Daí a possibilidade de sair disso foi a reflexão, voltar pra dentro. Tirar de dentro a potência para que houvesse possibilidade de abertura, de liberdade. E esta abertura é a abertura da nacionalidade brasileira. (Nascimento, 2018, p. 342).

A participação política com lideranças negras despertou em mim o sentimento de pertencimento. Participava do grupo de pesquisa e estudo – Conjuntura Nacional e Luta Contra o Racismo, do professor Amauri Mendes Pereira, militante desde a fundação do Movimento Negro Unificado<sup>10</sup>. Mestre

---

<sup>10</sup> **Movimento Negro Unificado:** Conforme Lélia GONZALEZ (2020, p. 119), “O MNU se define como um movimento político de reivindicação sem distinção de raça, sexo, educação crença política ou religiosa e sem fins lucrativos. Seu objetivo é a mobilização e organização da

Amauri, um tipo de Griot (contador de histórias e guardião das palavras de uma comunidade), narrava vivamente as histórias de lideranças negras do Movimento Negro Unificado, como Abdias Nascimento, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Joel Rufino, Joselina da Silva, Sueli Carneiro, Maria Aparecida Silva e tantas outras lideranças. Era como ouvir os contos de orixás, de pessoas que tiveram uma vida dedicada à luta coletiva e ancestralidades negras. Algumas de suas palavras ainda estão presentes no meu corpo, como “o Movimento Negro é o motor e a ponta-de-lança na luta contra o racismo”.

Havia encontrado, nesses espaços de militância das pessoas mais velhas, uma espécie de espiritualidade, de terreiro, no qual a voz das pretas (os) velhas se materializou e se tornou força simbólica para minha comunicação ganhar consistência. Reaprendi a ler, escrever e me envolver com os movimentos negros do Rio de Janeiro, especialmente ouvindo mulheres e homens que marcaram a história do Movimento Negro Unificado. Por fim, descobri na educação política no Movimento Negro do Rio de Janeiro o caminho para minha trajetória como indivíduo, pesquisador e homem negro.

Me sentir mais ousada ao falar nos espaços públicos com segurança e firmeza, nesse sentido Exu fez, e ainda faz, mais parte das minhas gingas nas encruzilhadas políticas no ativismo.

Não é necessário romantizar nenhum espaço social e movimento social, marcado pelas contradições, mas sustentar os conflitos internos nos grupos, é essa sutileza que torna os movimentos negros a ponta de lança para a transformação social.

Quando terminei o mestrado, voltei para a cidade de São Paulo-SP com toda bagagem material e espiritual durante minha formação política no Rio de Janeiro. Retomar para sampa foi novos desafios em busca de empregos

---

população negra brasileira em sua luta pela emancipação política, social, econômica e cultural, que tem sido obstada pelo preconceito racial e suas práticas. Ao mesmo tempo, o MNU também se propõe denunciar as diferentes formas de opressão e exploração do povo brasileiro como um todo. Tendo como ponto de partida seu programa de ação, tenta articular os problemas específicos dos negros com os problemas gerais do povo brasileiro.

e outras adversidades. No entanto, reencontrei-me no campo da militância ao participar de uma das reuniões do Movimento Negro da Psicologia, no Núcleo de São Paulo, a Articulação Nacional de Psicólogas (os) Negras (os) e Pesquisadoras (es) - ANPSINEP. A organização em que trabalho em diferentes regiões do país, juntamente com outros ativistas, visa exercer uma incidência prática e política, a partir de uma agenda política das relações raciais e da saúde mental da população na Psicologia. Uma organização de mulheres negras, tendo a referência de intelectuais como Maria Lúcia da Silva, Maria Jesus Moura, Maria Conceição Costa e tantas outras psicólogas negras que marcaram o rumo da Psicologia no enfrentamento ao racismo e práticas antirracistas.

Em São Paulo-SP, tive a oportunidade de conhecer Maria Lúcia, uma das fundadoras da ANPSINEP<sup>11</sup>, a qual é uma das principais referências em ativismo e militância, a qual nos mostrou, a partir da filosofia de Sankofa, caminhos possíveis para articulações políticas e práticas de cuidado e autocuidado em espaços coletivos. Lucinha é uma realeza que se destaca pela elegância, assertividade e sensibilidade ao nos apontar soluções a partir de nossas mais velhas, mulheres negras que asseguram as rotas e as produções de vida em âmbito coletivo e individual enquanto ativistas negras.

Meu engajamento na ANPSINEP fortalece meu espírito para um propósito coletivo de influenciar os espaços institucionais da psicologia com questões raciais. Essa saga e essas encruzilhadas narram a minha trajetória desde as provocações do meu tio até a formação política em Rio de Janeiro. De acordo com Nascimento (2018), a memória viva de nossos antepassados é expressa em ações e reflexões coletivas com serenidade.

---

<sup>11</sup> **ANPSINEP:** Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras (es) é uma organização política, fundada em 2010, como Movimento Negro, tendo como missão articular e realizar intervenções políticas no campo da psicologia acerca dos impactos do racismo na construção das subjetividades, na saúde mental e nas relações raciais, a partir da organização política de psicólogas (os) negras(os). À vista disso entende-se a prática psicológica como um fazer comprometido com as questões sociais, e alinhado ao objetivo de superação da dívida histórica que marca permanentemente não apenas a psique, mas também os lugares, posições, cargos e corpos das pessoas negras em nosso país.

## 4 CONCLUSÃO

Neste capítulo, compartilhei algumas lembranças pessoais em diálogo com a Psicologia Complexa e Nurse, tendo como base os processos de informação que ocorrem no inconsciente cultural e nas camadas objetivas dos organismos vivos.

De acordo com Nurse (202), o comportamento com propósito é uma das características que definem a existência, mas somente é viável se os sistemas vivos estiverem em funcionamento em conjunto. A rede de apoio entre ativistas negras (os) nos movimentos negros nos remete a imagens do inconsciente que surgem da psique coletiva das comunidades negras e da consciência racial e política das pessoas negras.

O testemunho da nossa história de vida, por meio do registro da memória pessoal/ancestral, que permite, gradativamente, ressignificar esse trauma coletivo, via a elaboração simbólica.

Sendo assim, procurar estratégias de aquilombamento em grupo é uma forma de autorregulação psicológica da vida inconsciente/consciente, que se complementa por meio de imagens oníricas, fantasias e outras forças psicológicas. Nurse (2021, p. 177) descreve essa autorregulação em todos os seres vivos na Terra.

As manifestações políticas, culturais, artísticas e artísticas celebram a mitopoese negra. A afirmação é a capacidade de olhar com carinho e autenticidade, e, para isso, precisamos estar inseridos nessa coletividade ancestral: passado-presente-futuro.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 16 de julho de 1934. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm)>.

Acesso em: 5 set. 2018.

BREWSTER, Fanny. **Archetypal grief**: slavery's legacy of intergenerational child loss. New York: Routledge, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. "Tudo pelo Brasil; Tudo pela Raça": A Frente Negra Carioca. **STUDOS HISTÓRICOS**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 65, p. 327-348, 2018.

EVARISTO, Conceição. **A escrivência e seus subtextos**. In: Duarte, C. L. & Nunes, I. R. (Org.). *Escrevivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HENDERSON, Joseph. **Shadow and self**: Selected papers in analytical psychology. Wilmette: Chiron Publications, 1990. p. 103-113.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da Violência 2020**. 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978. OC. XI.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1981. OC. VII.

\_\_\_\_\_. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2012. OC. III.

\_\_\_\_\_. **A vida simbólica:** escritos diversos. Petrópolis: Vozes, 2012. OC. XVIII/1.

KIMBLES, Samuel. The Cultural Complex and the Myth of Invisibility. In: SINGER, Thomas. (Org). **The Vision Thing Myth, politics and psyche in the world**. New York: Routledge, 2000, p. 157-169.

\_\_\_\_\_. **Cultural Complexes and the Transmission of Group Traumas in Everyday Life**. Los Angeles : Psychological Perspectives, v. 49: 96-110, 2006.

LIMA, Thaís Fernanda Gonçalves de. **Viele das flores na Vila Missionária:** as escrituras de um território violentado pelo estado e a configuração da subjetividade. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MOTA, Bruno Correia da. **Na teia do racismo:** trauma coletivo e complexo cultural... marcas do Brasil negro! 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo:** documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teatro Experimental do Negro:** trajetória e reflexões. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, n. 50, jan./abr. 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. In: RATTIS, A. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007. p. 93-98.

\_\_\_\_\_. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:** Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUERA, Renato. **Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir**. Re-vista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019, p.53-70. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.2825>.

NURSE, Paul. **O que é a vida?: compreendendo a biologia em cinco passos**. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2021;

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung and the Making of Modern Psychology**: the dream of a science. New York: Cambridge University Press, 2003.





## 8 Alimento como elemento Mágico no Candomblé: Uma interação de energias psíquicas e fisiológicas.

*Kelly Xavier Madaleny<sup>1</sup>*

*Nilton Sousa da Silva<sup>2</sup>*

### 1 INTRODUÇÃO

A vivência nas casas de candomblé, aliada aos estudos conduzidos no Laboratório de Psicologia e Informações Afrodescendentes da UFRJ, desempenha um papel crucial na elaboração deste capítulo. O embasamento teórico aqui presente é construído a partir das contribuições de C.G. Jung no campo da psicologia, em consonância com as pesquisas de Paul Nurse na área da biologia. Nesse contexto interdisciplinar, destaca-se a exploração do uso terapêutico alternativo da energia dos alimentos como meio de tratar enfermidades físicas e psicológicas. Essa abordagem, enraizada nas práticas das casas de candomblé, oferece uma perspectiva valiosa para a compreensão e o tratamento integral da saúde, integrando aspectos biológicos, psicológicos e espirituais.

O caráter simbólico dos elementos utilizados nos rituais de cura exerce uma influência significativa nesse processo terapêutico. A combinação desses elementos, realizada com propósito específico durante a prática conhecida como ebó, objetiva promover o bem-estar e o equilíbrio do indivíduo. Esses

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia (UFRJ); Mestra em Educação (UFRJ); Especialista em Educação para as Relações Étnicorraciais (UFF); Pedagoga (UFRJ); é Professora do Ensino Fundamental I (SME/RJ); Yalorixá Omo Yemoja. ([CRediT](#): Pesquisador; concepção, metodologia, investigação, escrita - rascunho original) e-mail: [kellymadaleny@ufrj.br](mailto:kellymadaleny@ufrj.br)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Serviço Social (PUC-RJ); Doutor em Psicologia (UFRJ); Mestre em Filosofia (UERJ); Licenciatura, Bacharelado e Formação em Psicologia (UGF); é Professor permanente do PPGPSI da UFRJ com orientações e supervisões, em diálogo com a obra de Carl Gustav Jung, cultura brasileira, e temas pertinentes. ([CRediT](#): Orientador; supervisão e escrita - análise e edição) e-mail: [niltonsousa@gmail.com](mailto:niltonsousa@gmail.com)



rituais são concebidos para transcender as dimensões físicas e psicológicas do paciente, alinhando-se à compreensão holística da saúde. Ao incorporar símbolos e práticas ritualísticas, o ebó busca atingir não apenas a cura de enfermidades físicas, mas também a restauração do equilíbrio espiritual e emocional do indivíduo. Essa abordagem terapêutica baseada em simbolismo e ritualismo reflete uma compreensão profunda da interconexão entre corpo, mente e espírito na busca pelo restabelecimento da saúde.

Os estudos de C.G. Jung sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo são pertinentes para compreendermos a dimensão simbólica dos rituais do candomblé. Jung observou que os símbolos presentes nos mitos e rituais possuem um significado profundo que ressoa no inconsciente coletivo da humanidade, transcendendo culturas e épocas.

Ao combinarmos esses conhecimentos com os avanços da biologia, como as pesquisas de Paul Nurse (2021) sobre os processos energéticos celulares e os efeitos dos nutrientes no organismo, podemos ampliar nossa compreensão sobre o potencial terapêutico dos alimentos e das práticas rituais realizadas em espaços sagrados.

Nesse sentido, o ebó, enquanto prática terapêutica, não se limita apenas à sua dimensão religiosa, mas também engloba aspectos psicológicos e biológicos. A energia dos alimentos utilizados em rituais específicos é direcionada para restaurar o equilíbrio físico e mental do indivíduo, atuando de forma holística na promoção da saúde e do bem-estar.

Dessa forma, a integração entre os estudos do candomblé, a psicologia analítica de Jung e a biologia contemporânea nos permite vislumbrar novas perspectivas sobre a natureza da terapia alternativa, evidenciando a riqueza e a complexidade das práticas tradicionais e sua relevância para a saúde integral do ser humano.

Os ebós constituem oferendas empregadas nas práticas das casas de matrizes africanas, com o propósito de restaurar o equilíbrio na vida do indivíduo, protegendo-o de males que possa estar enfrentando. A preparação desses ebós envolve a cuidadosa seleção de elementos naturais que são considerados portadores da energia vital da natureza. Esses elementos se

dividem geralmente em três categorias: minerais, vegetais e animais, sendo que, através de rituais específicos e da fé dos adeptos das religiões de matriz africana, atribuem-se a esses elementos poderes mágicos direcionados a finalidades específicas.

A escolha de cada componente utilizado nos rituais está intrinsecamente ligada ao seu simbolismo, conforme concebido nos conhecimentos transmitidos pela diáspora africana no Novo Mundo. Além disso, a seleção desses elementos também pode ser influenciada pelas orientações obtidas por meio do oráculo, como o *merindilogun*, visando principalmente à libertação do indivíduo de suas aflições físicas e mentais.

Logo, os ebós representam não apenas práticas rituais, mas também uma forma de manifestação simbólica e de conexão com as tradições ancestrais. Por meio da combinação desses elementos e da realização dos rituais adequados, busca-se restaurar o equilíbrio energético do indivíduo e proporcionar-lhe bem-estar físico e psicológico.

A simbologia dos elementos utilizados em práticas terapêuticas está intrinsecamente relacionada à cultura e às crenças de determinados grupos étnicos e religiosos, refletindo suas experiências individuais e coletivas dentro de sua comunidade cultural e espiritual. Esses símbolos carregam significados profundos e são empregados com o intuito de promover equilíbrio e bem-estar físico e psicológico.

Contudo, é importante ressaltar que essas terapias alternativas devem ser complementares a outras formas de tratamento e não substituí-las. Portanto, é fundamental que o indivíduo que recorre a essas práticas esteja disposto a promover mudanças em seu comportamento e estilo de vida que possam contribuir para sua saúde e bem-estar. Ademais, é essencial que haja acompanhamento médico especializado para garantir a segurança e a eficácia do tratamento, bem como para monitorar qualquer evolução ou eventualidade durante o processo terapêutico. Assim, a combinação de terapias alternativas com orientações médicas adequadas pode proporcionar um cuidado abrangente e integrado à saúde do indivíduo.

A preparação dos ebós nas tradições afro-brasileiras não deve ser realizada de maneira arbitrária; antes, é essencial compreender profundamente o propósito de cada componente utilizado dentro da cosmologia e práticas culturais afro-brasileiras. Nessa configuração, destaca-se a relevância dos rituais que empregam alimentos com o intuito de proporcionar conforto espiritual, emocional e físico ao indivíduo.

Os alimentos empregados nos rituais do candomblé desempenham múltiplas funções dentro da prática religiosa. Em primeiro lugar, são utilizados para realizar limpezas espirituais, com o objetivo de libertar o ser humano de diversos tipos de problemas e influências negativas. Além do mais, esses alimentos têm o propósito de fortalecer a conexão entre o indivíduo e sua ancestralidade, promovendo uma comunicação mais profunda com os antepassados. Outra finalidade importante é expressar gratidão aos deuses e deusas por bênçãos e graças alcançadas, entre outros objetivos ritualísticos.

Portanto, a seleção e utilização dos alimentos nos rituais do candomblé não são meramente arbitrárias, mas estão profundamente enraizadas na cosmovisão e nos valores culturais dessa tradição religiosa. Por meio desses rituais, busca-se promover não apenas a harmonia individual, mas também a conexão com o divino e com a comunidade espiritual, contribuindo para o bem-estar e a saúde integral do indivíduo.

O alimento desempenha um papel fundamental como fonte indispensável de vida para todos os organismos vivos. Sejam eles animais ou vegetais, todos dependem do suprimento alimentar para seu crescimento e desenvolvimento. Sob uma perspectiva nutricional, o alimento assume uma relevância primordial na manutenção da saúde do corpo físico, bem como no estímulo ao desenvolvimento cerebral, desempenhando assim um papel essencial para o progresso psicológico.

Especificamente, no caso de crianças em idade escolar, a adequada nutrição é crucial para promover não apenas o pleno desenvolvimento físico, mas também o cognitivo. Estudos no âmbito das ciências biológicas têm destacado a importância de uma alimentação equilibrada para otimizar tanto a saúde corporal quanto a funcionalidade cerebral. Através de uma

alimentação adequada, busca-se não apenas fornecer os nutrientes necessários para o funcionamento adequado do organismo, mas também potencializar o desenvolvimento e a manutenção da saúde mental.

Dessa maneira, a intersecção entre a nutrição e o desenvolvimento cerebral emerge como um campo de pesquisa crucial, enfatizando a relevância de uma alimentação saudável na promoção do bem-estar integral do indivíduo. A compreensão dos mecanismos pelos quais a alimentação influencia tanto a saúde física quanto a mental destaca a importância de políticas e práticas que visem garantir o acesso a uma dieta nutritiva e balanceada como um componente essencial do cuidado com a saúde pública.

No entanto, a alimentação não se limita apenas ao consumo físico. Em muitas tradições culturais e religiosas, como nas práticas do Candomblé, o alimento assume um significado simbólico e espiritual, desempenhando uma função que vai além da nutrição corpórea. Um exemplo disso é o *ebó*, no qual o alimento é oferecido ao Orixá e não necessariamente consumido pelas pessoas envolvidas no ritual. Esse ato de oferenda revela que o papel do alimento pode transcender o aspecto material, conectando-se a dimensões espirituais e emocionais. Nesse contexto, a prática do *ebó* evidencia como o alimento, ainda que não ingerido, se mantém central na criação de laços entre o humano e o divino, reforçando a importância de um cuidado integral, que contempla o ser humano em todas as suas dimensões – física, mental e espiritual.

Além disso, a presença de alimentos em eventos comunitários e celebrações desempenha uma função agregadora, fortalecendo a conexão social entre diferentes estratos. A influência emocional dos alimentos, manifestada pela evocação de memórias através de aromas familiares, como o de um bolo ou guisado, destaca o papel central dos sentidos na experiência humana. Assim, mesmo quando o alimento não é consumido diretamente, como no caso do *ebó*, ele exerce um impacto emocional e espiritual, reforçando a ideia de que a alimentação abarca múltiplas dimensões da vida humana.

## 2 DISCUSSÕES

Esse trabalho empreende um diálogo entre religião e ciência, fundamentado na análise das contribuições de C.G. Jung e Paul Nurse sobre a natureza da vida. A presente investigação se propôs a explorar os mistérios subjacentes à existência no planeta Terra, destacando o ponto de convergência entre as disciplinas científicas e as convicções religiosas: a busca pelo significado da vida. O cerne dessa indagação reside na compreensão do que, de fato, constitui a vida.

Gostaria de informar ao leitor que este texto não oferece uma resposta única e definitiva à questão do que é a vida. A definição da vida constitui uma tarefa intrinsecamente complexa que tem sido objeto de indagação pela humanidade ao longo dos séculos. No entanto, não há uma resposta conclusiva unânime para esse questionamento. Em vez disso, existem diversas perspectivas e áreas de convergência no entendimento da vida terrena. Múltiplas definições são propostas em campos diversos, incluindo biologia, religião, psicologia, cultura e filosofia. É crucial compreender que a concepção da vida pode variar significativamente e é influenciada por vivências e experiências distintas em diferentes grupos sociais e culturais.

Salienta-se que, é essencial considerar as experiências individuais dentro dos grupos sociais, as quais moldam a maneira como as pessoas percebem e interagem com o mundo. Essas perspectivas variadas contribuem para uma compreensão mais abrangente da vida.

A partir de uma abordagem biológica, Paul Nurse (2021) destaca a importância da célula como a "unidade estrutural fundamental da vida", presente na composição de todos os organismos vivos (p. 27). Ele ressalta que "todas as formas de vida que compartilham o planeta conosco são nossos parentes" (NURSE, 2021, p. 93). Essa visão estabelece uma conexão vital entre as diversas espécies que coexistem no ecossistema, evidenciando a interdependência entre elas. Similarmente, na cultura do povo iorubá, há uma crença na interligação entre todos os seres vivos, o que ilustra a interseção

entre a vida biológica, cultural e psicológica humana. Nesse caso, outras formas de vida colaboram para a existência umas das outras.

Por conseguinte, Gleiser (2019) enfatiza a importância do ser humano, como espécie produtora de conhecimento, em reconsiderar suas relações "com as outras criaturas e com o planeta" (p. 133-134), visando tornar-se um guardião da vida, e não um agente destrutivo. Ele ressalta a necessidade premente de adotar práticas e políticas que promovam a sustentabilidade e a preservação ambiental, reconhecendo o impacto significativo que as ações humanas têm sobre o ecossistema global. Esta perspectiva reforça a importância de uma abordagem responsável em relação ao meio ambiente, buscando estabelecer uma harmonia equilibrada entre as atividades humanas e a preservação da biodiversidade e dos recursos naturais.

No contexto de um terreiro (casa de matriz africana), a compreensão da vida é permeada por uma perspectiva histórico-cultural-mítica, onde os *itans*, textos simbólicos que narram as experiências das divindades africanas, desempenham um papel crucial na elucidação de questões cotidianas. A partir da filosofia iorubá, a vida é interpretada de maneira simbólica por meio dos mitos que justificam os rituais. A eficácia simbólica dos rituais está relacionada ao conceito de símbolo e psique de C.G. Jung, no qual fenômenos psicológicos são correlacionados com o valor atribuído, pelos indivíduos, a determinados símbolos. Jung (2013) postula que os símbolos são manifestações de algo cuja natureza é desconhecida. Além disso, Jung (2021) ressalta a importância de reconhecer a religiosidade como uma parte intrínseca da jornada rumo à individuação humana. Junto com sua dimensão cultural, a religiosidade deve ser considerada como um aspecto fundamental da existência humana, com implicações significativas para a saúde psíquica, sugerindo sua inclusão nos contextos de prática clínica, como consultórios médicos.

O emprego simbólico dos alimentos nos rituais das casas de candomblé, tanto para fins de purificação quanto para a comunicação com as divindades, adquire relevância em virtude da crença de que o simbolismo associado a cada alimento exerce um impacto positivo sobre os aspectos

psicológicos da vida individual. A eficácia simbólica está vinculada aos fenômenos psicológicos que envolvem o reconhecimento e a atribuição de valores a determinados símbolos. Nas práticas religiosas, os alimentos são consagrados, conferindo-lhes poderes sobrenaturais com o propósito de equilibrar e nutrir o espírito, promovendo a harmonia entre corpo e mente.

Em todas as tradições cristãs, o pão e o vinho assumem uma importância simbólica máxima, representando o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Enquanto no catolicismo e na ortodoxia acredita-se na transubstanciação, onde os elementos se transformam literalmente no corpo e sangue de Cristo. Em outras vertentes do cristianismo essa representação é simbólica, nessa perspectiva, o pão e o vinho representam o corpo e o sangue de Cristo, mas não se transformam literalmente. Eles são usados para recordar o sacrifício de Cristo e renovar a fé dos fiéis, mas a transformação física não é considerada parte do rito. O caráter sagrado atribuído aos elementos utilizados nos rituais caracteriza-se como um fenômeno social presente em diversas culturas e épocas distintas. Nas casas de candomblé, o preparo e a ritualização do ebó atribuem aos alimentos efeitos mágicos e simbólicos. Segundo Filho (2020), "magia é combinar, preparar, fermentar, moer, triturar, amassar, diluir, ferver, coar e peneirar" (p. 11). Esses alimentos mágicos, em um contexto fenomenológico que respeita as culturas e crenças humanas, começam a influenciar as funções psicológicas dos indivíduos submetidos ao ritual. As energias psíquicas presentes desde a chegada do cliente ao terreiro continuam a agir até sua partida, juntamente com as recomendações necessárias para manter o axé. Esse processo é semelhante ao recebimento de orientações após uma consulta médica, garantindo a continuidade do tratamento. No ambiente do terreiro, as energias se manifestam nos sabores dos alimentos rituais, nos aromas das comidas de Orixá, nos banhos de folhas e na queima de defumadores, criando uma conexão sensorial com o Sagrado que alivia tanto as dores físicas quanto as da alma.

O alimento desempenha um papel vital nos rituais candomblecistas, alimentando não só o corpo biológico, mas também o psicológico e o ancestral. Os cuidados com o preparo dos alimentos variam de acordo com



sua finalidade. No terreiro, esses cuidados se estendem desde a preparação das comidas de branco e dos ebós até as oferendas aos Orixás e entidades. No contexto dos rituais do Candomblé, a expressão comida de branco refere-se aos alimentos preparados para o consumo dos participantes humanos durante as cerimônias e rituais no terreiro, em oposição às oferendas e alimentos destinados exclusivamente aos Orixás. Diferente das oferendas que são consagradas aos Orixás ou entidades, que podem ter regras e preparos específicos segundo as demandas de cada divindade, a comida de branco é voltada para alimentar o corpo físico dos praticantes, sem necessariamente envolver o mesmo grau de sacralização ou propósito ritualístico. Por isso, a comida de branco desempenha uma função mais cotidiana e comunitária no terreiro, enquanto os ebós e as oferendas têm uma finalidade espiritual mais direta, sendo oferecidos às divindades.

As cozinhas das casas de santo são lideradas por mulheres cuja divindade tutelar é uma *Ìyabà*, ou seja, são filhas de uma entidade feminina. Essas mulheres são responsáveis pela organização da cozinha, enquanto a *Ìyágbàsé*, de maneira especial, assume a responsabilidade pela preparação das comidas votivas. Essas mulheres supervisionam rigorosamente o processo, exigindo que os demais membros solicitem autorização para adentrar esse espaço. Desde a sacralização dos ingredientes até a escolha das pessoas responsáveis pelo preparo, todos os aspectos do processo são cuidadosamente considerados. Vejamos alguns exemplos onde o alimento é utilizado como fins terapêuticos em diferentes casas de candomblé:



Figura 1<sup>3</sup>: Mesa de *Borì*.

Na Figura 1, é apresentada uma disposição de mesa configurada para a realização de uma cerimônia de *borì*, um ritual caracterizado pela adoração e nutrição energética do *Ori*, uma divindade de natureza pessoal e individual, concebida na cosmologia iorubá. Essa cerimônia é tradicionalmente destinada a facultar ao indivíduo os recursos espirituais necessários para a condução de sua jornada existencial terrena.

É relevante ressaltar que qualquer ritual realizado na casa de candomblé depende da concordância do *Orì* da pessoa, equivalente ao Orixá pessoal, que pode ser relacionado ao conceito de *Anima/Animus* de acordo com Jung (2009). Jung define *Anima* e *Animus* como representações arquetípicas do inconsciente coletivo que influenciam as qualidades femininas e masculinas na *psique*, conectando o indivíduo a aspectos profundos e universais da experiência humana. Esses arquétipos atuam como mediadores entre o consciente e o inconsciente, desempenhando um papel crucial na individuação e no desenvolvimento da identidade. De maneira semelhante, no candomblé, o *Orì* serve como um ponto de ligação entre a identidade atual da pessoa e sua ancestralidade, guiando e equilibrando a jornada espiritual do

<sup>3</sup> Acervo pessoal. Mesa para a cerimônia de alimentar *Orì*.

praticante. Ao se aproximar dos arquétipos *Anima* e *Animus*, o *Orì* pode ser visto como uma divindade que permite conectar-se às forças arquetípicas de seus ancestrais, refletindo uma integração essencial entre identidade pessoal e legado cultural.

A aplicação terapêutica dos alimentos nas casas de candomblé evidencia o papel biopsicossocial desses espaços como locais de cura. Em termos de políticas públicas, que buscam reconhecer as manifestações culturais e saberes dos povos tradicionais de matriz africana, destacando a importância dessas casas para a saúde pública, a Resolução nº 715 de julho de 2023 reconhece tais práticas como complementares ao Sistema Único de Saúde (SUS), prenunciando:

(Re) conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e 1ª porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras. (Brasil, 2023).

A Resolução representa uma adição significativa ao arsenal de medidas destinadas a preservar os conhecimentos tradicionais africanos e a combater o racismo estrutural e religioso prevalente na sociedade brasileira. Tal medida prenuncia uma ampliação do escopo da saúde pública no Brasil, que se expande para além da biomedicina e se aproxima de um modelo mais inclusivo e multicultural. A resolução reforça o respeito à diversidade de práticas de cura e à autonomia dos povos de matriz africana, legitimando os terreiros como espaços de saúde, onde o saber ancestral se torna um recurso de resistência e empoderamento.

Ao incluir essas práticas no SUS, a política pública criada é um ambiente propício para o intercâmbio entre medicina tradicional e medicina moderna, registrando a contribuição de alimentos rituais não apenas para a nutrição, mas para o fortalecimento integral dos indivíduos e das

comunidades. Dessa forma, o *candomblé* e suas práticas alimentares terapêuticas são elevados a um status de relevância, refletindo um compromisso com a promoção de uma saúde mais inclusiva, sensível às especificidades culturais e orientadas para o bem-estar integral.

Em uma circunstância iorubá, o *Orì* desempenha um papel central no processo de cura, sendo um elemento crucial para o sucesso ou fracasso do tratamento. Conforme essa tradição, o *Orì* é a essência do indivíduo, contendo todo o material psíquico, incluindo o consciente e o inconsciente. De acordo com a cosmovisão iorubá, nenhuma ação é empreendida ou alcança sucesso sem o consentimento do *Orì Inù*, visto que ele é considerado o Orixá individual do ser humano. O *Orì* é a única divindade que acompanha o indivíduo em todos os momentos de sua existência, tanto na dimensão mítica (*Orun*) quanto na Terra (*Aye*). Essa divindade nunca abandona o ser humano ao qual está associada, pois é considerada o Orixá pessoal do indivíduo, representando uma dimensão profunda e central da psique que, na terminologia junguiana, poderia ser associada ao conceito de *Self*. Do ponto de vista iorubá, o *Orì* é concebido como um órgão responsável pela sobrevivência e pela manutenção da saúde humana, uma vez que gerencia todos os outros órgãos e membros do corpo humano. Sob o ponto de vista iorubá, o *Orì* é concebido como um órgão responsável pela sobrevivência e pela manutenção da saúde humana, uma vez que gerencia todos os outros órgãos e membros do corpo, sendo uma fonte de orientação e de identidade essencial. Dessa forma, o *Orì*, tal como o *Self* na psicologia junguiana, transcende a dimensão consciente e egoica, integrando aspectos inconscientes e proporcionando um senso de totalidade ao indivíduo, o que reflete sua função reguladora e preservadora de equilíbrio.

De acordo com Sàlámi (2018),

*Orì* é a base de informações sobre todos os detalhes do destino, sobre tudo que é vivido desde a concepção até a morte. Mas, o fascinante é que ele não é uma sentença inalterável do destino, pois possui recursos para promover transformações. Aprender sobre *Orì* é aprender sobre a nossa existência, sobre a capacidade de superarmos situações e de adquirirmos autoconhecimento para podermos discernir quanto aos melhores caminhos a seguir. (p.8).

Neste contexto, o *Orì* desempenha um papel crucial nos processos de cura. Inicialmente, isso ocorre através do autoconhecimento e, posteriormente, por meio dos *ebós* realizados nas casas de *candomblé*. Conforme Hall (2014), a psique absorve as experiências vivenciadas, as quais são então transformadas em energia psíquica. Essa dinâmica é comparada ao processo pelo qual o corpo físico consome alimentos, convertendo-os em energia biológica (Hall, 2014, p. 50). Dessa forma, os procedimentos terapêuticos conduzidos nos terreiros transcendem a esfera mítica, alcançando a dimensão psicológica dos indivíduos, resultando na geração de *axé* (força vital) - a energia psíquica - que governa a vontade, os instintos vitais e outras necessidades humanas.

No processo de cura, os elementos elencados para os rituais são concebidos com a finalidade intrínseca de estabelecer uma conexão energética entre o praticante e as forças transcendentais, a fim de promover a restauração do equilíbrio físico, mental e espiritual do consulente. Estes elementos, cuidadosamente selecionados e dispostos conforme as tradições e preceitos rituais, visam à harmonização dos aspectos internos e externos do ser humano, proporcionando-lhe os recursos espirituais e energéticos necessários para a superação de desafios e adversidades, bem como para a consecução de seu propósito existencial. Na representação visual fornecida abaixo, é possível discernir os componentes que integram um *ebó*, um ritual de purificação espiritual e busca pela cura em contextos culturais afro-brasileiros.



Figura 2 <sup>4</sup>- Ebó de limpeza

O ebó é concebido como uma prática ritualística profundamente enraizada na tradição religiosa, destinada a promover a limpeza espiritual e a restauração do equilíbrio metafísico do indivíduo. Sob a perspectiva de CG Jung, esse ritual pode ser interpretado como uma manifestação do inconsciente coletivo, onde os alimentos rituais assumem o papel de arquétipos de regeneração e harmonia. Jung (2019) define o conceito de arquétipo como:

um correlato indispensável à ideia do inconsciente coletivo, que indica a existência de formas na psique que estão presentes em todo o tempo e em todo o lugar. [...] O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste em formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem se tornar conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência. (Jung, 2019, p.51-53 O.C. IX/I § 89-90).

Assim, os alimentos ritualísticos no candomblé se apresentam como símbolos atemporais que canalizam forças regenerativas, conectando o praticar ao seu legado ancestral e ao equilíbrio espiritual.

---

<sup>4</sup> Acervo pessoal.

Os elementos rituais cuidadosamente selecionados e dispostos em conformidade com os preceitos e tradições ancestrais são empregados com o propósito de não apenas induzir a renovação espiritual, mas também de neutralizar influências adversas e promover um estado de bem-estar físico, mental e espiritual. Essas práticas, em diálogo com a visão biológica de Paul Nurse, lançam luz sobre questões fundamentais acerca da natureza da vida, tanto na perspectiva científica quanto nas diversas culturas ao redor do mundo.

Neste contexto, o direito à alimentação, assegurado nas políticas públicas brasileiras, ganha uma nova dimensão: além da garantia de segurança alimentar e nutricional, ele deve garantir o acesso a alimentos que são parte intrínseca das práticas culturais e religiosas, como os do candomblé. Esse direito à alimentação, portanto, vai além da subsistência; ele respeita a diversidade cultural e o livre exercício da fé, confirmando que esses alimentos são fontes de saúde espiritual e física, e ferramentas de resistência cultural. Ao garantir esse direito, o Estado apoia não apenas o bem-estar físico, mas também a preservação da memória coletiva e da identidade cultural que o ebó representa, garantindo que tradições como o candomblé possam florescer em um ambiente de respeito e dignidade.

### **3 CONCLUSÃO**

Em relação à indagação inicial – "O que é a vida?" –, chegamos ao entendimento de que esta questão admite múltiplas perspectivas, sem uma resposta única e definitiva. A vida pode ser concebida como um sistema complexo que transcende a dimensão puramente biológica do organismo. Ao buscar compreender sua essência, é imperativo considerar não apenas os aspectos biológicos, mas também os fatores psicológicos e sociais que compõem a existência humana. Essa rede intrincada de relações, aliada à

interação com outros seres no ecossistema, configura modos diversos e interconectados de existir.

No contexto das políticas públicas, o reconhecimento dos saberes africanos tradicionais, especialmente aqueles aplicados ao cuidado humano nos terreiros de candomblé, promove reflexões fundamentais sobre as diretrizes de saúde pública voltadas à população que frequenta esses espaços. Ao reconhecer os terreiros como centros de cura, o Estado brasileiro adota uma posição que confronta o racismo religioso e outras formas de discriminação, elevando as práticas e conhecimentos dos povos negros ancestrais ao patamar de relevância que lhes é devido. Indivíduos que passaram por processos terapêuticos nesses espaços evidenciam a importância dessas práticas para a promoção da saúde física e psicológica. As cerimônias, como os rituais de iniciação, oferecem ao praticante um profundo mergulho nos ensinamentos sobre ancestralidade, impulsionando o autoconhecimento e fomentando o processo de individuação descrito por Jung, que é essencial para a realização pessoal.

Tal como um ecossistema mantém a interconexão entre todos os elementos vivos, é essencial que, nas práticas terapêuticas, o ser humano seja tratado em sua totalidade, sem separação entre os aspectos físico, psicológico e espiritual. Esta abordagem integral requer que os profissionais de saúde, especialmente da psicologia, adotem uma visão sensível às influências culturais e religiosas que modelam a percepção que cada indivíduo tem de si e de sua relação com a natureza e a diversidade da vida na Terra. Dessa forma, reafirma-se que a vida não pode ser compreendida unicamente sob uma perspectiva biológica. Cada ser humano, com sua singularidade, demanda cuidados que respeitem sua complexidade, permitindo aos profissionais de saúde reconhecerem que doenças e sofrimentos podem se manifestar de formas variadas.

Os cuidados praticados nos terreiros de candomblé do Brasil representam um recurso terapêutico alternativo fundamentado em saberes ancestrais, os quais podem ampliar o entendimento sobre as causas do sofrimento humano. A abordagem holística da saúde, que integra os aspectos



físico, mental, emocional e espiritual do ser humano, é essencial no contexto dos cuidados contemporâneos. Ao considerar o ser humano em sua totalidade, os profissionais da saúde estão mais bem equipados para diagnosticar e tratar não apenas os sintomas visíveis das doenças, mas também suas causas profundas e os impactos emocionais e psicossociais envolvidos. Os recursos terapêuticos empregados nas casas de candomblé, enraizados em tradições ancestrais, oferecem uma abordagem complementar que enriquece a compreensão e o tratamento do sofrimento humano. A incorporação desses conhecimentos ao lado das práticas médicas convencionais pode aprimorar os resultados terapêuticos, promovendo uma abordagem integrada e abrangente para a saúde e o bem-estar dos indivíduos. Assim, com base nas perspectivas de Jung e Nurse, ressaltamos que a vida e a saúde devem ser compreendidas em sua profundidade e complexidade, englobando as múltiplas dimensões que constituem o ser humano.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, CNS - Conselho Nacional de Saúde - **Resolução nº 715**, de 20 de julho de 2023. Acesso: 04 de agosto de 2023. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes-cns/3092-resolucao-n-715-de-20-de-julho-de-2023>.

FILHO, Fernandez Portugal. **Elebo -Magias e Oferendas Afro-brasileiras**. 3ª ed. SP: Isis, 2020.

GLEISER, Marcelo. **O caldeirão azul: o universo, o homem e seu espírito**. 1ª edição - Rio de Janeiro: Record, 2019.

HALL, Calvin S., 1909-1985. **Introdução à psicologia junguiana**/ Calvin S. Hall, Vernon J. Nordby; tradução de Heloysa de Lima Dantas. -1ª edição - 11ª reimpressão - São Paulo: Cultrix, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**/ C.G. Jung. O. C. IX/2, §§20-45, §§59-75. Petrópolis, Ed. Vozes, 2009.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e Transcendência**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2015 6ª reimpressão, 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**/ C. G. Jung. O.C. IX/ 1 . Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - 11ª. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014. 8ª. reimpressão, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**/ C. G. Jung O. C. VI - Petrópolis: Vozes, 2013.

NURSE, Paul. **O que é a vida?: Compreendendo a biologia em cinco passos.** 1ªEd. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

SÀLÁMI, Síkírù. **Orì: Orixá Pessoal e Guardiã do Destino.** Centro Cultural Oduduwa. – Material do curso de Orí ministrado por Bàbá King. .



## SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

### Bruno Correia da Mota

Doutorando e Mestre em Psicologia pelo PPGPSI-UFRRJ e Graduação de Psicologia pela UNESP. Coordenador de Articulação Política da ANPSINEP – Articulação Nacional de Psicólogas (os) Negras (os) e Pesquisadoras (es). Docente universitário, Psicólogo (CRP: 06/137686), Pesquisador das Relações Étnico-Raciais e Estudos Pós-Junguianos. É docente universitário da FAM - Centro Universitário das Américas.

### Kelly Xavier Madaleny

Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro (SME-RJ) e pesquisadora dedicada à Educação Antirracista. Sua trajetória profissional é marcada pelo compromisso com práticas pedagógicas que promovem equidade racial, acolhimento e valorização da diversidade cultural brasileira no ambiente escolar. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) desenvolveu a tese *“Orí Inú e o processo de individuação em Carl Gustav Jung: a vida sagrada de uma educação de terreiro ou de sala de aula”*, articulando saberes ancestrais africanos e fundamentos da psicologia junguiana. Também é Mestra em Educação para as Relações Étnico-Raciais pela mesma universidade. Seu interesse de pesquisa e escrita concentra-se na intersecção entre Psicologia, Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e Culturas Ancestrais, buscando caminhos que fortaleçam epistemologias afro-diaspóricas dentro e fora da escola. Como escritora, Kelly Madaleny produz materiais que auxiliam no enfrentamento do racismo estrutural e incentivam práticas educativas mais sensíveis, plurais e transformadoras. Residente em Seropédica, RJ, administra a Ilê Asè lyami Odò Ogunté, casa dedicada à preservação e à circulação dos saberes ancestrais dos povos negros africanos. Nesse território, articula espiritualidade, pesquisa e educação, reafirmando o compromisso com memória, justiça racial e construção coletiva de outras possibilidades de futuro.

### Melissa Fernandes Manhães

Melissa Fernandes Manhães é Mestra em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPSI-UFRRJ), especialista em Psicologia Analítica, Gênero e Sexualidade em Contextos Clínicos e Educativos, bem como Direito e Processo do Trabalho. É bacharel em Direito, atuando como assessora de juiz na Justiça do Trabalho (TRT1) e taróloga.

**Coletânea Carl Gustav Jung & Paul Nurse: epigenética e ecos culturais de uma homeostase psíquica**  
**Copyright © LaPsiAfro - UFRRJ e Autores, 2023. Todos os direitos reservados.**



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

### **Nilton Sousa da Silva**

Doutorado em Psicologia (UFRJ); Pós-Doutorado em Serviço Social (PUC-Rio); Mestrado em Filosofia (UERJ); Formação em Psicologia (UGF); Licenciatura em Psicologia (UGF) e Bacharelado em Psicologia (UGF). Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), do Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da UFRRJ. Supervisor Clínico de Base Junguiana no Serviço Escola de Psicologia (SEPsi) da UFRRJ. Afiliado à ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as). Membro do GT-AION - Interdisciplinaridades da Pesquisa em Psicologia Analítica no Brasil, GT filiado à ANPEPP / CNPq. Psicoterapeuta Junguiano com experiência na área da Saúde Clínica, Social e Educacional.

### **Pamela Cristina Salles da Silva**

Psicóloga e psicoterapeuta. Doutoranda em Psicologia - UFRRJ. Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Especialista em Psicologia Clínica e da Saúde com ênfase em Psicologia Analítica pelo CEPS - UniFil. Experiência em docência de graduação e pós-graduação em Psicologia. Possui experiência em Políticas Públicas de Cultura em nível municipal, estadual e federal. Educadora com formação no magistério e experiência na educação infantil, ensino fundamental e socioeducação. Contadora de histórias e pesquisadora das tradições culturais. Colunista da Rádio UEL FM- Escuto Histórias de Amor dos Orixás-2024. Escritora do livro infantil A aventura de Cida em Brankitudy. Bolsista Fundação Palmares Mobilidade Cultural 2023-2024. Atuou como conselheira secretária do Conselho Regional de Psicologia do Paraná - CRP08 gestão 2022 - 2025, integrando o corpo editorial da Revista Cadernos de Psicologias e coordenando a Comissão Étnico-Racial, e de Avaliação de Especialistas e Comunicação Social do CRP-08.

### **Ricardo de Queirós Batista Ribeiro**

Pós-doutorado pela Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa - Portugal. Doutor em Psicologia e Mestre em Psicologia, ambos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), graduado em Bacharelado em Psicologia (formação de Psicólogo) pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Possui, também, especialização lato sensu em Psicopedagogia com ênfase institucional, especialização lato sensu em Psicologia Analítica Junguiana, especialização lato sensu em Psicologia Positiva e Coaching, e especialização lato sensu em Filosofia - Ontologia e Epistemologia. Atualmente atua como Professor de Psicologia e Pesquisador na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e é líder do Grupo de Pesquisa na AMAN/CNPQ - Psicologia e Psicopedagogia e suas aplicações na Educação Militar, com fomento do Pró-Pesquisa CADESM/DECEX. Membro da Rede de Pesquisa em Paz, Conflitos e Estudos Críticos em Segurança (PCECS) e do Laboratório de Psicologia e Informações Afrodescendentes (LaPsiAfro-UFRRJ). Integrante do GT AION - Interdisciplinaridades

da Pesquisa em Psicologia Analítica no Brasil, da comunidade de pesquisadores da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia e Psicoterapia Junguiana (C. G. Jung); e Psicologia e Psicoterapia Fenomenológica Existencial.

#### **Tione Echhardt Vieira de Carvalho**

Teólogo (Bennett), pós-graduado em Cultura Afro-brasileira (FIJ) e em Docência do Ensino Religioso (Unicv), Mestre e Doutor em Psicologia (UFRRJ). Autor de livros nas áreas de teologia e filosofia. Palestrante e apresentador do programa Aspectos (YouTube).

#### **Túlio Alcântara Valente**

Psicólogo - Graduado e Licenciado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Psicologia Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorando em Psicologia Social - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.



